Descrição da Quinta de Belas

Domingos Caldas Barbosa

Descrição da Quinta de Belas

Edição | Glossário botânico
Estudos críticos

Luiza Sawaya
Vítor Serrão
Ana Isabel Correia

Domingos Caldas Barbosa

Domingos Caldas Barbosa

Descrição da Quinta de Belas

Edição | Glossário botânico
Estudos críticos

Luiza Sawaya
Vítor Serrão
Ana Isabel Correia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

D671 Domingos Caldas Barbosa [recurso eletrônico]: Descrição da Quinta de Belas / organizado por Luiza Sawaya, Vítor Serrão, Ana Isabel Correia. – São Paulo: Editora Unesp Digital / CLEPUL, 2019.

Inclui índice e anexo.
ISBN: 978-85-9546-327-1 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Século XVIII. 3. Pré-Romantismo. 4. Barbosa, Domingos Caldas. 5. Quinta de Belas. I. Sawaya, Luiza. II. Serrão, Vítor. III. Correia, Ana Isabel. IV. Título.

CDD 869.909
2019-395 CDU 869.0(81)

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto «UID/ELT/00077/2013»

Domingos Caldas Barbosa

Descrição da Quinta de Belas

Edição | Glossário botânico
Estudos críticos

Luiza Sawaya
Vítor Serrão
Ana Isabel Correia

Lisboa
2018

Índice

Apresentação da Coleção

A Coleção Brasil, publicada em formato eletrônico pela Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização – vinculada ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) – em parceria com a Fundação Editora UNESP (FEU), visa dar a conhecer, tanto aos especialistas como ao público interessado, um amplo e significativo conjunto de textos inéditos ou esquecidos do patrimônio literário, histórico e cultural do Brasil, a par com ensaios redigidos por especialistas nacionais e estrangeiros sobre questões e temas novos ou pouco abordados no campo dos estudos brasileiros.

Nesse conjunto, lugar de destaque é atribuído a obras fundadoras da literatura brasileira, a textos dispersos de escritores luso-brasileiros e a documentos históricos e literários que ainda permanecem em manuscritos de localização e leitura difíceis ou cuja publicação no Setecentos ou no Oitocentos, em particular em periódicos e obras coletivas, há muito se apagou da memória cultural referente ao Brasil. A edição desses escritos de grande valor histórico e/ou estético em *ebook,* com ortografia atualizada, estudo introdutório e notas explicativas torna-los-á acessíveis a uma infinidade de leitores de todo o mundo.

Entre os primeiros volumes da coleção contam-se, além da obra com a qual a estamos inaugurando – a *Descrição da Quinta de Belas*, de Domingos Caldas Barbosa, praticamente esquecida mesmo entre os estudiosos do Brasil e de Portugal após a sua edição *princeps* datada de 1799 –, três coletâneas da poesia de José Basílio da Gama, entre as quais se destaca o poema latino *Brasilienses Aurifodinae*, até hoje inédito e não traduzido. O conjunto da poesia lírica deste importante árcade mineiro, que pertenceu à Arcádia Romana, glorificou a administração pombalina e residiu em Portugal a maior parte da sua vida, incluirá composições desco-

nhecidas ou com versões diversas das anteriormente publicadas. Igualmente de assinalar é o volume em que serão publicadas as sátiras que, assinadas com pseudônimos, Olavo Bilac escreveu para alguns dos periódicos em que colaborou, tendo em seu testamento, segundo o testemunho de Eloy Pontes, proibido a sua reedição.

A coleção editará, por outro lado, ensaios resultantes de pesquisas recentes em áreas de conhecimento ainda não exploradas, levadas a cabo por investigadores que se dedicam ao estudo da cultura, da literatura e da história do Brasil, entre os quais a reconstituição e análise de um período fundamental da vida e da militância política de Jorge Amado, na altura em que esteve exilado na França e na Tchecoslováquia, e em que manteve estreita ligação com intelectuais e artistas estrangeiros com semelhante posicionamento ideológico, da autoria do investigador luso-canadense Rui Afonso, e o estudo da recepção de Lima Barreto em Portugal, realizado por João Marques Lopes, enquanto bolseiro da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Estes são apenas os propósitos iniciais de uma série que busca ser extremamente profícua na divulgação de relevantes obras e documentos do e sobre o Brasil. Dirigida pelas Doutoras Vania Pinheiro Chaves (Universidade de Lisboa) e Tânia Regina De Luca (UNESP), a Coleção Brasil agrega um Conselho Científico formado por especialistas nos diferentes campos de conhecimento que abarca. Plurinacional, esse conselho reúne professores e pesquisadores de diversas instituições portuguesas, brasileiras e estrangeiras, cuja principal função é a avaliação das obras a publicar. A competência, isenção e o número destes conselheiros não os impede de publicar na Coleção Brasil, especialistas que são nas matérias que avaliam, sendo a apreciação do trabalho de um deles realizada por outros membros do referido Conselho.

Lisboa / São Paulo
Vania Pinheiro Chaves e Tânia Regina De Luca

Critérios de Edição

O processo de reprodução textual da *Descrição da Quinta de Belas*, de Domingos Caldas Barbosa que aqui se apresenta não foi, à partida, demasiado complicado, uma vez que a obra nos foi transmitida por um só testemunho impresso. A tarefa de reeditá-la levou em consideração o fato de o texto não revelar uma ortografia uniforme, o que se deve quer à instabilidade da ortografia da língua portuguesa no final do século XVIII, quer à intervenção do editor e do seu tipógrafo, quer à probabilidade de o texto não ter sido objeto da revisão do autor. Deparamo-nos, portanto, com inúmeras gralhas, o que determinou um resultado final não inteiramente satisfatório.

Não tendo como objetivo uma edição diplomática, foram estabelecidas normas para a transcrição da edição *princeps*, que dizem respeito não só aos tipos e tamanhos das letras, mas ainda a outros aspetos que se explicitam a seguir. A ortografia foi uniformizada e atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, variante de Portugal. O itálico foi conservado sempre que apareceu no original, posto que o autor teria em vista destacar um vocábulo, uma frase, uma citação, ou qualquer outro aspeto do discurso. Respeitou-se a utilização da maiúscula ou minúscula, em palavras a que o autor procurou dar particular destaque. Atualizou-se a grafia dos nomes próprios. Tal como o vocabulário e a sintaxe, a pontuação é elemento característico não só de uma época, mas também do estilo de um autor que, por meio dela, imprime aos seus textos um ritmo peculiar. Consequentemente, procurou-se preservá-la, alterando-se apenas os erros mecânicos e os casos de difícil compreensão nos dias de hoje.

Considerou-se que a inclusão de um aparato crítico que referisse todas as alterações introduzidas no texto de Caldas Barbosa o sobrecarregaria, devido à sua extensão, e limitaria a leitura a um número reduzido de especialistas. Optou-se, portanto, pela atuali-

zação ortográfica e correção das gralhas, sem o assinalar. Por outro lado, o texto da *Descrição* está acompanhado por um Glossário Botânico, elaborado pela Doutora Ana Isabel Correia (Universidade de Lisboa) e por notas de rodapé que facilitam a sua compreensão e contextualização. Tais notas servem quer para referir certos aspetos e problemas do original, quer para esclarecer questões consideradas essenciais, tais como o emprego de termos ou expressões em desuso, quer ainda para identificar citações, acontecimentos, escritores, fidalgos, personalidades históricas e figuras lendárias ou mitológicas, além de outras referências menos conhecidas. Poder-se-á pensar que algumas dessas anotações seriam desnecessárias, mas considerou-se preferível o excesso à falta. Estão também copiadas no rodapé as notas da edição original, precedidas da devida indicação.

Luiza Sawaya

Descrição da Quinta de Belas

DESCRIPÇAÕ
DA
GRANDIOSA QUINTA
DOS SENHORES
DE
BELLAS,
E
NOTICIA DO SEU MELHORAMENTO,
OFFERECIDA
A' ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA
SENHORA
D. MARIA RITA
DE CASTELLO BRANCO CORREA
E CUNHA,
CONDEÇA DE POMBEIRO,
E SENHORA DE BELLAS,
POR SEU HUMILDE SERVO
O BENEFICIADO
DOMINGOS CALDAS BARBOZA,
CAPELLÃO DA RELAÇÃO.

LISBOA: M. DCC. XCIX.

NA TYPOGRAPHIA REGIA SILVIANA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Descrição da grandiosa quinta dos Senhores de Belas e notícia do seu melhoramento, oferecida à ilustríssima, e excelentíssima senhora D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, Condessa de Pombeiro, e Senhora de Belas, por seu humilde servo o beneficiado Domingos Caldas Barbosa, Capelão da relação

BELAS

O Deleitoso sítio de Belas, a abundância das suas frescas e virtuosas Águas, os seus viçosos Pomares e Quintas e, mais que todas, a famosa dos Condes de Pombeiro, com seu antigo, respeitável Palácio Senhorial, têm[1] sido muitas vezes o empenho de sábias e delicadas penas[2]. A História e a Poesia acharam sempre ali assuntos heroicos e célebres com que ocupar e distinguir os seus mais esmerados Alunos[3].

---

1 No original: «tem».

2 São inúmeras as obras sobre esta quinta. A mais antiga talvez seja a *Crônica de D. Pedro I,* de Fernão Lopes, sendo este rei um dos antigos proprietários da Quinta de Belas.

3 O cenário natural em que se encontra o Paço Senhorial e a Quinta de Belas reflete o seu valor artístico já na segunda metade do século XVII, fixando o momento da chegada dos Castelo Branco como seus proprietários. Desde então a Quinta de Belas era considerada o Parnaso, mantendo este estatuto por mais de um século. (Cf. RODRIGUES *et al.* 2012: 4 e 12)

Os Historiadores nos fazem ver estes Bosques dando asilo aos traídos valerosos Lusitanos[4]. Aqui o insigne Capitão Viriato, que tantas vezes abatera o voo das Águias Romanas, sendo por obra de treição derrotado, se recolheu a estas Matas e achou nelas o extremo asilo, escapando à vergonha de entregar e pôr aos pés de seus Adversários a sua espada invicta. Aqui a deixou aos Portugueses, Herdeiros que sucederam no valor ao Povo guerreiro[5] que ele Capitaneara.

Muitas destas mesmas corpulentas, desmedidas árvores, estendendo seus viçosos primeiros ramos, talvez assombrassem com eles o lugar a que o cego Amor, contra o querer da ventura, trazia o constante e justiceiro Pedro com a belíssima Esposa[6], que só ele então lhe aprovava. Cantou aqui a Poesia[7] tão alegremente as Graças da satisfeita Inês quão desconsolada a chorou depois nos saudosos Campos do Mondego, aonde, desde esse tempo, se deu a crer pelas antigas Musas que a Terra, enternecida da sorte desastrada destes amores, brotara em perene torrente de lágrimas.

Também neste sítio ainda se respeita o precioso Monte que, no seu rico seio gerara e dera, para esmaltar a Coroa de nossos Reis, muitas pedras preciosas. Eram das Minas de Suímo[8] as que se assemelham à rúbida grã da coroada Romã e assim o eram as roxas Ame-

---

4 Diante da derrota que lhe causara Viriato, Roma envia o general Servílio Cipião que renova os combates contra o chefe lusitano, o qual mantém superioridade militar, forçando o general romano a pedir uma nova paz. Descontente, Cipião recorre ao suborno dos companheiros de Viriato que o assassinaram enquanto dormia. Correm muitas lendas a respeito de Viriato e de sua morte e não é certo que se tenha recolhido em Belas.

5 Supõe-se que este povo guerreiro pertencesse a tribos da etnia dos iberos, lígures ou celtas que habitaram a região a que os romanos chamaram de Lusitânia.

6 Sabe-se que nos anos de 1364 a 1366 o rei D. Pedro I, proprietário da quinta por expropriação de Diogo Lopes Pacheco, passou temporadas em Belas com D. Inês de Castro, quando procedeu à edificação de uma torre e de outras construções na propriedade.

7 Referência ao episódio de Inês de Castro de *Os Lusíadas*.

8 Tais minas se localizavam na região de Belas, próxima à antiga barragem e aqueduto romanos (III d.C.). Delas se extraíam granadas, primeiramente referidas pelo escritor lusitano Bacchus e também por Plínio.

tistas. Igualmente se acharam ali os graciosos Jacintos[9], os acesos Rubins e as verdes Esmeraldas, que nos antigos tesouros aparecem enriquecendo muitos dos atavios dos nossos primeiros Príncipes e Senhores. Estas pedras lhes serviam, antes que as ousadas Quilhas Portuguesas trouxessem do descoberto berço da Aurora[10] as Pérolas luzentes e outras pedras brilhantes, com que as nossas não se envergonharam de emparelhar.

É aqui mesmo, e neste mesmo Palácio[11], que o afortunado, glorioso Rei D. Manuel[12] veio repartir com sua Real Mãe, a Sereníssima Senhora Infanta D. Brites, o prazer de lhe deparar o Céu um Mundo novamente[13] descoberto[14], com cujo Senhorio afortunava e engrandecia mais o respeito do seu Trono e da abençoada Monarquia Portuguesa.

Belíssima Neta do grande Vasco da Gama[15], tendes assaz razão de gloriar-vos do Senhorio deste respeitável terreno, em que, com muitos outros Heróis Portugueses, se viu ajoelhar aos pés da Mãe do seu Rei aquele pasmosíssimo Homem[16] que fizera tremer de respeito

«Os mares nunca dantes navegados»[17].

Não me cabendo agora nenhuns desses Grandes Assuntos que duram na vida do prelo, honrando a memória de seus facundos

---

9 Pedras preciosas de duas origens: as do Oriente têm cor de casca de laranja e as da Boêmia são vermelho-escarlate.

10 Referência ao Oriente, provavelmente ao Japão.

11 Indicação de que o texto estava sendo escrito naquele momento, mais precisamente em 1784, durante a primeira visita de Caldas Barbosa à quinta.

12 D. Manuel I herdou a Quinta de Belas de seus pais, o Infante D. Fernando, Duque de Viseu, casado com D. Brites. Realizou grandes melhoramentos e ampliações que deram ao Paço a configuração que hoje tem.

13 Palavra usada com o sentido de «recentemente».

14 Referência ao descobrimento do Brasil.

15 Referência à Condessa de Pombeiro, proprietária da Quinta de Belas, a quem é oferecido este texto.

16 Vasco da Gama.

17 De *Os Lusíadas*: «Por mares nunca dantes navegados» (canto I, est. I, v. 3).

Escritores[18], atrevo-me ousadamente a lançar mão dos restos[19] que a ocasião oferece ao meu génio carecido e ambicioso de glória.

Não é pequena a que eu sonho alcançar da ousadia de estradar-me[20] pelas pisadas do verídico Brandão[21], do indigador[22] Barreiros[23], do noticioso Carvalho[24] e até do eruditíssimo

---

18 Referência à importância do prelo para salvaguardar as obras na posteridade. Daí que Caldas tenha se preocupado em publicar os seus escritos.

19 Palavra usada com o sentido de «assuntos menores».

20 Verbo com sentido de «servir-me dos mesmos caminhos», «basear-me».

21 Ambrósio Fernandes Brandão, cristão-novo, possuía engenhos de açúcar na Paraíba por volta de 1613. Capistrano de Abreu e Jaime Cortesão comprovaram a sua autoria dos *Diálogos das grandezas do Brasil*, mostrando ser ele o personagem Brandónio desta obra fundamental para o conhecimento, tanto da História do Brasil, como da História da Cultura Portuguesa e da sua importância no mundo.

22 Atualmente: «indagador».

23 Gaspar Barreiros (Viseu, c. 1515-Viseu, 1574), clérigo e erudito português que se notabilizou como o mais antigo genealogista português e um dos melhores geógrafos do seu tempo. Era irmão do Dr. Lopo de Barros, cónego da Sé de Évora, ambos filhos de Rui Barreiros de Seixas, cavaleiro fidalgo da Casa Real e de sua mulher e prima Maria de Barros, meia-irmã do historiador João de Barros, autor das *Décadas*. Estudou Retórica e Aritmética, doutorando-se em Teologia na Universidade de Salamanca. Nessa época foi tomado como fidalgo da Casa do cardeal infante D. Henrique, com quem viveu vinte e cinco anos, sendo por ele enviado a Roma, onde exerceu o cargo de embaixador e agente de negócios de Portugal. Durante este largo período fez indagações e anotações para a sua *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXXV começado na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia*. É também autor do manuscrito genealógico *Verdadeira nobreza ou linhagens antigas de Portugal*. Em inícios de 1574, foi chamado para continuar as *Décadas* de seu tio João de Barros, mas declinou, por se sentir doente, vindo a falecer pouco depois.

24 António Lobo de Carvalho (Guimarães, c. 1730 – Lisboa, 1787) é filho de Diogo Ferreira da Silva e de Jerónima Lobo. Ignora-se que tipo de educação recebeu, mas sua índole turbulenta o obrigou a fugir para o Porto, onde passou a residir até mudar-se definitivamente para Lisboa. Aí deu largas ao seu talento de poeta satírico, tendo recebido a alcunha de «Pasquim vivente». Ficou também conhecido como «O Lobo da Madragoa», talvez por isso Caldas Barbosa o tenha referido como «noticioso Carvalho». Faleceu solteiro, sendo sepultado no extinto Convento de Jesus da Ordem Terceira de S. Francisco, da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês. Uma boa parte das suas poesias foi provavelmente publicada em para Lisboa, sendo editada por Inocêncio Francisco da Silva em 1852, com o título de *Poesias joviaes e satyricas*. Estas informações foram-me gentilmente cedidas pelo Doutor Ernesto Rodrigues (CLEPUL-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), a quem sinceramente agradeço.

Faria[25], a quem só não sigo em mascarar de Castelhano maravilhas tão Portuguesas como ele o era.

Finalmente eu me proponho descrever o que o Tempo respeita, ainda antigo, nesta Grandiosa Quinta; e copiarei juntamente, como me for possível, o que a faz hoje melhorada em beleza e até mais bem-dotada. Farei assim que esta verdade possa depor para o futuro[26], em honra dos presentes seus Magnânimos Possessores[27].

Aumentar e misturar o útil com o agradável e respeitoso da célebre e antiga Quinta dos Senhores de Belas pareceu uma empresa que a Sorte guardara para o senhor José de Vasconcelos e Sousa, tendo de o doar em Consórcio[28] à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, Digníssima Herdeira deste antigo Senhorio.

Nós, acompanhando aos novos Senhores de Belas, a primeira vez que assim visitam esta sua Quinta, e fazendo desde então parti-

---

25 Manuel de Faria e Sousa (Felgueiras, 1590 – Madrid, 1649) foi um dos homens mais eruditos do seu século, gozando de uma elevadíssima reputação literária. As suas obras foram quase todas escritas em língua castelhana, pátria que adotou. Em 1618, partiu para Madrid com a função de secretário particular do Conde de Muge, Pedro Álvares Pereira, secretário de estado de Filipe II de Portugal. Aprendeu rapidamente o castelhano e, passados três anos, publicou poesia nessa língua, que vem a ser sua língua de predileção. Apesar de escrever quase tudo em castelhano, dedicou a maior parte da sua obra a Portugal. À escolha dessa língua deve-se o facto de, durante a maior parte da sua vida, Portugal fazer parte do Reino de Espanha e de a língua castelhana ser consideravelmente mais divulgada na Europa que a portuguesa. Para dar a conhecer as façanhas dos portugueses, e mesmo a grande obra do «seu poeta» Camões, entendeu certamente que era a melhor solução. Gozando de grande notoriedade, veio a ser Secretário de Estado do Reino de Portugal, cargo que desempenhou em Lisboa, e depois Secretário da Embaixada de Portugal em Roma. A Manuel de Faria e Sousa se deve o primeiro estudo qualificado sobre a vida e obra do grande poeta.

26 A garantia da sobrevivência de uma obra é uma preocupação permanente de Caldas Barbosa.

27 Referência aos proprietários da quinta na altura da redação do texto, os Condes de Pombeiro.

28 Com a morte de D. António de Castelo Branco (5.º Conde de Pombeiro) em 1784, sua filha e herdeira D. Maria Rita, torna-se a 6.ª Condessa de Pombeiro e nova proprietária da Quinta de Belas. Pela antiga legislação, o marido assume a propriedade e o título da mulher, «tendo de o doar em Consórcio», como escreve Caldas.

cular memória do que nela achámos, teremos assaz prova para o que nos adiantamos a dizer[29].

Quando a estrada, que de Lisboa se encaminha à antiga Vila de Belas, se vai avizinhando ao termo daquele Senhorio, desce pelo áspero Caranque[30], lugar já daquela Freguesia; e ali por uma pequena Ponte atravessa o fértil Ribeiro que, depois de regar viçosos Pomares, vai com Água sobeja dar força às triplicadas rodas de uma Grande Azenha[31], que bem serve aos Lavradores daquela Vizinhança. Dali mesmo principia a subir, dirigindo o seu Caminho pela encosta do Monte, que em meio oferece aos Caminhantes o refrigério de uma Fonte; e, começando dali a poucos passos a descer por entre o lugarejo que se nomeia Pendão[32], o qual é a primeira marca daquele termo, mostra defronte a respeitável, espaçosa Quinta dos Senhores de Belas.

Aparece ela Senhorilmente encostada em uma Graciosa Serra; e, coroada de uma frondente Mata, olha dali altivamente para aquela que tomou o nome da Fábula de Cíntia[33], julgando-se esta digna de honras mais verdadeiras. Com este agradável encosto, vemos esta Quinta sentar-se e estender-se, por quase duas milhas, em um Gracioso Vale, dando na sua direita espaçosa passagem à Estrada Real[34],

---

29 Nova referência à primeira visita de Caldas à Quinta de Belas, na companhia dos Condes de Pombeiro, em 1784.

30 Alusão à ribeira do atual Carenque, ou ribeira das Águas Livres. Este curso de água, que nasce na vertente sul das colinas da serra da Carregueira e se junta ao rio Jamor imediatamente a sul do Palácio de Queluz, pertence à bacia hidrográfica dos concelhos de Sintra, Odivelas e Amadora. Nele situa-se a Barragem romana de Belas e o Aqueduto romano da Amadora, importantes estruturas de captação e adução do Aqueduto das Águas Livres.

31 Moinho de roda movido a água.

32 Queluz, Ponte Pedrinha, Massamá e Pendão eram freguesias pertencentes à geografia da região envolvente de Lisboa.

33 Na mitologia grega, Cíntia ou Ártemis, irmã gêmea de Apolo, é considerada deusa da Lua. Outrora os celtas chamavam Serra de Cíntia ou da Lua à de Sintra. Sendo esta a origem mais remota do termo, explica-se a comparação de Caldas.

34 A antiga Estrada Real, que ligava Lisboa a Sintra, está atualmente envolvida na malha urbana da freguesia da Falagueira e localiza-se junto a uma das artérias principais da Amadora, a Rua Elias Garcia.

a qual, volteando-se comodamente, quando lhe convém, e passando por baixo de um ducto que conduz a água que serve à mesma Quinta, vai entrar no exterior logradouro do Palácio e dali à Praça da Vila que imediatamente lhe está fronteira. Deixemo-la e voltemos os passos ao objeto a que nos destinamos.

Este antigo e respeitável Edifício é o Palácio dos Senhores de Belas. A Varanda Gótica, que adorna o seu prospeto, nos atesta a sua veneranda Antiguidade[35]. O Mirante que aparece neste ângulo, coberto de uma pequena Abóbeda gomeada e o delicado colunelo que reparte e sustém a sua rasgada janela, estes figurinos que entremeiam com pilares os proporcionados buracos que rasgam a mesma Varanda, assim, dão a conhecer aos Entendedores o tempo desta Arquitetura e Escultura. Belém e a Batalha nos mostram obras da mesma escola[36].

Parece que são alguma cousa mais modernos os dous Génios, que sustentam a tarja das Armas de Castelos Brancos[37] [e] que se estão vendo ali sobre a janela rasgada por baixo desta mesma Varanda. Naquele meio relevo, é admirável a graça com que são contornados aqueles dous Corpos dos Génios e a energia com que arregaçam as pontas da Cortina que pende da boca do Leão do Timbre[38].

É igualmente assim primoroso o grande Painel do Castigo de

---

35 Sua construção é anterior ao século XIV.

36 A varanda e todos os demais elementos descritos acima são ainda visíveis atualmente e encontram-se na muralha poente do Paço Senhorial de Belas que apresenta características dos estilos gótico e manuelino utilizados nos monumentos citados.

37 Referência à passagem desta propriedade, na segunda metade do século XVII, para D. António de Castelo Branco da Cunha Correia de Menezes, 2.º Conde de Pombeiro. Este realizou melhoramentos que atestam o seu poder político e militar, dando início à transformação e modernização do Paço e da Quinta de Belas em lugar de recreio, o que teve seu epílogo no século XVIII com D. Maria Rita, Condessa de Pombeiro.

38 O escudo de armas dos Castelo Branco estampa um leão de cuja boca pende uma cortina, sendo ele ladeado por duas figuras (génios) que levantam suas pontas. Atualmente este brasão está muito deteriorado e mal se distinguem as suas figuras representativas.

Midas[39], quando admitiu ao horrendo Mársias[40] a disputar primazias com o suavíssimo Apolo. O Painel denota a sentença já dada a favor do grosseiro Sátiro e mostra o néscio Julgador[41] também já castigado pelo Pai dos Deuses[42], que no meio se vê sentado, tendo a seus pés, para melhor conhecer-se, a Águia que lhe ministra os raios. À sua direita, com a Lira na Mão, vemos em pé o desafiado Presidente do Parnaso[43], a quem assistem as Musas, mostrando-se admiradas de tamanha ousadia no Contendor[44], e de tanta necedade, e sandice no que lhe julgara a preferência. A Filha do Cérebro de Jove[45] também assiste ali armada, como a pintam, quando a nomeiam Palas; vendo--se no ramo de uma Oliveira, que ali oferece sombra, o Mocho[46] que os Crédulos Atenienses lhe consagraram, como Ave que vigia esperta nas horas noturnas, acomodadas à estudiosa vigilância. Da parte esquerda de Júpiter está primeiro Midas, a quem as Orelhas já se mostram tão crescidas que sobem muito acima das abas do seu barrete.

---

39 Painel de baixo relevo de gosto maneirista, datado da segunda metade do século XVII e mandado fazer pelo 2.º Conde de Pombeiro, D. António de Castelo Branco. É reprodução de uma gravura holandesa de Hendrik Golttzius (1558-1617). Foi realizado na parede que completa a fachada do Palácio e mandada construir sob o varandim, inutilizando-se uma segunda entrada para o Paço. Atualmente, a degradação deste painel é quase completa, mal sendo possível reconhecer-lhe as figuras (RODRIGUES 2014: 4 e 8).

40 Mársias (ou Pã), sátiro da Frígia, encontrou um dia a flauta que Atena havia descartado, amaldiçoando quem a recolhesse. Mársias, encantado com o seu som, decidiu desafiar Apolo para uma competição, onde o vencedor teria direito de punir o perdedor. Foram árbitros deste torneio o deus Tmolo, Midas e as musas Urânia, Terpsicore e Euterpe, que votaram a favor de Apolo, enquanto Midas preferiu Mársias. Enfurecido, Apolo castigou o soberano fazendo com que lhe nascessem orelhas de burro que Midas procurava esconder, ocultando-as sob sua coroa. Quanto a Mársias, esfolou-o vivo e seu sangue derramado deu origem ao rio Mársias.

41 Midas.

42 Segundo Rui Rodrigues, trata-se do Deus-monte Tmolo e não de Júpiter (RODRIGUES 2014: 8, 10 e 18).

43 Apolo.

44 Mársias.

45 Palas Atena.

46 Coruja, ave predileta de Atena.

O Nume vingador[47] assim o punira pela estultice do seu voto, com dar-lhe orelhas de um Animal tão estólido[48]. Junto a ele se vê o cornígero caprípedo Sátiro[49] que, ainda mostrando a insolente arrogância que no certame lhe dera um tal voto, traz na mão o rouco instrumento do seu triunfo injusto; e são ali testemunhas alguns seus semelhantes, trepados em um bem expresso corpulento Sobreiro.

Não expressa mais este Painel, que acaba de afermosear-se, por um lado e outro, com as bem copiadas frutas[50], que o seu gracioso moldurado mostra pendurarem-se da boca de dous Leões, e param sobre a escamosa cauda de dous Delfins que, pousando sobre o Lago, parecem querer entrar nele. Este Lago, que é um quadrilongo, tem 58 palmos de comprido e 21 de largura com 6 de fundo, e se enche continuamente pela boca de outro Leão que, mostrando a Cabeça por baixo da Tarja que já dissemos, despeja sempre um grande chorro[51] de água.

É igual a que cai de uma bica em outro Lago que fica à direita da porta que dá entrada ao mesmo Palácio. Este segundo Lago, pois, que, voltando com a parede, toma ali uma forma angular, tem em toda a Linha exterior do ângulo 48 palmos e de largura no vão mediário vinte, e faz ângulo para o lado esquerdo, com 17 palmos de comprido, no qual tem 16 de largo e também 6 de fundo. No ângulo interior junto à parede se ergue do fundo uma Coluna de 12 palmos, de obra Toscana, a qual, no seu Capitel, sustém a bica que lança sobre o Lago a torrente que o enche. Esta água vem ali entrar por debaixo de outro Leão que, erguido sobre os pés, abraça e sustenta nas Garras um Escudo quarteado de Flores-de-Lis, antigas Armas da respeitável Família de Atouguias.

47 Apolo.

48 No original: «stolido».

49 Mársias.

50 Este painel recebeu uma moldura cujo motivo artístico é uma corrente estilizada enfeitada com guirlandas vegetalistas de frutos.

51 Ou jorro.

Assim se recorda o benemérito Rodrigo Afonso de Atouguia[52], a quem estes bens foram doados em prémio de seus grandes serviços. Deixo a História desta antiquíssima Doação, que teria aqui mesmo lugar, se eu não achasse justo limitar-me só à descrição prometida, sem me intrometer agora no que escreverei aonde mais convém que se leia com toda a autenticidade escrito.

Busquemos agora a porta que introduz a este Palácio. Ela se nos oferece aberta em meio dos já ditos Lagos, ostentando a antiguidade do mais que se respeita neste frontispício. As suas ombreiras são de uma pedra lavrada e em cada uma mostra duas colunas, sobre cujos capitéis vem descansar a arqueada verga, que se adorna dos convenientes florões que a afermoseiam. Entremo-la, sem deixarmos, contudo, de lançar os olhos para dous gastos colunelos, que se anteveem aos cómodos poiares exteriores: um destes colunelos ainda mostra um resto da grossa antiga cadeia, com que algum tempo se coutava[53] este Palácio Senhorial.

Entrados no seu pátio, que é de um quadrado regular, o achamos por cima acompanhado da Varanda, que segue e adorna as três partes deste espaçoso quadro, e vai comunicar-se ao edifício interior por dous corpos Salientes, que ele desta parte mostra no seu prospeto. Notaremos aqui que aparece elevado ali todo sobre largos e esveltos arcos de pedra que rematam pontiagudos[54], o que dá bem a conhecer, com a antiguidade, a elegância e magnificência da sua construção.

No meio das considerações que este objeto respeitável suscitara, fomos chamados e levados por uma pequena porta que, guardando semelhante feitio, dá pronta passagem e introdução ao arvoredo da Quinta. Uma espécie de êxtase me surpreende no patim[55] que começa a descobrir-me a fermosa multidão de verdes e folhudas

---

52 Fidalgo de D. Fernando I. Em 1505 herdou a Quinta de Belas, inaugurando um novo período de importantes transformações.
53 Antiga corrente com que, antigamente, se cercava parte de uma propriedade particular para uso exclusivo dos proprietários, geralmente como reserva de caça, uma coutada.
54 No original: «ponte-agudos».
55 Pequeno pátio ou patamar de entrada.

árvores. Também ali mesmo me encanta a agradável confusão dos misturados suaves gorjeios, com que os pássaros descantavam[56] ainda a florida Primavera. Este canto era tão vivo e tão poderoso na sua união, que não o abafava o estrondo da larga torrente que se precipita em um Lago que ali está vizinho.

Este lago, que novamente[57] me aparece, estende-se por 50 palmos de comprido e na largura de 32 apresenta a sua frente para o meio da grande rua, que logo iremos também ver e medir. Três colunas de ordem Toscana sustentam o largo canal, que remata em grossa bica, da qual o mesmo lago recebe contínua a grande porção de água que lhe compete.

Ora por aqui era certamente mais fácil e breve a passagem para a longa e assaz admirável rua, que muito concorre para a majestade desta Quinta. Mas perdoe-se à força do amor da Pátria o que em tais circunstâncias faz que eu, desviando-me do pronto caminho, recue e rodeie para outra parte. Nem me demorarei em admirar as muito altas e frondosas Nogueiras, que enchem de sua sombra o grande espaço que medeia deste tanque aos troncos das duas saudosas árvores Americanas e Brasileiras.

Salve ó viçosas e floridas Tuinantibas, que do Mundo ultimamente aparecido[58] viestes propagar aqui entre os vossos descobridores e estender na Europa a vossa geração. E quem sabe se o grande D. António de Castelo Branco vos trouxe das vizinhanças da grata Olinda[59], para mostrardes nesta sua respeitável Casa os gigantescos ramos de flores purpúreas que se juntaram às capelas**,** com que todo o libertado Pernambuco lhe ornou a cabeça. É um agradecido

---

56 Verbo descantar: cantar descantes ou ao som de instrumento.
57 No sentido de «agora».
58 Referência ao Brasil.
59 D. António de Castelo Branco e Cunha (c. 1645-1696), 2.º Conde de Pombeiro, filho de D. Pedro de Castelo Branco da Cunha, 1.º Conde de Pombeiro e de D. Luísa Ponce de Leon. Este nobre esteve em Pernambuco, como refere Domingos Caldas Barbosa nas Quintilhas «No dia em que completou anos o Primogênito dos Ilustríssimos, e Excelentíssimos Senhores Condes de Pombeiro», nota ao v. 66: «D. António de Castelo-Branco, serviu na armada, que fez restaurar o Brasil das mãos dos Holandeses» (*Almanak das Musas* I, 1: 28).

Brasileiro quem saudoso estima ver-vos aqui, aonde a fortuna o traz agora também a aproveitar-se da Magnanimidade de vossos novos Senhores.

Assim consolava eu falando a estas fermosas árvores, que no Brasil conhecera benignas hospitaleiras de engraçados e suaves passarinhos. E, vigiando-as curiosamente, mas sempre embebido nesta doce ideia, descubro ali um ninho que ia a confirmar-me em que com elas tivessem vindo também aves da descoberta, nova e quarta do Mundo[60]. Vi que, ao chegar de uma pequena ave, chilravam os mal emplumados filhos e então, descobrindo eu a mãe que com o bico lhes ministrava o sustento, divisei nela um engraçado amarelo, semelhante ao que têm pelo peito os *Gaturamos*[61] quando já feitos; e foi assim fácil enganar-me com o gemado que mostra nas asas a solícita mãe dos pintassilgos[62].

É tempo de deixar esta vista que me enternece, para fartar os meus olhos nas majestosas aleias de frondentes e altíssimas árvores, que daqui estou entrevendo. Saio pois ao meio desta larga e comprida rua, que por toda a sua extensão, que é de mais de 450 passos, se borda, por um e outro lado, de troncos de uma admirável corpulência e desmedida altura. Muitos deles se admiram com a estatura de 150 palmos e mais. Entre eles se respeitam freixos anosos, que contam 15 palmos de circunferência de seu tronco. Muitos Olmos se apresentam com 10; e, o que é mais para admirar é aparecerem misturados um grande número de loureiros que possam na sua circunferência oferecer a medida de 7 e mais palmos.

Posso afirmar que esta rua apresenta, assim majestosa, mais de 180 destes ditos troncos respeitáveis e tão copados que, na largura de 30 palmos, que é a da rua, entrelaçam com os que lhe estão fronteiros de tal sorte os seus ramos que a mesma rua aparece toda coberta

---

60 Alusão à América.

61 Gaturamo (*Fringilla violacea, Euphonia violacea*): pequeno pássaro de cores fortes cujo macho tem o ventre cor de gema de ovo e o dorso azul violáceo.

62 Pintassilgo (*Carduelis carduelis*): pequena ave muito conhecida e de fácil identificação por seu colorido: cabeça branca e preta, máscara vermelha, e manchas amarelas nas asas.

desta muito engraçada alta abóbeda verde, raramente interrompida pelos raios do Sol.

Tudo isto, com as paredes de viçoso louro que dos lados acompanham e abrigam os Pomares que se estendem para ambas as partes, fazem cómodo e agradável este passeio, assim no ardente Estio, como no tempo em que as ventanias costumam insofridas desencadear-se importunas. Muitas vezes o vago Abril traz aqui a passear os Zéfiros[63], desprendendo as asas com que orvalham as abotoadas rosas, que Maio ordinariamente enxuga e desabotoa, para misturar com as muitas flores silvestres, de que então usa coroar-se. As virentes[64] laranjeiras e os espinhosos limoeiros, gratos à sua regeneração, perfumavam o ar e alcatifavam o chão com o inútil de suas flores. Chegavam-se os dias em que costuma despedir-se dos Campos, dos Pomares e dos Bosques a Estação[65] que os reanima; e, dos Bosques, dos Pomares e até dos Campos, tomavam as aves a empresa de redobrarem os seus Hinos de gratidão, ensinando-os e repetindo-os a seus tenros filhinhos.

Voa do rasteiro ninho o namorado Rouxinol, cedendo à solícita esposa o lugar que ele substituíra, enquanto ela buscara o sustento da sua prole, e vem defronte entoar cânticos de louvor ao Criador Eterno, que assim tão reguladamente apresenta e recolhe as Estações. Estas aves escolhem, como os melodiosos Melros[66], não aninhar em árvores altas, guardando a proporção de serem ouvidas e ouvir mutuamente as ternas companheiras, que buscam sempre rasteiras balsas[67], talvez prevenindo a queda à prole ainda não plumosa.

---

63 Zéfiro: vento do Oeste, inicialmente impetuoso e causador de tempestades. Apaixonado por Flora, ela o rejeitou por ser violento e, para agradá-la, ele se transformou em suave brisa, cujo sopro faz abrir as flores na primavera.

64 Virentes: verdejantes.

65 Referência à primavera, estação que propicia o florescimento da natureza e, ao se despedir, dá lugar ao verão.

66 Melro (*Turdus merula*): pássaro que vive na Europa, Norte de África e Ásia, nidifica em bosques e jardins, construindo ninhos em forma de taça com ervas e lama. Possui um vasto repertório de vocalizações muito referidas na literatura. O melro-preto é a ave nacional da Suécia.

67 Berços, suportes.

Há outros passarinhos que gostam de esconder-se em mais altos ramos; e por isso mesmo enchem de suave gorjeio a abóbeda desta rua, aonde as suas copadas árvores lhes oferecem para ocultar os tímidos filhinhos lugares tão altos que neles escapem à vista e ainda ao tiro do importuno Caçador. Tempestuosos furacões porém vão ali baldar a vigilância destes pobres pais, que veem[68] a sua tenra geração arrojada à terra, com o ramo que o vento ali despedaçara.

Habilidosos e dóceis Tentilhões[69], talvez a fortuna vos depare curioso passeador, que, ali achando-vos e depois alimentando-vos carinhoso, ensinando-vos finalmente, ao som de acomodado flautim, uma cantiga estranha à de vossos pais, vos disponha a uma vida tão cuidada e regalada que vos faça desestimar a assustada liberdade de vossos semelhantes. Vede, vede os fugitivos bandos que se espalham para uma e outra parte, sem ter quem os defenda da tenaz garra do carnívoro Açor[70]! Ali vão também perseguidos pagar o mal que têm feito a estas searas os malfazejos Pardais: as suas cabeças vão penduradas nas mãos dos pobres Lavradores, como um tributo justo e útil à sociedade.

Embora fujam eles e, esvoaçando-se, se afastem desta rua que me convida a uma respeitosa ponderação, escolheremos alguém dos da companhia que nos ajude a ver e a notar, cada um de per si, os majestosos troncos que a povoam e afermoseiam. Este Reverendo Ancião, acostumado a ver curiosamente o que há mais célebre e admirável nas Quintas e Fazendas de todo este Patriarcado, saberá fazer-me apreciar mais justamente a sua estimação. Ele mesmo é quem, depois de me repetir louvores e nomes respeitosos dos antigos Senhores desta Quinta, continuando a suspirar, entre os felices agouros dos novos Senhores que ela começa agora a ter, me faz parar defronte do corpulento freixo, que mesmo aqui marca o trânsito,

68 No original: vem.

69 Tentilhão (*Fringilla coelebs*): pássaro de pequeno porte, de coloração bastante viva e de canto mavioso.

70 Açor (*Accipiter gentilis*): ave de rapina distribuída por todas as regiões temperadas do hemisfério norte. Muito apreciada em falcoaria, esta ave foi descoberta nos Açores, cuja bandeira apresenta a sua imagem.

por onde, desta rua se caminha à Serra e à Mata que defronte se vê ao longe.

Parámos; e, enquanto eu me pasmo da corpulência deste antigo tronco que parece não poder mais com a sua velhice e mostro desejo de saber a sua idade, ele acode a dizer-me:

> Este tronco temos que é um daqueles que o noticioso Brandão inclui no louvor desta Quinta, quando assevera que é a mais admirável das Espanhas[71]. Os Naturalistas mesmo o creem existindo e figurando já muito no Século 15.º[72]. Sei que não há aqui notícia de árvore mais idosa: não creio, porém, que a idade, antes não conhecida moléstia, o vai finando. Talvez essa mesma ou um errado voto o privasse de muitos de seus companheiros; mas ele tem a fortuna de caber a Senhor que nada poupará, para conservar a sua pasmosa duração.
>
> Lança os olhos aos desmedidos Olmeiros que ao diante se estão vendo de uma e de outra parte [e] que, não sendo mais moços, ainda existem em vigor de saúde. Vem comigo notar essa altiva Faia, que com o aturar dos anos começa a encarquilhar a pele, naturalmente lisa. Não admiras mais adiante aquele galhoso Loureiro que, do meio para cima, se reparte em dous desmedidos troncos? Vê esses Álamos que, ainda velhos, gentis e altivos, mostrando as suas belas folhas, como forradas de uma cor de prata, vão igualar-se aos outros companheiros? Pois respeita quantos aí vês; respeita esses anosos troncos que deram sombra a nossos Heróis e Reis dos primeiros Séculos Portugueses. Que grandes projetos escutariam eles tratar, quando entre eles passeavam os grandes, os destemidos, e respeitáveis Portugueses,
>
> Que por Terras, e Mares s'estradaram
> E ao Reino novos Reinos conquistaram[73].

---

71 Nota do original: «É o Senhorio de Belas mui autorizado, tanto pela jurisdição que tem na Vila, como pela excelente casa de Campo dos Senhores dela, que assim na fábrica dos Paços, como na frescura dos jardins, e cópia de polidíssimas fontes é a melhor, que se sabe em Espanha, que de Rei não seja. *Monarquia Lusitana*, liv. XVII, pag. 471».

72 Manteve-se a indicação do autor em vez do usual algarismo romano XV.

73 De *Os Lusíadas*, «Entre gente remota edificaram / Novo reino, que tanto sublimaram.» (canto I, est. I, v. 9-10).

Dizendo isto e possuído de um glorioso respeito, corro a abraçar estas venerandas Árvores; mas, ainda estendidos os braços, não podíamos abarcar ambos com eles o desmedido tronco de algumas que têm mais de 16 palmos de diâmetro.

Fomos a este tempo chamados da parte da Serra e acudimos ao chamamento, atravessando da grande rua, pelo caminho que já notámos. Esse atravessadouro, por uma pequena Ponte, facilita a passagem de um dos três Arroios[74] que regam esta Quinta pela falda da frondosa e florida Serra. Dali se começa a subir por uma vereda que, bem que íngreme e pedregosa, é engraçada pelo ornamento de viçosas Olaias, entre as quais é tratada; e cheirosíssima do Trevo e Madressilva, e outras muitas plantas odoríferas que perfumam ali com os seus aromas todo aquele ambiente.

Continuando depois a subida por um mais largo torcido caminho, que é assombrado de alguns antigos troncos[75], notámos ali também algumas Heras idosas e grossíssimas, que os abraçam soberbas e que ingratas gostam de ostentar-se florentes e viçosas sobre a benfeitora árvore que lhes deu arrimo e a quem roubaram a nutrição e vão gastando a vida vegetal. Ali, em um sítio mais espaçoso, se abre um redondo lugar no seio da Serra, que está ornado com uma obra de cantaria; ali se dá entrada para a Fonte da deliciosa água, que mais abaixo francamente se oferece a beber; mas o princípio desta obra se vê incompleto. A natureza, porém, já tem da sua parte concorrido a afermoseá-la com os louros, com que, pela parte superior, a cerca [e] que, debruçando-se para ali, fazem este sítio mais notável. A obra de cantaria que está no meio, encostada à Serra, e que dá entrada à Fonte, que ali se guarda, tem por cima em lugar acomodado: *Lugete ó Veneres, Cupidinesque*[76].

---

74 Referência aos arroios Itâneo, Chicola, Castanheiro.

75 Assombrado: sombreado.

76 Verso de Catulo, *Carmina III*: «Chorai, Vénus e Cupidos». Devo a presente tradução aos reconhecidos conhecimentos da Doutora Alexandra Mariano (Universidade do Algarve) a quem sou muito grata.

Do meio deste sítio saem para uma e outra parte escadas de pedra que, subindo e igualmente volteando-se pelo interior da mata, vão juntar-se em um patim, que fica justamente sobre o lugar de que saímos. Alguns nichos e assentos, em proporcionadas distâncias, são o adorno destas Escadas que ali descansam, aonde uma devota Ermida, trabalhada também em escadaria, guarda a Santíssima Imagem de Jesus Crucificado, que se venera e invoca com a denominação do *Senhor da Serra*.

Este Senhor ali se vê pendente da Cruz, na representação de já morto, e mostra a Cabeça inclinada e baixa para a sua Santíssima Mãe, que, com os olhos chorosos e com as mãos apertadas ao peito, está sendo tristíssima Testemunha deste extremoso sinal do amor do Homem Deus, Salvador de todos os homens. Acompanha-a da outra parte João, o Discípulo Amado, como pasmando-se desta maravilha de amor. Ajoelhada aos pés da Cruz está a fermosa Madalena abraçando o Sagrado Lenho e derramando aquelas lágrimas que a tornaram tão amável aos Olhos do Divino Mestre. Rodeia-se todo este lugar de figuras Angélicas, a que a Arte deu uma beleza que exprime, o que é possível, a sua virtuosa fermosura.

A Capela é com todas as paredes forrada de primoroso azulejo, em que estão delicadamente pintados os importantes Passos da Santíssima Vida do Nosso Redentor, na proximidade de Sua Paixão e Morte. O Altar, em que esta Veneranda Imagem está posta, é o único que há na Capela e, levantado no meio do Corpo dela, premea[77] a sua extensão. Em torno desta capela sente-se uma maior fragrância.

Parece que os Zéfiros, saltando ali alegres de ramo em ramo, esvoaçando em torno e entornando dos cálices das flores o seu odorífero perfume, nos convidam a ser testemunhas do como incensam ao seu Criador; e as Aves, antes mesmo que o dia acabe, lhe rendem com o seu canto as graças, pelo benefício de sua existência.

Também Eu, antes que a luz do dia se me esconda, vou descer por outra vereda, que, mostrando-me toda a mata por fora, também

77 Forma que aponta para dois verbos e dois sentidos, a saber: «oferece um prémio» ou «está no meio da sua extensão».

me faz ver a extensão de toda a Serra inculta, que, no recinto dos afastados muros, daqui se está vendo que dá larga e franca passagem à volataria[78] e miúda caça quadrúpede, de que esta coutada[79] é cheia. Descendo mais e alongando a vista por todo o vale, noto as pasmosas alturas das grandes Árvores que, como cercando os Pomares em diversos quadros, no-los fazem parecer, à maneira de quarteirões[80] de rasteiro jardim de baixas flores, que costumam cercar-se de agigantados Girassóis.

Descendo pois agora por outra rua, entro em meio dos Pomares, atravessando outra vez o Arroio por outra Ponte, que ali é respeitada, por ser lugar em que ordinariamente costuma descansar a Grande, a Incomparável Maria I[81], à sombra de árvores já costumadas de aninhar ali, como para diverti-la, suavíssimos Rouxinóis. Nota-se ali a grandeza extraordinária do fruto de uma engraçada Nogueira que, com seus viçosos ramos, preserva aquele lugar dos raios do Sol; a qual, como se entendesse as venturosas circunstâncias em que se acha, cresce, zombando do grande tronco de igual casta que tem defronte e que vai a perder-se[82].

Deixando este lugar, atravessarei esta, para notar as outo ruas, que se cruzam no meio de dous Regatos que, banhando as raízes, adornam os Pomares intermediários, a que suas árvores parecem fazer sentinela. A portentosa altura que admirei naquelas que enriquecem a maior das ruas, a qual é a que vimos primeiro, tem pouca diferença das que admiro em todas as outras por onde passeio; e devo notar que nas outras se encontram também promiscuamente as antigas gerações dos Freixos e Olmos, e entre eles os Sagrados Loureiros. Muitos Álamos e Faias crescem no meio destas anosas

---

78 Arte de caçar aves com outras aves de rapina como os falcões.
79 Área de propriedade particular reservada para caça pelos donos para seu uso exclusivo.
80 Quadras grandes com plantas e flores rasteiras.
81 Como atesta Caldas Barbosa, D. Maria I vinha provavelmente muitas vezes repousar na Quinta de Belas, considerando a sua relação próxima à família dos Condes de Pombeiro.
82 A privilegiada nogueira zomba da árvore que tem defronte e que estende os seus ramos para mais longe.

fileiras que começam a igualar-se; mas é para notar que nenhuma destas grandes Árvores deva a sua estimação a flor ou fruto esquisito que por isso as enriqueça, achando-se contudo por si mesmas tão respeitáveis.

Em meio porém da rua que corre dando lado a uma veia do fértil e doce Rio Castanheiro, aparece, em algum tempo aformoseada[83] com fruto gentil, uma alta Sorveira, emparelhada em altura com as outras Árvores que a acompanham estéreis. Então reparo que as Aves, bem que vejam estes pequenos mas lindos pomos, não vão fartar neles a sua fome natural. Em alguns porém que caíram de maduros e ameaçam com a sua exterioridade alguma corrupção, vejo amontoar-se gulosos passarinhos. Sobre aquela maior porção e há mais tempo caída, zumba e revoa um enxame de Abelhas. O exemplo destes Animais providentes me convida a lançar mão e provar deste fruto.

Olho ali ao chão em que as frutas se acham espalhadas e não duvido trazer à boca uma que pela cor me parece a mais bela, e então me lembra o grito Sábio: *Nimium ne crede colori*[84]. Estas disputam com a sua cor a fermosura das que são chamadas Frutas novas[85], que são como um retrato em pequeno dos estimados e saborosos pomos da Pérsia[86].

Mas, ó engano! Que diferente é o seu sabor! Um agro e insuportável[87] travo me deixa a boca por muito tempo desgostosa. É então que o meu velho experimentado companheiro quase se sufoca em imprevisto riso, que dá a conhecer o seu ânimo galhofeiro; e, tornando-se depois sério, quando me viu mais agastado, volta a

---

83 Única utilização na *Descrição da Quinta de Belas* desta forma, derivada de «formoso» e não de «fermoso», muito utilizado no texto.

84 Virgílio, *Bucolica II*, v. 17: «Não confies demasiado na cor», o que aponta para a ideia de que as aparências podem enganar. Tradução da Doutora Alexandra Mariano (Universidade do Algarve).

85 Provavelmente alperces, trazidos da China pelos portugueses, onde eram conhecidos desde 2000 a.C.

86 Pêssegos.

87 No original: «insoportavel».

mim e me diz com a graciosa autoridade que lhe davam os seus anos e a nossa amizade íntima.

> Com que licença Poética, com que licença, Senhor Padre Brasileiro, se atreveu Vossa Mercê a comer essa fruta silvestre e tão pouco sua conhecida? Cuida acaso que está aonde o mato produz espontaneamente o incomparável Ananás, fruto que reúne em si o sabor de todas as frutas boas? Dir-me-á que maquinalmente seguiu aqueles insetos, sempre tão cuidadosos em se alimentarem de sucos aromáticos, doces e saudáveis. Não fora melhor confirmar a sua ideia com a aprovação de um velho experiente, do que sofrer o dissabor e o desar[88] deste engano? É isto o que sucede a muitos dos atrevidos moços que julgam que o vigor da sua primeira idade dá uma maior força à sua presunçosa filosofia. Enganou-se escolhendo destas as frutas mais novas, porque esta casta de fruto, por uma particularidade que eu agora não explico, perde o ácido quando se altera e então lhe fica a doçura que achará nas que desprezou. Veja (continuou lançando a mão a um dos frutos que parecia ter apodrecido), veja este e prove.

O que eu fiz receoso, mas obediente, achando-lhe tal doçura que continuei comendo muitos outros. O Amigo achava assim assunto para longo discurso, que eu evitei, pretextando com o pouco tempo de tarde que já tínhamos, para ver o arvoredo que ainda restava, assim como o antigo edifício que, do alto da Serra, se entrevira para esta parte. Seguiu-se apressarmos o passeio desta rua, que era tão ornada de grandes Árvores como a outra em que falámos; e desta sorte se viam povoadas todas as mais que passeámos, até voltar pela que mostrava no seu topo as janelas do Palácio, que são rasgadas com vista para o interior da Quinta.

Neste prospeto nada se via que irmanasse com a nobre arte que ostenta a fachada exterior. O Terremoto de 1755 havia ali destruído o que tantos Séculos respeitaram. Mas não se desordenou contudo a Capela que está defronte, a qual é, como mostra, contemporânea do resto do edifício. Por fora mostra ela uma metade de Oval, sustido

---

88 Desar ou «desaire», significando «revés», «insucesso».

e atracado por seis pilastras de pedra, que se rematam com uns floreados acasos. Estas pilastras são abraçadas pelo cordão da cimalha que corre em roda e forma como um geral colarete, oferecendo a altura desta cimalha pela parte de dentro um Terraço formado sobre a Abóbeda da Capela que, ficando assim, dá uma Varanda cómoda, para descobrir em roda muito da Quinta e ver muito a seu gosto todo o Jardim antigo da Casa que lhe está vizinho. A Fonte, que orna este Jardim, é também obra antiga. A água ali repuxada cai de uma esfera em uma bacia gomeada e dali, por pequenas Carrancas que a lançam em uma maior, vem despejar-se no seu recetáculo, que é um outavado gracioso.

O respeito com que atendo a toda a obra da antiguidade faz que eu procure vê-la e examiná-la de mais perto[89]. Entrando assim para isto por esta arruinada e remendada parte do Palácio, vou achar saída para este Jardim; porém suspendo os passos, tendo de passar por entre a água que chove de um engraçado Repuxo, que está no meio de uma Casa que ali se vê ornada com propriedade para estes brincos[90] d'água. Este Repuxo a manda ao teto violentamente, subindo a um engraçado Ramo de flores, que depois restitui, assim espalhada, chovendo a água que recebera junta. Não tardou que se mudasse deste a outros Registos, que mostravam variadas e graciosas figuras; até que ultimamente aparecem quatro Bugias acesas, cobertas com uma manga[91] diáfana formada da mesma água.

A tempo conveniente se usou desta mutação, porque esta Casa começava a escurecer-se pela fugida da luz do dia e já muito a rodeavam as sombras da noute. É esta Casa sempre fresca e tem ao lado direito duas pequenas alcovas que oferecem lugar agradável para a sesta nos dias calmosos, que esta água brincadora ali refrigera.

É ali mesmo que eu acho, respeitados em nichos que escaparam à ruína do tremor de terra, dois Bustos: representa um o Glorioso Rei D. Manuel e é o outro a Respeitosa Imagem do

89 Revelação da personalidade de Caldas: respeitoso, atento aos pormenores.
90 Brincos: brincadeiras.
91 Peça de forma tubular que reveste e protege outra peça: manga do candeeiro.

Grande João III; eu respeito neles e reconheço os Justos Monarcas que assim souberam conhecer e premiar, nesta mesma Casa, os seus tão distintos e beneméritos Vassalos.

Alegre turba de moradores daquela Vila rodeiam aos novos Senhores dela. Quem poderia explicar o prazer de que são acompanhados os seus repetidos parabéns! Um saudável pressentimento de felicidades futuras enxuga o pranto que molhara os seus olhos, quando lhes faltou o honradíssimo Senhor de quem acabavam de ser Vassalos[92].

A Filha[93] do Excelentíssimo Conde de Pombeiro, D. António de Castelo Branco Correia e Cunha, herdou com o Senhorio de Belas o amor de seus Povos, que ela mesma estima em muito mais; e seu Digníssimo Consorte[94], participando com ela desta aclamação pública, a faz participante igualmente da consolação que o mesmo Povo mostra de a ver assim entregue ao amor e à justiça de tão Sábio Regulador[95].

Chegam as horas de nos recolhermos, ficam dadas as Ordens e lá vão rolando, na vasta fantasia daquele Magnânimo Fidalgo, nobres e úteis projetos que bem cedo começam a ter a sua execução[96]. Bem cedo, sem carecer força de Justiça, antes com um pacífico consentimento unânime e completa satisfação, vão unir-se e consolidar-se, com a propriedade da Quinta, uns pedaços de terra que, ali encravados, pertenciam em utilidade a outros donos, bem que todos fossem daquele Senhorio Direto. Um novo muro se levanta a fechar e unir toda aquela parte, para se evitar assim a nociva devassidão[97].

Ao mesmo tempo que esta parte se fechava à destruição e desperdício dos que furtivamente abusavam desta entrada, nova e

---

92 Referência a D. António de Castelo Branco Correia e Cunha, pai de D. Maria Rita, há pouco falecido.

93 D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, Condessa de Pombeiro.

94 D. José Luís Vasconcelos e Sousa, 6.º Conde de Pombeiro.

95 Referência ao cargo ocupado pelo Conde de Pombeiro: Regedor de Justiça de D. Maria I.

96 Alusão às benfeitorias que o Conde de Pombeiro projetava e viria a realizar na sua quinta.

97 Devassidão: ato ou efeito de devassar

generosa franqueza faz abrir e patentear as portas da Quinta a toda a pessoa que queira vê-la e que lhe agrade passeá-la. Saiba o curioso Estrangeiro, a quem a fama da viçosa e saudável Belas tem aqui chamado, que achará sempre livre e franca a entrada da célebre Quinta de seus Generosos Senhores. São livres os passeios dela; as suas flores e os seus mesmos frutos se confiam[98] da cortesia pública; as suas águas saborosas e medicinais correm para todos, tanto de graça como nascem. Vós, fracos e débeis doentes, se vos é necessário, entrai e passeai aqui, como vos convém, a pé ou ainda a cavalo; colhei das muitas ervas salutíferas que a Natureza aqui entesoura. Pobres, vós não tendes que ajustar preço ao vosso remédio e vós, ó homens abastados, não tendes que estudar prémios à entrada e saída de uma porta sempre aberta para todos. Conserve o Céu, por anos inumeráveis, a saúde destes Ilustres Benfeitores da Humanidade e estenda e multiplique esta Geração benfazeja.

Ora o Céu não tardou muito em mostrar que ouvira e abençoara tão justos votos, porque, em bem pouco tempo, o mesmo ano de 1784, que chorara a perda do Conde D. António[99], se consolou com os sinais da Sucessão em sua bela e amável Filha; e o mesmo dia 8 de Março de 1785, que completava um ano desta perda, viu nascer e batizar, com o nome de António, o Neto e Sucessor[100], que tanto desejava. Felizmente vemos continuado este estimadíssimo efeito das Bênçãos Celestiais.

As honras de Grandeza e o Título se confirmaram então aos novos Senhores de Belas, como lhes pertenciam, e o novo Conde José de Vasconcelos e Sousa se viu passar da vida e honra da

98 Se confiam: beneficiam-se.

99 D. António Joaquim Castelo Branco Correia e Cunha (1743-1784), 5.º Conde de Pombeiro, era o pai de D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, mulher de José Luís Vasconcelos e Sousa. Faleceu a 8 de março de 1784 exatamente um ano antes do nascimento de seu neto D. António Maria de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, nascido em 8 de março de 1785.

100 António Maria de Castelo Branco Correia da Cunha Vasconcelos e Sousa, 7.º Conde de Pombeiro, primogénito de D. José Luís Vasconcelos e Sousa e de D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha.

Toga, com que tão abalizadamente servira à Pátria e ao Trono, a vestir a Farda recamada de ouro e prata, com o hereditário Cargo que o determinava um dos Chefes da Guarda Real. Neste Ofício foi ele o escolhido[101] pela Majestade da Muito Alta e Poderosa Rainha D. Maria I, para a acompanhar aos Casamentos de Seus Sereníssimos Filhos, o Senhor Infante D. João e a Senhora D. Mariana[102], &c.

Caber-nos-ia talvez muito bem agora o figurarmos como Astreia[103] vigiava sempre de perto este Filho[104] que ela educou com tanto cuidado e que Belona[105] parecia começar a roubar-lhe para seus particulares mistérios. Diríamos também que Lucina[106], convidada por uma e outra, assistia e abençoava o seu tálamo nupcial, empenhada a enriquecê-lo. Mas a Poesia espera tempo oportuno para se explicar assim, deixando por ora que narremos a verdade sem mais figuras.

---

101 A escolha de D. Maria deve ter ocorrido em 1784, logo a seguir ao casamento de D. José Luís de Vasconcelos e Sousa com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, em 1783, quando se tornaram senhores de Belas.

102 No original, por gralha: «D. Maria». Mas, na verdade, trata-se de D. Mariana Vitória (1768-1788). Com o objetivo de conseguir uma aliança duradoura entre Espanha e Portugal, realizaram-se dois matrimónios entre infantes espanhóis e portugueses: a Espanha deu em casamento ao príncipe Dom João a princesinha Carlota Joaquina e Portugal entregou ao Príncipe Dom Gabriel, filho do Rei Carlos III, Dona Mariana Vitória irmã de Dom João. Os jovens príncipes foram apresentados um ao outro no dia 8 de maio de 1785, na cidade portuguesa de Vila Viçosa, na fronteira com a Espanha, sendo que, no dia seguinte, o casamento foi aceite pela Igreja através da bênção dada por um cardeal.

103 Na mitologia grega, donzela ou virgem das estrelas, filha de Zeus e Témis. Astreia, tal como sua mãe, é uma personificação da justiça. Ela pregava a sabedoria e ensinava aos homens como caçar e plantar. Logo após a Idade de Ouro, abandonou a Terra para não ver o sofrimento pelo qual passaria a humanidade nas próximas idades, partindo para o céu, na forma da constelação de Virgem.

104 O Conde de Pombeiro.

105 Esta divindade guerreira de origem sabina, representada com um elmo, uma lança e uma tocha, acompanhava Marte nos campos de batalha. Enquanto ele era o deus soldado, Belona era a fúria da guerra. No Templo de Belona tratava-se de assuntos relacionados à guerra estrangeira.

106 Deusa cujo nome (do latim *lux, -cis*) foi tomado no sentido de «a que traz o nascituro à luz», Lucina presidia o nascimento das crianças e se encarregava de auxiliar as mulheres durante o parto. Era representada sentada com um recém-nascido no regaço e uma flor na mão direita. Nas cerimónias de seu culto eram-lhe dedicadas guirlandas e coroas de flores.

A Mesma Rainha Nossa Senhora confiou logo a Presidência do Supremo Tribunal das Justiças ao mesmo Conde, que havia sido um abalizado Ministro delas. Mas não nos afastemos para um Louvor particular deste Conde Regedor, pois que agora só lhe convêm aqui os que do progresso da descrição da Quinta de Belas, a que nos propusemos, devem caber-lhe em todas as obras que melhoraram a mesma Quinta. Deixemos para isso passar em silêncio os anos que o viram tantas vezes bom Pai, igualmente que reto e cuidadoso Juiz; não recontemos os casos que assim o comprovam e, contentando-nos com caracterizá-lo um Vassalo Respeitoso e Fiel, o mostraremos nas suas mesmas Obras um Cidadão e Patrício útil. Deixando finalmente aqui em silêncio os anos que decorreram desde o de 1784 até este de 1799, em que torno a ver[107] e a meditar cuidadosamente a grandiosa Quinta de Belas, continuaremos a descrevê-la.

Acompanhemos agora os Condes Senhores de Belas que, rodeados de seus amáveis e lindíssimos Filhos[108] e seguidos de seus domésticos, vão Render as Graças a Jesu Cristo seu Protetor, aos Pés daquela devotíssima Imagem que, já disse, se adora sobre a Serra da sua Quinta. Agradeçamos com eles o benefício de os salvar das terríveis mãos da doença que proximamente acaba de os afligir[109].

Não entraremos agora pela antiga porta desta Quinta. Descendo com a pública Estrada, a deixaremos seguir o seu antigo caminho

---

107 Como referido, Caldas Barbosa fez sua primeira visita à Quinta de Belas em 1784, quando iniciou a descrição da mesma e só a retomou em 1799.

108 Em 1799, os filhos já nascidos dos Condes de Pombeiro eram: D. António Maria de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa (1785-1834), D. Maria José Vasconcelos e Sousa (1787-1827), D. José de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa (1788-1872), D. Ana de Castelo Branco (1789-1856); D. Rita de Castelo Branco (1790-1868); D. João de Castelo Branco (1793-1861), D. Mariana de Castelo Branco (1794-1862) e D. Joaquina de Castelo Branco (1795-1857). A mais moça, D. Guiomar de Castelo Branco (1804-1807) nasceu posteriormente.

109 Provavelmente uma referência à doença que terá vitimado D. António Joaquim Castelo Branco Correia e Cunha, em 1784. Desde a Idade Média Portugal era assolado por inúmeras doenças, pestes e epidemias, estando a população sempre sujeita a mortes por algumas delas. Provavelmente Caldas se refere a doenças surgidas depois do terremoto, quando a saúde pública era praticamente inexistente, embora Pombal tivesse tomado iniciativas ainda incipientes de saneamento básico.

ao longo dos novos muros e, dirigindo-nos para a nova alameda que cresce no lugar em que os mesmos muros rematavam, temos uma nova e elegante entrada. Estas grades, de fácil e gracioso debuxo[110], que entre acomodadas pilastras, fazem frente para a descida da mesma Estrada, nos oferecem uma mais fácil, pronta e melhor entrada. Gemendo nos seus férreos gonzos, se abre de par em par a magnífica porta que se forma do mesmo gradeado.

Todo este espaço, que dantes era uma informe penedia[111], em alguma parte coberta de terra, aparece agora mudado aos meus olhos. Na largura do gradeamento da porta[112] e pelo seu comprimento, se estende uma Rua que ao longe vejo adornada em meio, com um fermoso Obelisco em forma piramidal, o qual logo iremos ver e notar de mais perto.

Que maravilhosa mudança vejo eu da parte da Serra! Este terreno que eu vira inculto, coberto de áspero, rasteiro e estéril Tojo, agora se mostra a meus olhos ondeando todo com a larga Seara, e do meio dela brotam milhares e milhares de viçosas Oliveiras, que afermoseiam e enriquecem esta agradável encosta.[113] Não deixemos ignorado o Nome e sem louvor a Pessoa que fora instrumento para tornar proveitoso este terreno, até então bem pouco útil. O Reverendo Félix José Lampreia[114], consultado sobre o aproveitamento desta grande porção de terra, que o grande Génio do Solícito Conde mal sofria ver tão pouco aproveitada, é quem o delibera, contra o voto de todos, a encher esta ociosa Serra com este grande Olivedo, que afortunadamente vegeta, cresce, vai florindo e promete encher as Tulhas do seu utilíssimo fruto. Deixemos estas

---

110 Debuxo: desenho.
111 Atualmente nada resta da mencionada penedia. Caminha-se em terreno plano margeado por muitas plantas rasteiras e também belíssimos jarros nativos.
112 Atualmente não existe mais o gradeamento mencionado por Caldas, apenas a rua dos plátanos que sai à direita da rua principal.
113 Passados mais de 200 anos, esta paisagem encontra-se muito modificada. A referida encosta apresenta apenas raras oliveiras e algumas olaias rodeadas de vegetação rasteira e verdejante.
114 Nota do original**:** «Beneficiado na Igreja de Santa Justa desta Cidade, e Cavaleiro da Ordem de Cristo, natural de Serpa, e perito nestas Plantações, de que abunda a sua Pátria».

óbvias esperanças, para continuarmos, pela nova e grande Rua, o nosso proposto caminho.

Nós seríamos assaz prolixos se intentássemos individuar as diversas castas e nomenclaturas de 400 Árvores que por uma e outra parte adornam esta maravilhosa e bem delineada Rua. Acho porém muito necessário declarar que a maior parte delas são curiosamente trazidas de partes remotas e escolhidas para a afermosearem. Muitas são produção do novo Mundo e trazem a sua origem do meio de diversas Nações. A Ásia também vê aqui as que são oriundas do seu seio. Nem a África deixa de ter nesta Rua, vegetando, prole a que ela deu o natural princípio; e entre as da Europa, que nos são Estrangeiras, amo aquelas que, do Jardim do infeliz Luiz XVI[115], aqui vieram acompanhar a outras.

Tornam aqui a aparecer-nos as Patrícias Tuinantibas, entre os florígeros Azereiros; os copados Sicómoros entremeiam as Acácias amarelas e brancas: Frondosos Plátanos de Virgínia e Orientais dão entre si acomodado lugar aos Estrangeiros Azedracos e aos Sanguíneos; crescem também ali os ramalhudos Castanheiros da Índia e os Tilholos fazem companhia às Azarolas, que se adornam com o seu encarnado e saboroso fruto. Também descubro na mesma Rua, entre as sempre verdes Alfarrobeiras, as nossas Nogueiras frutuosas e tanto amigas deste terreno. No meio desta Rua perfumam de uma e outra parte o ar as belas odoríferas Árvores que chamam do Paraíso. As Tintureiras, que têm o nome de belas Sombras, pela que dão, crescem aqui e fazem companhia a Olmeiros[116] estranhos; e são misturadas estas árvores com os Trifólios de diversas castas e com as diferentes gerações de Freixos que ali se encontram.

Finalmente crescem também nesta rica Rua as Rosas arbóreas, que chamam de São Francisco [e] que mudam cor com a mudança das horas do dia; e com elas muitos Arbustos de igual estimação e

115 Referência às plantas oriundas dos jardins de Versailles e trazidas para a Quinta de Belas.
116 No original, por gralha: «ormeiros».

galantaria; e assim as plantas de que Flora[117] cuida curiosamente para as aprontar e entregar ao útil uso da proveitosa Medicina.

Entretidos com a alternada diversão que faz a agradável variedade do feitio do tronco das flores e das folhas que de uma e outra parte éramos convidados a notar, passeamos, quase sem o sentirmos, o longo caminho de 650 passos que esta Rua tem de comprimento, desde a porta até este Lugar do Obelisco em que ora estamos.

Este Obelisco, que já dissemos ter uma forma piramidal, se assenta sobre uns altos degraus, que o acompanham em roda com 20 palmos de diâmetro, sendo a altura até o Pedestal que lhe está sobre, a de 6 folgados palmos igualmente repartidos pelos três degraus ditos; do meio do último se levanta o Pedestal quadrado, com 10 palmos e meio de alto, e o quadro da sua largura mostra 7 palmos em cada parte. Neste Pedestal, em mármore que no meio ressalta liso, se lê a Inscrição Lapidar que bem explica o que o Conde, presente Senhor desta Quinta, determinou conservar em memória que vejam e respeitem os Séculos vindouros. Eis aqui transcrita a Respeitável Inscrição, digna de seu conhecido Autor, o Reverendo Padre António Pereira de Figueiredo.

> Joanni. Brasiliae. Principi. Mariæ. Primæ. Et. Petri. Tertii. Filio. Josephi. Primi. Nepoti. Joannis. Quinti. Pronepoti. Principi. Inquam. Admirandis. Virtutibus. Et. Incomparabili. Gloria. Cujus. Scilicet. Ea. In Matrem, Reverentia. Et Pictas. Fuit. Ut Illa. Hen. Graviter. Ægrotante, Invitus. Clavum. Regni. Susceperit. Et. Dolens. Quartum Fam. Anuum. Retineat. Ea. In. Christi. Vicarium. Romanum. Pontificem. Observantia. Et. Veneratio. Ut. Antonio Nato. Filiolo. Desideratissimo. Fidei. Ejus. In. Baptismo. Sponsorem. Pium. Sextum. Delegerit. Puelloque. Pii. Cognomen. Indiderit. Ea. Denique. Felicitas. Ut. Ex. Carlota. Lectissima. Conjuge. Duobus. Auctus. Liberis. Primum. Maria. Dein. Antonio. Æterno. Imperio. Destinatam. Ostenderit. Inclitam. Stirpem. Brigantinam. Tantas. Has. Dotes. Contemplatus. Et Merita. Josephus. Vasconcellius. Sousa. Josephi, Marchionis. Castelli. Melioris. Filius. Secundo. Genitus. Præfectus.

117 Deusa das flores e das plantas.

Prætorio. Mariæ. Primæ. Et. Magnæ. Crucis. Ut. Vocant. Apud.Equites. Sancti. Jacobi. Dignitate. Præfulgens. Idem. Vero. Uxoris. Mariæ. Jure. Comes. Etiam. Pombariensis. Regiorumque. Satellitum. Ductor. Et. Bellarum. Dominus. Juveni. Celsissimi. Animi. Et. Invicti. Pectoris. Insignem, Pyramidem. Marmoream. Erigendam. Curav[i]t. Atque. Hoc. Monumento Suburbanum. Palatio. Sane. Et. Luco. Pridem. Nobile. Et. Olim. Etiam. Regium. Multo. Nunc. Sacratius. Et. Magnificentius. Redidit. Anno. A. Partu. Virginis. MCCCXCV[118].

Sobre esta Inscrição é tratada a elegante Cimalha deste Pedestal. Ali, como erguendo-se daquele lugar em que estava sentada, se vê uma fermosa e Colossal figura da Fama[119], a qual, tendo o fatal Clarim na mão direita como quem vai a aplicá-lo à boca, sustenta com a mão esquerda um Escudo, que no expressivo Relevo mostra as Augustas Efígies do nosso amado Príncipe Regente, o Muito Alto e Poderoso Senhor D. João e Sua Real Esposa, a Senhora D. Carlota[120]. Tanto maior Respeito infundem estas Reais Figuras

118 A tradução deste excerto se deve aos alargados conhecimentos da Mestre Paula Carreira (CLEPUL), a quem agradeço também por sua boa vontade e altruismo: «A João, Príncipe do Brasil, filho de Maria I e Pedro III, neto de José I, bisneto de João V, digo ao Príncipe com virtudes admiráveis e glória incomparável, cuja reverência e piedade para com a mãe foi de tal forma que, ou estando ela gravemente doente, recebeu contra a sua vontade o leme do reino e com pesar o conserva; a Observância e veneração para com o Vigário de Cristo, Pontífice Romano, é tal que, nascido o querido e mui desejado filho António, elegeu por sua devoção Pio VI para padrinho de batismo, e atribuiu ao pequeno o cognome de pio; Por fim, a felicidade foi tal que o aumento com duas crianças da sua muito distinta esposa, Carlota, primeiro Maria depois António, revelou a ínclita estirpe brigantina destinada ao Eterno Império. Considerou todos estes dotes e méritos José Vasconcelos Sousa, segundo filho nascido de José, Marquês de Castelo Melhor, conselheiro de Estado de Maria I e Grã-Cruz da conhecida Ordem dos Cavaleiros de S. Tiago, posição notável, além de conde de Pombeiro por direito da esposa Maria, também capitão da Guarda Real, e Senhor de Belas, e mandou que fosse erigido uma insigne pirâmide de mármore ao jovem de tão elevado espírito e coração invicto e com este monumento devolveu sem dúvida ao palácio e ao bosque outrora célebre uma quinta mais régia, agora mais sagrada e magnificente. No ano 1795 a partir do parto da Virgem».

119 Deusa da mitologia, é representada com muitas bocas e ouvidos, tendo nas suas asas numerosos olhos. Voa célere para todos os lugares como mensageira, tanto da mentira quanto da verdade. No seu palácio de bronze sonoro ouve todas as notícias que rapidamente espalha por todos os lados com seu clarim.

120 Futuro D. João VI e sua esposa D. Carlota Joaquina.

quanto mais o Artífice soube ali esculpir naqueles Retratos, com o primor da Arte, a verdade da natureza.

A Fama é ali representada com uma tal viveza no seu lindo rosto e é com tal acerto contorneada que parece ter perdido a pedra a sua natural dureza, oferecendo, quando forma o peito e os braços, o macio das carnes que queria imitar. As Roupas estão de tal sorte ali acomodadas que parece o vento as dobra e une para o Corpo, cujo contorno, ainda cobrindo-o, o deixam conhecer. As abertas asas mostram as penas crespas e como levantadas pelo sopro do vento. Uma e outra perna, que ainda curvadas mostram querer estender-se, figuram esta gárrula Ninfa despregando o seu voo e tudo é tão expressivamente ali figurado que faz como vê-la subir já mais acima. O gracioso Cabelo, que assim anelado cai para uma e outra parte, aumenta a fermosura da beleza do Seu rosto, que se mostra alegre como quem anuncia venturas de grande prazer. Adorna-se esta Figura com uma Coroa de Louro, sinal de Triunfo que ela tem sobre os tempos.[121]

Quem depois de admirar esta Figura deixará de estimar o especioso[122] Artista que desempenhou com tantas vantagens o louvor que assim se dedica a tão altos assuntos. Não venha o Tibre[123] confundir a glória deste célebre Português com a de outros que as Artes educaram sobre as suas margens. O Tejo se gloria[124] de o haver visto

121 Uma recente visita à Quinta de Belas revela que a descrição da estátua da Fama apresentada por Caldas Barbosa é bastante fidedigna. Suas apreciações fazem jus ao que ainda hoje se pode admirar nesse monumento. Tem suas asas partidas por atos de vandalismo causados por invasores da quinta e seu branco mármore está bastante deteriorado e sujo devido ao passar do tempo. Além disto, está sujeita a ser agredida continuamente por água da chuva misturada ao asfalto que escorre da junta de dilatação do viaduto sob o qual se encontra sem nenhuma proteção. Ficam aqui expressos o meu reconhecido agradecimento ao Arquiteto José Vitorino, atual proprietário da Quinta do Senhor da Serra, que generosamente nos abriu as portas de sua propriedade, proporcionando-nos uma visita guiada em que nos facultou inúmeras e importantes explicações sobre os restauros e os jardins da Quinta.
122 Especioso: formoso, gentil.
123 Rio que banha Roma e que aqui funciona para referir os grandes escultores italianos.
124 Verbo gloriar-se, sinônimo de uso antigo e erudito de vangloriar-se.

nascer e à sua vista mesmo crescer e frutificar o seu pasmoso[125] talento. Sim: Lisboa é a Pátria admirável do Estatuário Joaquim José de Barros[126], Cavaleiro Professo na Ordem de Santiago da Espada, o qual, tendo-se assinalado já em outras primorosas obras, vai perpetuar o seu nome nas que presenta[127] nesta Quinta.

Não nos esqueça declarar que esta bela Estátua conta 15 palmos de proporção de estatura, o que concorre muito para a sua elegância, na medida da sua posição. Continuaremos com a Pirâmide que sobe 41 palmos e é toda de uma pedra em que se forma o Obelisco. Em meio se vê atracado[128] este Obelisco por uma pedra que na largura de três palmos e meio o rodeia como cinta ou faixa[129], que nas quatro faces tem em cada uma a Letra Inicial dos Nomes dos nossos Príncipes e de seus dous primeiros Reais Filhos. São as letras J. C. A. M. que denotam *João*, *Carlota*, *António*, *Maria*, que era a Real Prole existente ao tempo de se elevar esta Respeitável Memória.

Vemos este Obelisco[130] assim majestosamente levantado em um lugar notável, porque é ali mesmo aonde se punha termo ao que havia cultivado nesta antiga Quinta.

Desapareceram deste Lugar os antigos muros intermediários, fabricados de pedra e issoço[131], com que esta Quinta interiormente se subdividia, separando então deste modo a parte que era só dada à cultura e ao ornato que já notámos. Dali mesmo, seguindo a parte do Norte, continuou rasgada a nova Rua. Dali mesmo para o

---

125 Pasmoso: assombroso, admirável.

126 Escultor português nascido em 1762 e falecido em 1820, Joaquim de Barros Laborão foi discípulo de João Grossi e do entalhador João Paulo Silva. Após um período de aprendizagem, montou oficina própria, acabando mais tarde por suceder a Giusti na chefia da Escola de Mafra. Da sua obra destacam-se as estátuas *Honestidade*, *Diligência*, *Desejo* e *Decoro*, patentes no vestíbulo do Palácio Nacional da Ajuda, além do baixo-relevo da Igreja da Bemposta, e *A Vitória das Artes*, pertença do Museu das Janelas Verdes. Foi também estatuário, presepista e decorador de coches. A Quinta de Belas possui, entre outras, um presépio e a estátua de Glauco, provavelmente de sua autoria.

127 Atualmente: «apresenta».

128 Atracado: circundado.

129 No original: «facha».

130 Nota do original**:** «Tem este Obelisco mais de 80 palmos de altura».

131 Muro de pedra sem argamassa.

Nascente se rasgou parte de outra, a que se deu comunicação por uma Ponte que atravessa as águas do Rio Chicola, que ali correm e regam esta Quinta: vindo por este modo a estender-se mais a Rua que vem direito ali do Nascente.

Teve assim lugar uma nova Praça[132] em torno do mesmo Obelisco, a qual mostra um gracioso Outavado[133]. Rasgaram-se entradas para a parte da Serra, que correspondessem às saídas para as Ruas que lhes ficavam fronteiras. Plantaram-se, e cresceram, em lugar conveniente a formar este Outavado, árvores próprias e as Laranjeiras e Limoeiros que cobrem o engradamento que forma o Espaldar dos cómodos assentos que ali estão tratados. Cresceram assim também, por isso mesmo, aqui as engraçadas Cássias que, quase sempre floridas e ramosas, vedando que os raios do Sol aflijam a quem ali descansa, lhes entornam sobre a Cabeça e sobre o mesmo chão, que alcatifam[134], a graciosa mescla de suas mimosas flores brancas e amarelas.

Teremos ainda ocasião de tornar a este delicioso sítio: agora porém é necessário que nos não demoremos aqui, para continuarmos por este sobejo[135] da Rua novamente[136] aberta e, pelo meio dos viçosos Plátanos que a adornam aqui, irmos admirar a novidade em que a mesma Rua assim remata[137].

Andados poucos passos, vemos que se começam alevantar de nossos pés, como nascendo daquele chão, toscas, mas engraçadas pedras que, carcomidas pela voracidade dos tempos, apresentam um informe feitio, que com o simples cunho da Natureza se faz agradável e que a Arte, vigiando-o escrupulosamente, estuda não o enfeitar.[138]

---

132 Atualmente, a partir do Obelisco, tudo foi invadido pelo mato, não havendo mais vestígios de praças, pomares, lagos, etc.
133 No formato de um polígono octogonal.
134 Alcatifam: atapetam, tapizam.
135 Sobejo: o que resta, o que vai além.
136 Novamente: recentemente.
137 Remata ou arremata: termina, finaliza.
138 A arte o mantém como tal, respeitando a sua forma original, sem lhe acrescentar enfeites.

Um irregular Tanque, com graciosas sinuosidades, se vê aqui, orlado[139], sem simetria alguma, destas pedras do lavor da Natureza. Do meio do mais profundo deste Tanque se erguem alguns mais grossos Penedos que, formando juntos um pequeno Monte, mostram sobre ele Glauco[140], assim como o fingem os Poetas, já mudado, «*Por virtude da Erva poderosa*»[141]. Meio Peixe e meio Homem se vê ali erguido sobre a escamosa Cauda; e mostra-me o Corpo, em que o mesmo já louvado Escultor[142] exprime a força nervosa; e no bem apalpado dos músculos se conhece a grossaria natural, e até se aviva o esforço que faz para segurar na rede, que aperta entre os nodosos dedos, os Peixes que malharam[143] nela. A cabeça deste Semideus é notável entre os admiradores da Arte. Os Cabelos, como escorridos para a testa, parecem gotejar a água que trouxeram de donde se supõem saídos. A Boca está aberta, naquela posição em que se costuma ver a do Pescador que se alegra com achar uma boa preia[144]. Todo Corpo, longe de mostrar o liso e nédio do Homem farto e descansado, representa o seco de um Trabalhador solícito; e o Ventre, em vez de tufar para fora de gordo, se recolhe em rugosas dobras para dentro. As Costas porém mostram a lisura que convém à sua posição um pouco curvada, dando a conhecer a fortaleza dos ossos da sua formatura. Enfim, não se exprime mais propriamente um corpo afeito ao trabalho. O Rosto acaba de aperfeiçoar esta figura, exprimindo na aplicação dos olhos o que em tal ação se devia esperar dela e, mostrando, nas secas maçãs e na hirsuta crespa barba, o natural desenfeite da sua laboriosa ocupação.

---

139 Orlado: guarnecido, enfeitado.
140 Divindade marinha, cujas origens divergem em diferentes fontes, sendo a de Ovídio a mais conhecida. Teria nascido como um comum mortal, vivendo como pescador. Acidentalmente descobriu uma erva mágica que conseguia fazer reviver os peixes que apanhava e decidiu experimentá-la. Comeu-a e pulou na água, seguindo o exemplo dos peixes que reviveram. Acolhido pelas divindades aquáticas, tornou-se imortal, adquirindo cabelos verdes como o mar, ombros largos e pernas transformadas em cauda de peixe.
141 Conforme o original.
142 Referência a Joaquim José de Barros Laborão.
143 Ficaram presos nas malhas da rede de pescar.

Para bem ver por todos os lados esta boa figura, me foi necessário entrar pela abertura que à parte esquerda oferece o mesmo Tanque e, acabando de a ver, me convidou a subir mais o caminho que por entre esta ajeitada penedia me dirige a outra figura, que vejo mais em cima. Está ela, como senhoreando toda esta Montanha, sentada diante de uma Casa, trabalhada com arte e formada debaixo de um Arco da rusticidade da mesma pedra.

Parece-me ver personalizada aqui a figura de um Rio, que trabalharemos por conhecer. Esta respeitosa laureada cabeça, este remo que, como divisa, tem alçado na esquerda mão, enquanto com a potente dextra parece determinar ao escamoso Delfim em que está recostado que despeje sem cessar a torrente de água que, caída de tanta altura, pela larga boca, faz uma vista muito agradável, certamente o designam um Rio com um mando superior aos que vemos correr. Notemos o contínuo som da sonora queda desta torrente, que faz harmonia com o manso murmúrio das gotas que, por outra parte, ou descem juntas, ou separadas escorregam pela frente desta singular Cascata.

Esta figura que, como as duas, nos confirma no primor da Arte de quem as fez, vai com ambas e com tudo o que forma aquele respeitoso Obelisco, e esta portentosa Cascata, comprovar perante a Posteridade que fomos verídicos no que já dissemos do excelente Cirilo Wolkmar Machado[145], quando, no começo da descrição do Palácio de Lisboa destes mesmos Senhores, demos a devida honra a seu pincel magistral. Ele delineou estas célebres obras; e a Razão e a Natureza terão nelas que fazer admirar aos Vindouros a veracidade de quanto ele assim delineara.

145 Cirilo Volkmar Machado (Lisboa,1748-1823), intentou criar a Academia do Nu, mas não teve sucesso. Foi nomeado pintor do Príncipe Real, tendo pintado variados painéis e tetos em igrejas, edifícios públicos, palácios e casas senhoriais de Lisboa e de todo o país, bem como carruagens e coches para a Casa Real, além de projetos arquitetónicos. Na época do casamento dos Condes de Pombeiro em 1793, foi construída na quinta de Belas a cascata atribuída a este artista. Quanto à estátua de Glauco, não é certo se a autoria lhe pertence ou a Joaquim José de Barros Laborão.

Este grande génio, consultando a magnanimidade do Senhor deste terreno e mesmo a conservação dele, na sua natural e própria dignidade daquela Serra, quis restituir-lhe o que injusta e mesquinhamente lhe haviam roubado, com o pretexto de a separarem do solo cultivado, que quiseram rasteiramente aumentar, à custa da fermosura da Natureza. Mas já vai a ser emendado este erro caprichoso, que sem lucro, desnaturalizara dali os penedos que ali mesmo propriamente haviam nascido, para começarem a natural subida.

Pedras, filhas da mesma Serrania, descem a ocupar e preencher o lugar desfigurado, embora lhes caiba, como em prémio, esta melhor figura que as vinga da injúria que se havia assim feito à Natureza, sua mãe. Vede-as e reparai como umas ali pousam e como outras se lhes encostam. Notai as que se levantam, sobre umas e outras, ajudando-se a suster entre si, com força mútua, as mesmas fragas que para ali descem da Serra. Por baixo de Árvores e Arbustos, a terra deixa ver às vezes o progresso de união com que a Natureza gosta conservá-las no seu berço. Esta natural, vária posição, que agora aqui assim as patenteia, forma uma como Arcada de naturais, rústicos pegões, por onde, em suave declívio, é tratada a descida da pequena Casa que se vê aqui sobre esta colina. A mesma Casa, com uma Arte engraçada, está posta debaixo de quatro Arcos da mesma pedra rústica que vão rematar no meio, de um modo muito gracioso, mostrando também nos cantos, em que parecem curvar-se, um airoso enfeite, de igual natureza.

Reparemos nesta Casa, que merece atenção, até mesmo a galantaria que mostra nas suas paredes exteriores. Todas elas são cobertas e aparecem marchetadas com gracioso embutido, que finge um estudado enfeite, sem perder, contudo, o seu génio rústico. Assim vemos todas as suas quatro paredes e as outo correspondentes pilastras. Na frente se rasga uma acomodada porta para a qual oferece entrada aos que sobem e vêm da parte da figura. Esta porta tem ao lado duas pequenas janelas e, igualmente como esta parede, tem a mesma porta e janelas a que, olhando para a Mata, lhe é correspondente. As paredes dos lados olham cada uma para fora, com uma só janela. Uma Varanda rústica cerca toda esta pequena Casa e a deixa,

passeada[146] assim em roda, com a franqueza da descida e saída para as Ruas ou entrada e subida para a Serra.

Quando saímos desta Casa, pela porta que olha e dá passagem para a Serra, temos de o fazer pelo seguimento da Varanda, que é tratada de uma e outra parte, dando no meio lugar a uma escada, também rústica, que desce ao interior desta remendada penedia. É por degraus de pedra também rústica que se desce ao lugar em que se deixou cómodo, para murmurar, correndo a fonte da virtuosa água que sai, como já notámos, do seio da penedia que sustenta a devota Capela, também já notada.

A graciosa escabrosidade desta descida[147], a propriedade e ordem com que estão dispostos ali os assentos que acompanham o natural Penedo, onde esta fonte aparece, tornam muito agradável aquele sítio. A claridade, a pureza, a frescura desta virtuosa água aumentam a sua estimação. Dali por pequena escada e pela abertura que assim mesmo se acha rasgada, convenientemente se desce mais, aonde, em redonda Bacia de pedra, se recolhe a água que continuamente sobeja desta misteriosa fonte e dali assim contínua cai a acompanhar aquela, que notamos, arremessada da boca do Delfim. Para este irregular Tanque se descem, 3 palmos e meio desde o plano desta Bacia, por uns degraus introduzidos em uma comunicação que se acha rasgada e que ali oferece estreita passagem, com que possamos atravessar por cima do mesmo Lago, para vermos a fachada exterior desta Obra, em que a Arte remediou e melhorou a Natureza estragada ali com aquela esquisitice.

Diremos agora que nos achamos no vestíbulo desta notável Cascata na qual soube adaptar-se a Arte tanto à Natureza que tudo o que aparece é obra desta, sem deixar suspeita do Lavor daquela, na mesma singular fermosura de seu adorno.

Teríamos razão de desculpar a quem, entrando nesta Quinta pela nova Cancela que se abre fronteira à maravilhosa fachada desta Cascata, se extasiado com esta improvisa vista, sonhasse que

146 Passeada: contornada.
147 Irregularidade deste declive.

via em verdade uma das fabulosas Estâncias dos Deuses aquáticos. Os Arcos, que parece que a natureza ali rasgara e afeiçoara para a majestade de sua entrada; este ornato limoso, que cobre as pedras e estas plantas equóreas[148] que as bordam; estes mesmos penedos dispostos como próprios Sofás de tal Sala; estas espadanas[149] sempre vivas, que tapizam estes corredores; estes mesmos regatos que mansamente se intrometem por eles com os dourados peixinhos; finalmente as mesmas medrosas anfíbias Rãs, que saltam de uma e outra parte, com o seu rouco alegre grasnido; tudo aqui desculparia o seu engano.

Foi certamente uma feliz invenção do fecundo génio do sábio Cirilo. Projetou ele que Neptuno (que acharemos logo em outra mansão nesta mesma Quinta), enfadado do roubo das águas deste Senhorio, obrigara ao Tejo a vir pedir aqui conta aos três pequenos Rios, que sempre devem servir esta Quinta.

Este é pois o lugar destinado para o Tejo vigiar sobre o presunçoso Itâneo, e assim também sobre o brincador Chicola e o saltador Castanheiro[150]; e dali parece que o supremo Rio os distribui à ordem da belíssima Senhora deste gracioso Terreno, fazendo que estas graciosas águas corram e saltem como ela lhes ordenar. Veremos adiante cousa que comprove esta ideia.

Ei-los que dali correm a obedecer, e qual mais agradar àquela[151] a quem tiveram a fortuna de caber em sorte de Senhorio: daqui mesmo os vejo caminhar apressados e em saltos buscarem a seus pés a fortuna de tomarem sobre as diáfanas espaldas a ditosa Barca, em que ela gosta ali passear. Quem não os vê dividir-se e correr diante dela para regar as plantas e flores que ela estima? É para isso que, saindo dos seus Leitos, vão gostosamente voltear todo o terreno que ela tem destinado para este seu divertimento. Quem não os vê também saltar de uma parte, suster-se noutra e precipitar-se quando

---

148 Equóreas: aquáticas.
149 Folhas em forma de espadas.
150 Nota do original: «São estes os três Rios que de diversas partes entram na Quinta».
151 Referência a D. Maria Rita, Condessa de Pombeiro e proprietária da quinta.

acham necessário, para, unidos mansamente à sombra de Olmos e Freixos, lhe darem o cómodo passeio, em que ela, com o lindo bando de seus Filhos[152], e de suas Parentas e Amigas, usa divertir-se?

Também a mesma Senhora de Belas, como por gratidão, tem o cuidado de afermosear e tornar mais bela a vizinhança deste que chamaremos Palácio do grande número das águas. Pelo engraçado declive que desce da Mata à direita e à esquerda desta que designamos Atalaia[153] do Tejo, sobem modernos e regulares Jardins, que, em volteadas Ruas[154] alongam e entertêm[155] o seu passeio.

Poderíamos dizer que a delicada Flora, de mãos dadas com a rica Pomona[156], cuidam aqui em executar bem os delineamentos da amável Condessa. Por esta parte crescem as Rosas de todas as castas, purpúreas, descoradas e até de todo brancas, desde a maior grandeza até à sua mais engraçada pequenez. São para ver as que se apresentam, como enfileiradas, fazendo frente às Maceiras[157], que da outra parte da Rua crescem em um fermoso Pomar, vindo também com seu fruto arremedar-lhes a cor. Vejo assim promiscuamente baralhar-se estas flores entre outras e por entre o engraçado cerco que lhe fazem o florido Alecrim e a cheirosa Mangerona que tem ali com ele uma perpétua paz. Do meio destes cercos se levantam aqui

---

152 Os Condes de Pombeiro, D. José Luís e D. Maria Rita tiveram nove filhos: D. Antonio Maria de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, D. Maria José Vasconcelos e Sousa, D. José de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, D. Ana de Castelo Branco, D. Rita de Castelo Branco, D. João de Castelo Branco, D. Mariana de Castelo Branco, D. Joaquina de Castelo Branco, D. Guiomar de Castelo Branco.
153 Sentinela.
154 Sinuosas ruas, com muitas curvas.
155 Atualmente: entretêm.
156 Uma das Hamadríades, ninfas dos bosques, cujo amor aos jardins e ao cultivo das árvores frutíferas não era excedido por ninguém. Seu nome vem da palavra latina *pomum*, que se traduz como «fruto». É apresentada como uma bela ninfa, tendo como seu atributo a tesoura de poda com que podava as plantas para que crescessem melhor. Com receio de que alguém pudesse estragar os seus canteiros, cercava-os num pomar fechado. Tinha muitos admiradores e Vertuno, o mais dedicado, disfarçava-se para poder se aproximar da ninfa. Com paciência e insistência, acabou por conquistá-la e ela finalmente cedeu, apaixonando-se pelo sedutor.
157 O mesmo que macieiras.

e ali cheirosas e floridas Madressilvas, rodeadas de roxas Saudades, das quais tufam algumas com uma engraçada pluma verde e convenientemente se acham também com elas, assistindo-lhes, os pequenos Perfeitos-Amores. Gosto de ver aqui esta planta gigantesca, que floresce em azuladas Maçarocas selvagens. Gosto e gosto muito das plantas odoríferas, com que a bela Condessa, unindo-as às galantes e diversas famílias florígeras[158], cuida em afermosear esta parte. Vamos ver a outra[159].

Aqui parece que Pomona, consentindo que Vertuno[160] bordasse este Jardim com alguns viçosos Castanheiros e geletinosas[161] gorselhas[162], o chamou para a ajudar no seu trabalho, como o fizera à Deusa das flores[163].

Nesta parte pois, tendo cortado entre o Bosque de Damasqueiros e ainda entre fermosas Maceiras outros passeios intermediários, quis também que Flora a ajudasse a afermosear. Corta Pomona os ramos que embaraçariam sobrepostos a necessária passagem do ar e fica deste modo também mais franca e útil entrada dos criadores raios do Sol.

Por este benefício crescem mais vigorosos os mesmos Damasqueiros e vai vegetar melhor a nova plantação. As Americanas Bananeiras, a quem empecera[164] a frialdade do inverno que tanto aqui estranharam, tornam a aparecer com as suas novas longas folhas.

---

158 Plantas que dão flor.
159 A outra parte do pomar.
160 Esta divindade etrusca presidia a fecundidade da terra, a germinação das plantas, sua floração e o amadurecimento dos frutos. Apaixonou-se por Pomona e, para conquistá-la, transformou-se inúmeras vezes em lavrador, ceifeiro, vinhateiro sem obter sucesso. Finalmente apareceu como uma velha que contou a Pomona sobre a dedicação que Vertuno lhe destinava, enternecendo-a. Abandonou pois, esse disfarce, e conquistou a amada. As sucessivas transformações de Vetuno representam a mudança das estações. Ele é apresentado como um belo jovem coroado de ervas, com frutas numa das mãos e na outra, uma cornucópia.
161 Atualmente: gelatinosas
162 Atualmente: groselhas.
163 Flora.
164 Empecera: prejudicara.

Os mimosos Pessegueiros também rebentam e florescem com mais esperança de fruto. A Amendoeira, precursora da Primavera, derrama sobre o chão, como em parabém da sua chegada, as brancas flores que inquieto Favônio[165] lhe desfolhara. Algumas outras Árvores, aqui plantadas em irregulares quadros, são graciosamente molduradas de plantas odoríferas. Muitos são cercados de viçosa Murta; cresce em roda de outros o crespo Roquete. Também com o Alecrim e Manjerona de mistura se estão vendo outros orlados. Cercam este círculo o cheiroso Estravão e a suavíssima Segurelha. Cresce mais e aparece ornada com as odoríferas pequenas espigas a fecundíssima Alfazema. Daqui enriquecem as Abelhas os seus Cortiços, dando, com os bálsamos virtuosos que extraem, o maior valor ao mel que trabalham nesta mesma Quinta. Virá tempo em que sua Senhora aproveite melhor este admirável trabalho.

Aproveitemos nós também este caminho especioso[166] e odorífero; e subindo-o vamos introduzir-nos na Mata, que vemos agora talhada em cómodas e engraçadas Ruas. Esta nos leva ao seu interior e quase sem nos apercebermos nos vemos subidos ao meio dela, que antes por seus embaraços, nos não atrevêramos a registar. Para aqui se encaminham outras muitas Ruas que, subindo e descendo, com voltas agradáveis, vão enterter-nos[167] e divertir-nos muito.

Os verdes Medronheiros, de que esta Mata é bem povoada, com os seus frutos, amarelos quando não maduros ou vermelhos quando já sazonados, entertêm, e recreiam aqui muito a vista. Vejo que também agradam ao paladar de alguns.

E noto nos que se fartam deste fruto, que experimentam a embriaguez a que costuma levar facilmente os homens o espremido sumo da uva no princípio da sua efervescência. Outros frutos silvestres ali vejo bonitos de cor e que serão delicioso sustento dos pássaros que cuidadosamente ali os procuram. Também estes mesmos

---

165 Nome do vento oeste que, na Grécia, corresponde a Zéfiro.
166 Especioso: agradável.
167 Atualmente o verbo é entreter.

pássaros, com o variado matiz das suas penas e a grata diversidade do seu canto, aumentam a especiosidade desta frondosa Mata.

Os Loureiros são as árvores que mais amam este sítio, em que se reproduzem e multiplicam espontaneamente: muitos aparecem sobre pedaços da penha em que esta Mata se acha formada, deixando ver a pouca terra que cobre o penedo que a sustém. Assim mesmo nos mostram uma agradável rusticidade, oferecendo ao mesmo tempo um oportuno repouso aos fatigados de subirem e descerem e de a passearem, porque isto se faz ali de mais de uma milha.

Não se cansa o teimoso Caçador, consolando-se na abundância de caça que passeia aquelas veredas e se recolhem[168] nas lousas, ou na esburacada terra que forma os seus covis. São ali inumeráveis os coelhos que se criam naquela serra e é grande a multidão que tem na planície superior seu pasto e o seu passeio. A natureza do sítio, com o privilégio do Couto, concorrem para abundar sempre desta caça e da volátil, que às vezes empece e estraga a colheita da sementeira.

Subidos a este lugar em que a vemos melhor, mais admiramos continuada a proveitosa plantação de Oliveiras e somos facilmente convencidos dos conhecimentos do Beneficiado Lampreia[169]. Vemos aqui que este terreno, impróprio para outra cousa, abunda de Zambujeiros ou Oliveiras silvestres, fáceis para o enxerto das mansas, logo que o sábio ferro do cultor cuidadoso as saiba aproveitar, diminuindo-lhes o vício e introduzindo-lhes a virtude das outras.

A utilidade deste trabalho me consola, como me consola também ver coberto de Pinheiros o monte pouco distante e terreno deste mesmo dono, o qual eu vira há bem poucos anos[170] deserto e estéril.

Homens (quereria eu gritar daqui em voz que me ouvissem todos), homens, é o novo Senhor de Belas quem vos dá pública lição de melhorar de terreno que chorais estéril e inútil, queixando-vos,

---

168 Concordância possível na época com a ideia de plural contida na expressão «abundância de caça».

169 Como já referido, trata-se do Reverendo Feliz José Lampreia, Beneficiado na Igreja de Santa Justa, natural de Serpa e perito nestas plantações.

170 Mais uma referência à primeira visita de Caldas Barbosa à Quinta de Belas em 1784, destacando as benfeitorias realizadas pelos Condes de Pombeiro.

talvez sem razão, da fortuna que vo-lo repartira: nascidos no campo, não vedes a conta que este admirável Pai de Famílias estuda no seu gabinete. E tão bom Cidadão que me faz trabalhar em mostrar--vos essa conta. Não tardará muito que a leais na vossa mesma Linguagem.

Mas não é agora a ocasião deste clamor. É tempo de ir descendo por entre o velho Olival que novas Árvores me mostram agora enriquecido; e por esta parte notaremos o aumento dos Pomares e a sua nova ordem, com a Rua também nova de fruta de caroço, que do lado da Cascata vem aqui dar em uma engraçada Praça redonda, para com a volta conveniente vir atravessar a maior Rua antiga.

Este atravessamento se faz por uma nova Ponte, capaz da passagem dos carros que entram ali por uma porta, última nesta parte da Quinta, em que eles podem entrar a servi-la, tornando a sair, sem destruir-lhe os passeios de regalo. Quando atravessamos agora para esta Rua, não é sem termos visto à esquerda da mesma Ponte um delicioso lugar, que por um pouco nos enterteve[171]. Aqui se vê entrar, neste recanto e fim da Quinta, alguma água do Rio Chicola, acompanhada das sobras da farta Fonte pública que corre vizinha. Estas águas entram ali em uma espécie de Açude, de onde ao depois se toma em canos para regar o que convém ou se deixa descer solta e comodamente, para ajuntar-se e correr com as outras águas que volteiam a Quinta.

Ora esta torrente, rolando-se na área do Açude e dando nele contínuo gostoso banho aos diversos patos que ali se ajuntam, variados em tamanho, em cores e mesmo em figura, não é para ver sem se notar. Até cuido que para isso mesmo se lhe pôs ali o espaçoso assento de pedra que em conveniente lugar aparece.

Os aquáticos, folhudos e corpulentos Salgueiros, que ali cresceram e também assombram este lugar; as pequenas Aves que ali se banham, bebem e cantam vizinhas; as mesmas águas que principiam a escorregar, murmurando entre as pedras, e que depois saltam com a maior bulha; tudo faz que eu chame, como já chamei, este Sítio delicioso.

171 Atualmente: entreteve.

Fugiremos a esta vista encantadora, que nos dilata aqui mais do que nos convém nesta ocasião, em que ainda temos muito para ver e notar. Atravessemos finalmente esta majestosa Rua, que já notámos ao princípio desta Descrição. Não poderá ser porém com a pressa, a que nos havíamos determinado, porque nos demora os passos a novidade que achamos nela.

Aqui mesmo neste lugar, tão próximo ao fim da Rua, vejo, crescidos de mistura com os ramosos floridos Folhados, viciosos Loureiros, que em redondo cercam um Tanque rústico, formado de seixos naturais, sem enfeite; nele se recolhem as águas que restam, depois de servir ao necessário regadio, e dali se despejam, por uma particular passagem, sobre as que do Açude saltam no Rio, como ora dissemos. Fica este engraçado Tanque defronte da porta, que já mostrei, dando entrada para o serviço e amanho[172] interior da Quinta; e duas paredes vegetais encanam[173] para aqui a entrada, ao mesmo tempo que por fora fica lugar em que os carros passem, sem entrar neste redondo.

Ao admirar a pressa com que cresceram estes louros e folhados, que ali se semearam, nesta agradável ordem, muito depois do ano em que eu primeiro entrara[174] nesta Quinta com seus Senhores, passeando estas fermosas banquetas, descubro entre elas preciosas e admiráveis Estátuas de um rijo mármore branco.

Esta respeitável colossal Figura, que até no venerando rosto expressa a dignidade de um Númen, é o célebre Neptuno, obra do pasmoso[175] Cavalheiro Bernini[176]; cuido que, só com esta simples

172 Cultivo, lavoura.
173 Encanam: canalizam, conduzem.
174 Alusão à primeira visita de Caldas Barbosa à Quinta de Belas em 1784.
175 Pasmoso: extraordinário, que causa pasmo.
176 Em 1770, D. António de Castelo Branco (5.º conde de Pombeiro) efetuou grandes transformações nos jardins da Quinta de Belas, adquirindo o lago com a famosa escultura de Neptuno aos Condes da Ericeira para cujo Palácio da Anunciada fora efetuada em 1677. Em 1945 o monumento foi instalado na Alameda do Lago das Medalhas no Jardim do Palácio de Queluz. Investigações recentes atribuem a sua autoria a Ercole Ferrata, discípulo e colaborador de Gian Lorenzo Bernini. Para mais informações ver FERRO 1997: 119.

narração, tenho feito o elogio da Obra. O sítio a que ele é destinado nesta Quinta, com os quatro membrudos e fornidos Tritões, que o acompanham, ficará não tendo inveja à fermosura da célebre Praça que, com semelhante obra do mesmo Autor[177], se enriquecera na invejada e roubada Roma. Belas vai ser agora mais visitada de todos os excelentes Professores desta nobre Arte, que, nas figuras que apresenta aqui, tem modelos preciosos, que oferecer-lhes a copiar. Esta nova riqueza deve ela ao amor das Artes e grandeza do Coração de seu novo Senhor.

Voltemos o passeio à sombra destes grandes troncos, coevos dos que ornam a Rua; e daqui do muro a que eles, bordando-o, se encostam, olhemos ao quadrado que ocupa esse cansado Pomar, que suspeito que, em bem pouco tempo, vai ceder lugar a este Númen, a quem se atribui o Império das Águas, para que se apresente aqui com a dignidade que lhe é própria. Ali o veremos em pé sobre as caudas dos escamosos Delfins que lhe servem de peanha[178], e inclinando para eles uma vista severa e governando-os com o Tridente que empunha na sua dextra. Veremos assistir-lhe, em torno e em lugares proporcionados, os robustos Tritões[179], destinados a fazer-lhe Corte. Ali se mostrará que a um seu aceno lançam os Delfins das suas largas ventas e os Tritões dos retorcidos búzios a água que lhes cabe arrojar; e os bem figurados peixes, que hão de também acompanhá-lo, não estarão ociosos.

Enquanto isto não sucede assim, visitemos outra vez as altas frondíferas[180] árvores dessa Rua, que sempre renova a minha admira-

---

177 Gian Lorenzo Bernini, entre 1642 e 1643, esculpiu a *Fontana del Tritone*, encomendada pelo papa Urbano VIII, seu admirador. É indiscutivelmente uma obra barroca de grande dramaticidade. Atualmente localiza-se na Piazza Barberini, em Roma.

178 Suporte, base ou pedestal em que está colocada alguma estátua ou figura.

179 Na mitologia grega os Tritões são monstros marinhos que fazem parte do séquito de Poseidon, seu pai, de quem guardam as características de corpo de homem e cauda de peixe. As suas trompas eram conchas, nas quais sopravam para assustar os marinheiros, embora, quando lhes apetecia, sabiam delas também produzir suaves melodias, consideradas músicas inigualáveis.

180 De grandes frondes ou copas.

ção. Ainda vive aqui o Freixo anoso que há mais de quatorze anos[181] eu lastimara enfermo: ele testemunha a novidade da Cascata, admira a nova Casa e Atalaia do Lusitano Tejo[182] e, sem se mudar, vigia daqui mesmo o novo Cancelo[183] que, abrindo-se facilmente para uma e para outra parte, guia em direitura[184] os que entram nesta Quinta ao lugar em que ele se acha. Decotado da sua coma antiga[185] e perdidos muitos de seus grossos ramos, eles se cobrem de outros mais novos, mais pequenos e por isso mais viçosos. Deixo-o agora, porque insta a curiosidade de visitar mais outros troncos desta mesma Rua. Caminho por ela e vejo-os, achando-os, ao meu parecer, todos melhorados em fermosura e em estatura mais crescidos os que vira, ainda quando mal podiam figurar entre as outras árvores idosas. Talvez que o afastarem-se dentre eles as banquetas de Louro, que lhes escondiam a beleza do tronco, concorra para esta sua gentileza e fermosura nova.

Aqui se rasgam duas novas Praças espaçosas, que ocupam o lugar em que eu dantes vira pobres Pomares, porque as árvores altivas que as cercam, cruzando de uma a outra parte suas fortes raízes, impediram vegetar[186] ali comodamente as Laranjeiras e Limoeiros, que ocuparam parte deste lugar. E que fermosas são estas Praças, assim também lançadas! Mediremos primeiro a que achamos da parte do Norte: tem esta trezentos palmos de comprimento, com duzentos e trinta de largo; e a do lado do Sul aparece da compridão[187] de duzentos e quarenta palmos e da largura de duzentos e vinte.

É graciosa a planície em que ambas estas Praças têm lugar; e ambas elas aparecem matizadas de fermosas Boninas e graciosas

181 Nesta visita realizada em 1799, precisamente havia quinze anos, Caldas compara o que vê com o que admirou na primeira vez em que esteve na Quinta de Belas em 1784, mostrando as muitas diferenças para melhor.
182 Sentinela do Tejo.
183 Cancela, pequeno portão.
184 De forma direta, reta.
185 Sem a sua antiga copa.
186 Vegetar: crescer.
187 Compridão: comprimento.

Campainhas brancas, azuis, vermelhas, roxas e amarelas, que entapizam o terreno galantemente com este matiz.

Estas Praças foram assim dispostas e cercadas cada uma de um Assento[188] geral, que tem mais graça pelo seu viçoso espaldar, para cómodo de um maior ajuntamento dos diversos ranchos de Famílias que, entrando com a franqueza que já declarei, costumam ter aqui o seu passeio. E é muito para ver este lugar em dias mais notáveis. Agora mesmo, que descem da Capela da Serra os ranchos[189] devotos que neste dia festejam ali o Santo dos Santos[190], se faz este sítio mais alegre e notável.

Depois de ver descerem espalhados ranchos, este enfileirado pelo caminho tratado sobre a Cascata, aqueles espalhados pelos Jardins que descem à esquerda e à direita, outros finalmente saindo das diversas veredas da intrincada Mata, é muito agradável ver de perto como todos estes ranchos vêm, entrando por aqui e por ali, juntar-se nestas grandes Praças. A que está da parte do Norte atrai muita[191] mais gente, porque lhe servem de engodo as Tendas de engraçadas mercadorias, que nestes dias têm permissão de as abrir aqui neste sítio os seus Mercadores. Aqui mesmo também se estão vendo os ranchos, que dançam, ao som de diversos instrumentos,

---

188 Banco comprido para muitas pessoas.

189 Grupos de dança e de música folclórica portuguesa, cuja origem é anterior ao século XV. Documenta as tradições, cuja existência se mantém atualmente nas diversas regiões de Portugal. Cada uma possui o seu rancho típico, sendo muito conhecidos os devotos de Belas.

190 O Santo dos Santos equivale hoje à solenidade do Corpo e Sangue de Cristo que remonta ao século XIII, devendo ser celebrada na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade que, por sua vez, acontece no domingo seguinte ao da oitava de Pentecostes. Teve sua origem quando, por volta de 1264, em uma cidade próxima a Orvieto, sede do papado de Urbano IV, ocorreu um milagre no momento em que um sacerdote celebrante da Santa Missa, ao partir a Sagrada Hóstia, teria visto sair dela sangue que empapou a toalha, onde se apoiam o cálice e a pátena. O Papa então determinou que os objetos milagrosos fossem trazidos para Orvieto em grande procissão, sendo recebidos solenemente por Sua Santidade e levados para a Catedral de Santa Prisca. Foi esta a primeira procissão do Corporal Eucarístico de que se tem notícia, ficando oficialmente instituída por Urbano IV com a publicação da bula *Transiturus* em 8 de setembro de 1264.

191 Conforme o original.

danças também diversas; e igualmente se escutam várias, alegres e sonoras cantigas.

Saio destas praças, acompanhando os passeantes que se dirigem à Rua que atravessa esta grande e corre fronteira ao majestoso Obelisco. Então, parando com eles na Ponte, com que o Conde havia estendido a comunicação desta parte à nova obra da Quinta, pelo lugar já mostrado, vejo para a direita o Rio tomado como em um longo Tanque, em que vem nadando um gracioso Batel, carregado com um lindo rancho feminino, que poucos homens guiam para esta parte. Depois de notar a franqueza da sua honesta alegria, um estranho rumor me faz voltar a vista para a parte esquerda da mesma Ponte: vejo ali a torrente que debaixo dos meus pés se precipita; e, estendendo a vista por baixo dos Choupos e Freixos que a assombreiam aqui, onde começa a encanar-se, admiro outro mais lindo Batel, que carrega mais raras Belezas.

Ainda na mesma vizinhança escuto o som da água que sai de outra torrente, que vem coberta da sombra das árvores que mais vegetam com o favor do rio Castanheiro, que por entre elas também vem ali despejar-se. Todas estas torrentes são as que depois vão juntar-se adiante e correm unidas até se abrirem, para abraçarem uma pequena viçosa Ilha que, povoada de Freixos, Álamos e frutíferas Nogueiras, tem lugar em meio destas águas que, ao depois reunidas, somem-se por baixo da grande Rua nova e vão aparecer no meio dos antigos paredões, por onde esta maior porção de águas sai desta Quinta, bem que fique correndo a que convém pela garganta do Açude que leva a que se deve dar, para o serviço de uma Azenha vizinha.

Notado isto saíamos deste lugar e vamos notar outra vez a rua que corre fronteira ao Obelisco, a qual daqui para diante é a mesma em que me enganei com o fermoso fruto da Sorveira. Estendendo daqui a vista, torno a achar no fim um Cancelo, semelhante ao que já me fizera curiosidade ver fronteiro à Cascata; e, por entre o seu engradeamento[192], descubro outro semelhante engradeamento,

192 Gradeamento.

além da Estrada que passa. Iremos logo de mais perto investigar esta novidade de portas.

Seja-me agora permitido dirigir os meus passos à parte direita desta Ru[a], para ver os novos Jardins, que rasgou neste terreno, dantes inculto e desajeitado, a curiosa Condessa. Não deixo de admirar-me nos graciosos variados debuxos[193], com que estes três Jardins são formados.

O primeiro, e mais próximo a este lugar de onde eu saíra, tem a forma de um triângulo e mostra no meio uma Placa ou Maciço também em triângulo, cheio de várias e diversas flores. A sua saída, e entrada por uma pequena abertura, é feita[194] em pequena rasgadura na alta Banqueta que o cerca, fronteira a outra semelhante que mostra o outro Jardim, no qual, atravessando a Rua, eu devo agora entrar.

Cabe ao passar desta rua notar que ela, adornada de árvores tão antigas como as das outras, ainda que mais curta, não tem menos fermosura. Encosta-se deste lado direito nos altos Louros que encobrem daqui o Rio; e, do assento de pedra que oferece aqui mesmo, deixa olhar para outro, formado de paus rústicos que em um quadrado aberto, oferece descanso na Rua da Cascata; e, encostando-se na Ponte que dá passagem à mesma Rua, olha para a mesa rústica e assentos de cortiça, que com pouco desvio lhe está defronte. Essa mesa e assentos, situados na vizinhança do Rio, gozam da frescura dos Zéfiros que volteiam ali continuamente à sombra de um cómodo Loureiro, que ajuda a fazer deleitoso este lugar aos passeiantes, regalando-os com a vista e odorífera vizinhança do viçoso Loureiro, costumado a aninhar as aves cantoras.

Devemos entrar no segundo Jardim, que é um quadrado longo, sem escrupulosa regularidade. Acha-se repartido em canteiros engraçados, em que, com flores, figuram plantas odoríferas. Os cheirosos e lindos Morangãos, grandes e [pe]quenos, mais e menos corados, aumentam a graça deste segundo Jardim; no meio dele

193 Desenhos.

194 No original, por gralha, o verbo ser está repetido: «A sua sahida, e entrada he por huma pequena abertura, he feita».

se vê estar formado, como uma Bacia, um redondo, cheio de rasteiras plantas; Chorões de diversas castas o enchem e matizam da variada cor das suas flores; e orna-lhe o meio, subindo do fundo acima, larga corpulenta pontiaguda Tuia. No interior da parede que forma o verde Folhado, está defronte desta Bacia um Sofá também rústico, cujo assento, formado de larga cortiça, debaixo de uma acomodada cobertura, que lhe dão as mesmas plantas que formam o espaldar, é cómodo ao estudioso que busca semelhantes retiros.

Agora temos de atravessar a grande Rua antiga e respeitemos já o lugar destinado a um novo Templo dedicado à Memória da Incomparável e sempre Amada Maria I, Rainha e Senhora Nossa. Os Séculos futuros respeitarão na Sua Imagem aquela Piedosa Mãe de seus Vassalos.

Entramos no terceiro Jardim, em que se nota uma espécie de labirinto. Acham-se nele flores arvóreas e frutos em pequenos mimosos arbustos: nem há regularidade na disposição dessas plantas e ervas, como também na dos frutos e flores. Por entre estas voltas se acham as cheirosas Madressilvas e pelas outras, as amarelas Giestas; aqui se encontram as Rosas encarnadas, ali as que têm menos cor e ainda as amarelas: misturados com tudo isto crescem os Lírios de todas as castas; e, sem certeza de lugar, os Perfeitos Amores que também diversificam em tamanho e em cor; estão daqui as pequenas Tangerinas misturadas neste redondo com as cascudas Toranjas; no outro aparecem cheirosas Limeiras, com folha de cor variada, e fazem companhia aos Limões que crescem entre folhas rajadas. A florida Amendoeira está acompanhando as estranhas Pereiras; o Medronheiro mesmo tem aqui lugar junto da escolhida Cereijeira: as Tuias parecem guardar aqui mais regularidade; e assim também as azuladas Maçarocas; finalmente esta composição do Jardim é pouco usada entre nós e ouço que os Estrangeiros chamam a isto propriamente um *Quodlibet*[195].

Saindo deste terceiro Jardim, atravesso apressadamente a Rua que me fica nesta saída, para ir registar o que oferece o Talhão[196]

195 *Quod libet:* a gosto, como se desejar.
196 Terreno reservado para cultivar.

fronteiro: por entre dous erguidos Loureiros, está praticada a passagem desta parte e igualmente a introdução da outra. Este terreno aqui o vejo simplesmente preparado para plantação de hortaliças, e a rega geral que o inunda indica isto no seu primeiro amanho[197]. Saímos daqui pela nova abertura da Rua também nova, com que sei que se aproveitara o terreno desleixado[198] nesta parte.

Primeiro entro no engraçado Pomar, com que o mesmo Conde, em uma forma de labirinto, quis quadrupear[199] e talvez multiplicar ainda mais o número dos Limoeiros, que tirara do meio do lugar em que formou as Praças; e com isto obrigou a um vergonhoso silêncio aos que o culpavam de algum desperdício naquela primorosa obra; por entre estes Limoeiros estão em lugar cómodo diversas plantações de Morangãos e, em roda oval deste Pomar, se acham muitas flores das melhores silvestres que, misturadas com roseiras, crescem no terreno em que as raízes das árvores que cercam este quarteirão não consentem prosperar alguma outra cousa.

Continuo daqui, mas vou logo para diante no meio de outro quarteirão, que está subdividido com uma das Ruas intermédias, com que se acha novamente cortado o terreno dos Pomares, para ficarem assim tratáveis. Esta Rua porém nova pára aqui em uma espécie de arquibanco[200], do qual se descobre em direitura[201] uma Ponte rústica e ligeiramente trabalhada, que dá passagem para se introduzir na espaçosa Praça redonda, donde começa a subir a fermosa obra da Cascata. Quero por isso mesmo passear esta Rua; mas, ao atravessar aquela que mostra para aqui a parte posterior do Palácio que eu vira, como já notei, desmantelada, não posso resistir à admiração de a ver tão mudada, como agora me aparece.

Volto a ver e acho a bela mudança de todo o sítio. A Rua vejo que se endireitou e aumentou com Loureiros, que cresceram de uma

---

197 Amanho: cultivo.
198 Desleixado: preterido.
199 Quadrupear: quadruplicar.
200 Banco grande com encosto e vãos, em forma de caixa coberta com uma tampa de tábuas que lhe servem de assento.
201 Em linha reta.

e outra parte pela vizinhança da Capela; e que, encobrindo toda a deformidade que ela tinha por esta, vai emparelhar-se regularmente com sua frente. Por esta frente vejo, tratada em quadrilongo, uma espécie de Átrio, que desafoga e afermoseia a nova fachada que o mesmo Palácio mostra agora para aqui.

Dá regularidade a este fermoso logradouro a parede de Cedros, que segue e assemelha a parede própria da antiga Capela. Em lugar que lhe cabe se finge do mesmo Cedro a obra da Capela e a porta que lhe iguala toma o mesmo feitio, acomodando-se os ramos à altura e dobras, com que torneja o exemplar que quer assemelhar. Por esta fingida porta se entra no vão que ocupam Tintureiras e alguma Tuinantiba; [n]o chão porém, e em torno das árvores alastram-se as cheirosas Violas, entermeadas[202] das flores marchetadas, a que chamamos Amores Perfeitos e os franceses não passam de as nomear *Pensamentos*[203].

A parede do Palácio, que eu tinha visto arruinada e com um conserto impróprio, toma uma forma ajustada e adaptada à Arquitetura antiga. Uma Varanda de pedra, rasgada em buracos semelhantes aos que mostra a fachada exterior, com dous Gabinetes salientes dos lados, acaba de realçar esta figura. Esta Varanda é tratada sobre esbeltos Arcos de pedra, que com as suas Pilastras lhe dão o parecer e o respeito de Gótica Arquitetura.

As Casas melhoraram-se, fazendo-se regulares no seu interior; cobriram-se as paredes e mobilharam-se as Salas como convinha. O Jardim antigo, que pareceu pequeno assim cercado, teve de se lhe arrasar uma parede e, continuando e estendendo-se, vai chegar à primeira Rua, que do Cancelo corre para a Cascata. Este acrescentamento de Jardim precisou logo, para se lhe dar regularidade, paredes de Louro e de Folhado; e, em uma mais alta, que se encosta à Rua daquela entrada, se praticou uma engraçada meia laranja; a quem assistem dous verdejantes Iphis. Ficam porém dos lados deste Maciço duas aberturas: a da direita fronteira à Rua do Pomar, que

---

202 Atualmente: entremeadas.
203 *Pensées*: amores perfeitos em francês.

ainda agora vimos; a abertura porém da parte esquerda vem a sair junto a um novo Cancelo.

Perdoem-me, se eu não individuo muitas cousas deste Jardim assim aumentado. Eu mesmo temo atravessá-lo outra vez, para entrar pela pequena porta de um lado a investigar a virtuosa água ali achada e que, como disse, é franca para todos. Eu temo, eu temo ver o redondo Lago, em que perdi um inocente Amigo e os Senhores desta Casa desgraçadamente, um amável Filho[204]. Vamos à pressa notar finalmente a posição daqueles Cancelos.

Agora entendo que o Senhor desta Casa quis assim fazer fácil a comunicação desta com a Quinta vizinha e sei que continua assim dela a comunicar-se a outra e outras, cujos terrenos ele fará dignos de melhor pena.

Seus Ilustres Sucessores deverão ao seu trabalho, ao seu incansável zelo e ao seu providente cuidado, o aumento desta Casa. Os Povos deverão ao seu exemplo a fertilidade e a riqueza do seu mesmo País. Portugal deverá à memória do que ele aqui faz um modelo do Vassalo Fiel, do Cidadão Honrado e do Bom Pai de Famílias.

FIM.

---

204 Tratar-se-ia da morte por afogamento dum filho dos Condes de Pombeiro? Não foi possível identificar.

Glossário Botânico

Ana Isabel Correia
Departamento de Biologia Vegetal
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Acácia: os nomes científicos das espécies de acácias referidas são difíceis de determinar. Em finais do século XVIII já haveria em Portugal várias espécies de acácias. Nas obras de Vandelli de finais desse século são referidas várias espécies de acácias de flores brancas ou amarelas. O nome acácia foi também usado para designar espécies de outros géneros. Assim, as acácias brancas poderão corresponder a robínias (*Robinia pseudacacia*). Não serão certamente acácias australianas uma vez que estas só terão sido introduzidas em Portugal em meados do século XIX com fins ornamentais e para fixação de solos e são hoje quase todas consideradas plantas invasoras em várias partes do mundo[1].

Álamo ou choupo: é o nome vulgar de espécies do género *Populus*, que pertence à família botânica das *Salicaceae*, que também inclui os salgueiros ou vimeiros. Em Portugal existe o choupo preto (*Populus nigra*), originário da Europa Oriental e W da Ásia, que é cultivado desde a Antiguidade; é asselvajado na maior parte da Europa e no Norte de África. Dele se tem cultivado desde o século XVIII uma variedade *italica*. O choupo branco (*Populus alba*), disperso por quase toda a Peninsula Ibérica, é originário do centro e sul da Europa, W da Ásia e Norte de África e corresponderá à espécie a que se alude no texto. O choupo-termedor (*Populus tremula*) também existe em Portugal e é originário da Europa (no Sul, apenas em regiões montanhosas), da *Ásia temperada e* do Atlas argelino. Os choupos são usados como plantas ornamentais e a sua madeira é ainda usada em carpintaria e marcenaria, para pasta de papel ou para o fabrico de palitos.

---

1 Agradecemos as informações prestadas por Manuel Miranda.

Alecrim (*Rosmarinus officinalis*): é originário da região mediterrânica e considerado erva sagrada pelos antigos egípcios, gregos e romanos. Espécie cultivada em todo mundo como planta ornamental desde há muito, tem também outros usos, em medicina popular, em perfumaria, tempero de alimentos e é uma boa planta melífera.

Alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*): também conhecida como pão-de--João ou pão-de-São-João, figueira-de-Pitágoras, figueira-do-Egipto ou farinha-das-diarreias, é uma árvore originária da região mediterrânica, cujo fruto, a alfarroba, naturalmente doce, dispensa o uso de açúcar na fabricação dos seus produtos. É também usada como alternativa ao cacau ou ao café. As sementes usaram-se na antiguidade como unidade de peso para materiais preciosos. Das sementes obtém-se uma goma que é usada como espessante, emulsionante ou gelificante, com aplicação nas indústrias alimentar, farmacêutica e cosmética.

Alfazema (*Lavandula angustifolia*): é originária da região Mediterrânea, é cultivada como ornamental ou pelos seus óleos essenciais, muito apreciados em perfumaria. Tem também propriedades medicinais. Emprega-se desde o tempo dos romanos como condimento.

Amendoeira (*Prunus dulcis*): é oriunda dos Balcãs, do SW da Ásia e do N de África, é cultivada em toda a região mediterrânica onde também se encontra assilvestrada. Cultiva-se na Península Ibérica, excepto nas regiões mais frias ou mais húmidas. A espécie tem duas variedades: *dulcis* (amêndoa doce) e *amara* (amêndoa amarga). Das sementes (as amêndoas) pode obter-se o óleo de amêndoas, com aplicações em cosmética e dermatologia. As amêndoas doces são muito usadas em confeitaria.

Amor-Perfeito: os amores-perfeitos e as violetas pertencem ao género *Viola*. Além da *Viola odorata* – a violeta mais comumente cultivada desde tempos muito recuados – são também cultivados os amores-perfeitos ou ervas-da-trindade, que podem corresponder a várias espécies: *Viola* x *wittrockiana* (amor-perfeito-dos-jardins), *Viola arvensis* (amor-perfeito) ou *Viola demetria* (amor-perfeito-bravo ou amor-perfeito-pequeno).

Ananás (*Ananas comosus*): é de origem americana e terá sido das primeiras plantas trazidas para a Europa, África e Ásia, ainda no século XVI. A sua cultura propagou-se muito rapidamente por todos os países tropicais.

Árvore-do-paraíso (*Ailanthus altíssima*): também conhecida como árvore-do-céu ou ailanto-da-china, foi trazida da China em meados do século XVIII, tornando-se planta popular exótica para grandes jardins. Hoje em dia é considerada planta invasora (em margens de vias de comunicação, terrenos agrícolas abandonados ou em zonas ripícolas). A casca do tronco e das raízes é aromática e, no Oriente, é usada em medicina popular.

Azarola (provavelmente *Crataegus azarolus*): também denominada azaroleira ou azaroleiro, tem origem na região mediterrânica e no Próximo Oriente. O sabor do fruto, que é vermelho, lembra o das maçãs.

Azedraco (talvez variante de azedaraque, provavelmente *Melia azedarach*)**:** é nativo da Índia, Sri Lanka, Indonésia, N da Austrália, China Tropical e Japão e naturalizado no S da Europa, África, EUA, México e América Tropical. Da mesma família botânica existe também a *Azadirachta indica*, que se pensa ser originária de Myanmar, mas era provavelmente desconhecida na Península Ibérica, no século XVIII.

Azereiro (*Prunus lusitanica*): também chamado gingeira-brava ou loureiro-de-Portugal, é considerado uma relíquia das florestas de lauráceas que dominaram a área da bacia do mediterrâneo. Só existe de forma espontânea no SW de França, na Península Ibérica e em Marrocos.

Bananeira: a grande variedade de bananeiras cultivadas na atualidade teve origem nas espécies *Musa balbisiana* e *Musa acuminata*, originárias do Sueste Asiático. No século XVI, já existiam bananeiras em Lisboa e a bananeira terá sido levada para a América numa das viagens de Colombo.

Bonina (*Bellis perennis)*: também chamada de bela-margarida, margarida-dos-prados, margarida-rasteira, margaridinha, sempre-viva, é uma espécie herbácea da Europa e do W da Ásia; é conhecida pelas suas propriedades medicinais e ornamentais. As suas inflorescências (os capítulos) são semelhantes a um pom-pom; nas variedades dobradas, podem ter nuances róseas, brancas ou vermelhas nas flores marginais; as flores centrais são de um amarelo-brilhante.

Campainha: nome vulgar dado a várias espécies da Flora portuguesa. As campainhas amarelas corresponderão *a Narcissus bulbocodium* L. mas, devido ao grande número de espécies cujo nome vulgar é campainha, é difícil saber que espécies existiriam na Quinta de Belas.

Cássia: é nome vulgar de muitas espécies de leguminosas, em especial dos géneros *Cassia* e *Senna*. Poderá tratar-se de *Senna corymbosa* ou *Cassia corymbosa* (cássia-dos-corimbos), originária da América do Sul (Argentina, Uruguai, Brasil) e naturalizada no SE da América do Norte e noutras áreas temperadas do mundo. P. Commerson trouxe--a de Buenos Aires para a Europa. Foi descrita pela primeira vez por Lamarck em 1785, na sua famosa Enciclopédia.

Castanheiro (*Castanea sativa*): pensa-se que esta espécie seja originária dos Balcãs, Ásia Menor e Cáucaso e que se estendeu, através de cultivo, pela região mediterrânica, C e S da Europa, Canárias, Açores e Madeira e N da Península Ibérica. As castanhas foram durante muito tempo a principal fonte de hidratos de carbono na alimentação humana, sobretudo antes da chegada da batata à Europa.

Castanheiro-da-Índia (*Aesculus hippocastanum*): oriundo do Leste do Mediterrâneo, é uma árvore robusta, de até 40 metros de altura, com enorme copa abobadada. Pensa-se que foi introduzido na Europa a partir do século XVI. O seu fruto – a castanha-da-índia – é muito utilizado pela medicina popular.

Cerejeira (*Prunus avium*): existe em quase toda a Europa, Ásia ocidental e Norte de África. Para alguns autores, seria originária da Ásia Ocidental e parece haver evidência de que existe na Europa desde tempos remotos.

Choupo: Ver álamo.

Damasqueiro ou **albricoqueiro** (*Prunus armeniaca*): provavelmente natural da Ásia Central e China, é conhecido na Europa desde a Idade Média. O seu nome deriva do adjetivo *armeniacus* (da Arménia), uma vez que se terá difundido no mundo antigo a partir desta região. Os seus frutos são ricos em vitamina C.

Estravão (*Artemisia dracunculus*): atualmente estragão ou erva-dragão, encontra-se disseminado por todo o mundo, em especial no hemisfério norte. O seu sabor adocicado e levemente picante faz dele um tempero típico da culinária francesa.

Faia (provavelmente *Fagus sylvatica*): espécie do Centro e Oeste da Europa, desde o Norte da Península Ibérica até à Polónia, não existe de forma espontânea em Portugal. Há também a faia-das-ilhas (*Myrica faya*), espécie nativa das ilhas dos Açores, Madeira e Canárias, que dominava os matos de baixa altitude, originando o topónimo *faial*, hoje comum naquelas ilhas (ilha do Faial, Faial da Terra).

Folhado (*Viburnum tinus*): arbusto da região mediterrânea, que requer poucos cuidados quando usado como ornamental. A sua folhagem sempre verde é muito decorativa e as flores e frutos são de longa duração.

Freixo (*Fraxinus angustifolia*): espécie do Mediterrâneo Ocidental, pertence à família das oleáceas, como a oliveira. Os seus frutos jovens, preparados como pickles, foram usados como condimento. É também planta tintureira. A sua madeira é muito usada para o fabrico de cabos de utensílios.

Giesta: há várias espécies com esse nome vulgar e a maioria pertence ao género *Cytisus.* Provêm da região mediterrânica. As suas numerosas flores amarelas, grandes e perfumadas têm potencial melífero. Algumas espécies também são conhecidas como maias, pois no 1.º de maio em Portugal, há o hábito de colocar um ramo de giestas (das espécies *Cytisus multiflorus* ou *Cytisus scoparius*) nas portas ou janelas das casas para afastar o «mau-olhado» ou «para que haja fartura».

Girassol (*Helianthus annuus*): espécie originária da América do Norte é amplamente cultivada pelos seus pequenos frutos comestíveis e de que é possível extrair um óleo alimentar.

Groselha: as groselheiras pertencem ao género *Ribes;* a espécie referida corresponderá a *Ribes uva-crispa* L., um arbusto frutífero nativo da Europa, da África Setentrional e do Sudoeste Asiático e cultivada desde a antiguidade. Dá frutos vermelho-brilhante ou âmbar que são usados na fabricação de xaropes e na confeção de sobremesas. São também muito conhecidas a groselheira-negra, cujo fruto é o cássis (*Ribes nigrum*), e a groselheira ornamental (*Ribes sanguineum*) originária da América do Norte.

Iphis: é uma personagem da mitologia grega (Lenda de Iphis e Ianthe) e não foi possível saber a que espécie botânica corresponderá. Lembra, contudo, a palavra francesa *if* que é o nome vulgar dado aos teixos, nomeadamente à espécie *Taxus baccata*, que forma pequenas árvores e é muito tóxica, exceto na camada carnuda que envolve as suas sementes para permitir a sua dispersão pelas aves.

Laranjeira: a laranjeira amarga (*Citrus aurantium*) será originária do Sudeste da China e terá chegado à Europa no século x, trazida pelos árabes. A laranjeira doce (*Citrus sinensis*) só terá chegado muito mais tarde, já no século xv, e será de origem híbrida. As laranjeiras e os outros citrinos chegaram à Europa pelo Mediterrâneo, trazidos pelos árabes e outros povos que tinham contactos com o Oriente. Embora muitos autores afirmem que, pelo menos, a laranjeira-doce chegou

à Europa trazida da China pelos portugueses, F. E. Mendes Ferrão, citando Tavares de Macedo (1854), refere que os citrinos já eram conhecidos em Portugal pelo menos desde a fundação da nacionalidade.

Limeira: a limeira-doce (*Citrus* x *limetta*), originária do Sul da Ásia, é cultivada sobretudo nas regiões tropicais. A limeira-ácida (*Citrus* x *aurantiifolia*) também terá uma origem asiática. Ambas foram introduzidas na Europa pelos árabes.

Limoeiro (*Citrus limon*): espécie provavelmente originária do Nordeste da Índia, das áreas mais quentes do sopé dos Himalaias, terá sido trazido para a Europa pelos árabes, no século x.

Lírio: os lírios (*Iris* spp.) contam com cerca de 110 espécies, distribuídas pela Europa, N de África e Ásia. Algumas espécies e híbridos são apreciados pelas suas flores vistosas e morfologia muito particular. O nome *Iris* vem de arco-íris pelas semelhanças deste com as flores dos lírios; Íris seria uma ninfa que personifica o arco-íris, ou seja, a união entre o céu e a terra.

Loureiro (*Laurus nobilis*): planta cujas folhas, verdes ou secas, têm aroma característico, sendo muito usada para temperar alimentos. A espécie é originária da Ásia Menor e desde a Antiguidade é utilizada para distinguir pessoas de mérito, atribuindo coroas de louros aos atletas vencedores e aos poetas por isso chamados «laureados».

Maçaroca (*Hyacinthus orientalis)*: também conhecida como hiacinto, jacinto-de-jardim, jacinto-holandês, apresenta flores simples ou dobradas, duráveis e muito perfumadas, de cor rosa, azul, branca, vermelha, laranja ou amarela. Na mitologia, Jacinto era um jovem a quem Apolo dedicava um grande amor. Certo dia, quando os dois se exercitavam no arremesso do disco, foram vistos por Zéfiro, o vento oeste, também apaixonado por Jacinto. Enciumado, ele soprou com violência, desviando o curso do disco lançado por Apolo, que atingiu mortalmente a fronte de Jacinto. Tomado de

profunda dor, Apolo tomou o sangue que escorria do ferimento de seu amado, transformando-o na flor que brota a cada despontar da primavera e murcha no início do inverno.

Macieira (*Malus domestica*): espécie de origem incerta por ser planta cultivada desde a Antiguidade mas provavelmente originária do Caucaso e Turquistão. Terá tido uma origem híbrida em várias espécies europeias e asiáticas.

Madressilva: as madressilvas pertencem ao género *Lonicera* de que existem 3 espécies nativas de Portugal, para além de espécies cultivadas. São plantas trepadoras e exalam uma fragrância subtil durante o dia e mais intensa durante a noite.

Manjerona (*Origanum majorana*): espécie do Mediterrâneo Oriental, usada desde a Antiguidade e assilvestrada na região mediterrânica. O seu aroma característico é conferido pelos seus óleos essenciais.

Medronheiro (*Arbutus unedo*): espécie mediterrânica, também conhecido como meródio, ervedeiro ou êrvedo; é característico em todo o território de Portugal. Produz frutos comestíveis de grande beleza, utilizados na produção de licores e aguardentes como o licor de medronho, sendo este último o ex-libris dos destilados do Algarve.

Morangão: tratar-se-á do morango-grande, que se supõe ser de origem híbrida (*Fragaria* x *ananassa*) e que é cultivado desde meados do século XVIII. Poderá eventualmente ser o morango-do-Chile (*Fragaria chiloensis*), originário deste país e introduzido na Europa, em 1716, sendo desde então cultivado.

Murta (*Myrtus communis*): também conhecida como mirta, murta-cheirosa, murta-do-jardim; é nativa na região mediterrânica e tem flores aromáticas, geralmente brancas. Os antigos gregos viam-na como um símbolo de beleza e amor, adornando-se as noivas com grinaldas dos seus ramos, razão de ser também denominada «murta-de-noiva».

Nogueira (*Juglans regia* L.)**:** árvore de origem incerta, cultivada há vários milénios e cujos frutos – nozes – são comestíveis.

Olaia (*Cercis siliquastrum*)**:** também chamada de árvore-de-judas ou pata-de-vaca. Diz-se que foi nesta árvore que Judas Iscariotes se enforcou após ter traído Cristo. O seu nome, entretanto, poderá também derivar de «árvore-da-Judeia», nome da região onde a árvore era vulgar. É uma árvore pequena com 10 a 15 m de altura, nativa do sul da Europa e sudoeste asiático, comum na Península Ibérica, Sul de França, Itália, Grécia e Ásia Menor; tem uma copa achatada que no início da primavera fica coberta com uma profusão de flores arroxeadas. Nos séculos XVI e XVII era frequentemente incluída em herbários.

Oliveira: a oliveira e o zambujeiro pertencem ambos à espécie *Olea europaea* e correspondem às variedades *europaea* e *sylvestris* respectivamente. A oliveira é a espécie cultivada em geral não espinhosa e cujas azeitonas são maiores e têm mais polpa. O zambujeiro (também conhecido como oliveira-brava ou oliveira-da-rocha) normalmente não forma árvores, é geralmente espinhoso, as suas azeitonas são de menor tamanho e têm menos polpa.

Olmo: os olmos ou ulmeiros pertencem ao género *Ulmus*. São árvores de grande porte e cultivam-se desde tempos antigos. Foram usados como árvores ornamentais e a sua madeira tem múltiplas aplicações, principalmente em marcenaria e na indústria naval. As espécies de *Ulmus* hibridam com grande facilidade. Desconhece-se a origem das espécies que crescem na Península Ibérica.

Plátano-de-Virgínia (*Platanus occidentalis*): nativo na costa atlântica dos Estados Unidos da América, nomeadamente no estado da Virgínia. Conhece-se também o *Platanus orientalis,* oriundo da Grécia*,* árvore de sombra por excelência, distribuída em todo o território de Portugal.

Pereira: A pereira cultivada (*Pyrus communis*) é originária do Cáucaso e do leste da Europa e terá sido introduzida no W da Europa na época romana.

Pessegueiro (*Prunus persica*): originário da China, Afganistão e Irão, tendo-se adotado o nome *persica* porque a sua dispersão em todo o mundo antigo terá tido origem na Pérsia ou, segundo Plínio, no nome do rei Perseu que o mandou plantar em Mênfis.

Pomo-da-Pérsia: provavelmente o pêssego, o fruto da *Prunus persica.*

Romã (*Punica granatum*): considerada originária desde os Balcãs até aos Himalaias foi cultivada desde tempos remotos na região do Mediterrâneo. Na Bíblia e na cultura grega é considerada como símbolo do amor e da fecundidade, sendo por isso consagrada à deusa Afrodite.

Roquete (*Santolina chamaecyparissus*): também conhecido como roquete-dos-jardins ou guarda-roupa, é nativo do oeste e centro da região mediterrânica. Planta ornamental por excelência, tem aroma intenso, aspeto aveludado e flores que se agrupam em pequenos capítulos amarelos. A denominação de guarda-roupa foi-lhe atribuída porque, pendurado em ramos nos roupeiros e armários, protege a roupa das traças.

Rosa (*Rosa* spp.): as rosas cultivam-se desde a antiguidade e são provavelmente as mais populares flores dos jardins pela sua beleza, perfume e simbolismo. A produção de rosas constitui actualmente uma grande indústria, com mais de 5000 variedades em cultura.

Rosa-de-São-Francisco (*Hibiscus mutabilis*): também designado malva-rosa, aurora, amor-dos-homens, mimo-de-vénus, papoila, papoula-de-duas-cores, rosa-branca, rosa-mudança, rosa-louca e rosa-paulista; é um arbusto originário da China, muito cultivado como planta ornamental nas regiões tropicais e subtropicais.

Salgueiro (género *Salix*): pertence tal como os choupos à família das salicáceas, sendo também conhecido pelos nomes de chorão ou vimeiro. Em Portugal, entre outros, existem o salgueiro-branco (*Salix alba*), o salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*) e o salgueiro-chorão (*Salix babylonica*), árvores admiradas nos parques e jardins, pelos seus ramos longos e pendentes. Originalmente, a aspirina ou ácido

acetilsalicílico (designação derivada do nome latino *Salix*) extraia-se da casca dos troncos dos salgueiros.

Sanguíneo: provavelmente corruptela de sanguinho, nome vulgar de *Cornus sanguinea* e de algumas espécies dos géneros *Rhamnus* e *Frangula*. *Cornus sanguinea* existe em quase toda a Europa e no SW da Ásia. A sua madeira, segundo Xenofonte, era melhor que a do freixo para o fabrico de lanças.

Saudade ou **saudade-roxa** (*Scabiosa atropurpurea*): planta também conhecida como flor-de-viúva, suspiros ou suspiros roxos, muito usada em funerais pela sua cor arroxeada.

Segurelha: nome vulgar atribuído a *Satureja montana* e a *Satureja hortensis*. A primeira é também conhecida como segurelha-das-montanhas e a segunda como segurelha-anual. Lembra o alecrim ou o tomilho e é usada para temperar alimentos e para fins medicinais.

Sicómoro (*Ficus sycomorus*): também conhecido como figueira-doida, tem origem africana e produz durante todo o ano figos comestíveis, mas de qualidade inferior aos da figueira comum (*Ficus carica*). A sua madeira foi usada no fabrico dos sarcófagos egípcios.

Sobreiro (*Quercus suber*): árvore da cortiça, com origem no Mediterrâneo Ocidental, muito comum em Portugal e, em especial, no Alentejo. A cortiça, de que Portugal é um maior exportador mundial, tem múltiplas aplicações. Os seus frutos, as bolotas, são consumidos pelo gado, especialmente o porcino.

Sorveira (*Sorbus aucuparia*): é a espécie do género *Sorbus* que tem maior valor ornamental pelas suas flores e frutos; cresce entre carvalhos e bétulas em ladeiras pedregosas da parte norte da Península Ibérica.

Tangerina: pode ser o fruto da *Citrus deliciosa* ou da *Citrus reticulata* que se pensa serem oriundas da China, mas que, ao que se sabe, se cultivam na Europa apenas desde o início do século XIX.

Não é inverosímil que pudessem existir em Portugal nos finais do século XVIII.

Tilholo: a grafia correta deverá ser tilhola, um dos nomes vulgares de *Tilia cordata* (a tília-de-folha-pequena ou tilha), espécie europeia cultivada em parques e jardins.

Tintureira ou **bela-sombra** (*Phytolacca dioica*): de origem sul americana, já se cultivava na Península Ibérica no século XVIII. É uma planta algo tóxica.

Tojo: designação para várias espécies do género *Ulex*. Os tojos são plantas arbustivas espinhosas típicas da Península Ibérica e do Oeste da Europa Temperada. Todas as partes do tojo são venenosas. Algumas espécies foram usadas para camas do gado.

Toranja: pode tratar-se de *Citrus maxima* que tem como origem provável a Indochina (jamboa, pomelo ou toranja em português) ou de *Citrus × paradisi*, resultante do cruzamento do pomelo (*Citrus maxima*) com a laranja (*Citrus × sinensis*) também conhecido como toranja, pomelo ou *grapefruit* e ao que se pensa com origem no Caribe, no século XVIII.

Trevo: nome vulgar de numerosas espécies da família das leguminosas pertencentes a vários géneros: *Trifolium*, *Melilotus*, *Medicago*, *Lotus*, etc. Algumas das espécies são cheirosas.

Trifólio: um dos nomes vulgares de *Menyanthes trifoliata*, também conhecido como fava-de-água, trevo-dos-charcos ou trevo-de-água, que se desenvolve em terrenos inundados ou em turfeiras. O nome trifólio é usado também para designar várias espécies de trevos (ver), da família das leguminosas).

Tuia (provavelmente *Thuja orientalis,* hoje *Platycladus orientalis*): espécie de conífera com formato piramidal que pode alcançar quinze

metros de altura. É originária do NW da China, Mongólia e Coreia e utilizada como planta ornamental.

Tuinantiba: possivelmente uma eritrina-das-Antillas (género *Erythrina*), árvore da família das leguminosas, conhecida no Caribe por *aiphi tuinanti-iba* e referida na obra *Flore pittoresque et medicale des Antilles*, de M. E. Decourtilz, publicada em Paris, em 1827. Esta árvore também é referida com o nome de *tuinamtiiba* por Marcgrave na sua *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648[2].

Viola: ver amor-perfeito

Zambujeiro: ver oliveira**.**

Referências bibliográficas

CASTROVIEJO, S. *et al.*, (1986-2013) - *Flora Ibérica*, vols. I-IV, VI-IX, XI-XII, XV, XVIII, XX. Madrid: Real Jardín Botánico; HEYWOOD, V. H., *et al.*. (2007) - *Flowering plants families of the World*. Kew: Royal Botanic Gardens; LÓPEZ GONZÁLEZ, G. (2001) - *Los árboles y arbustos de la Península Ibérica e Islas Baleares,* ts. I y II. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa; FERRÃO, J. E. M. (2005) - *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Fundação Berardo, Chaves Ferreira-Publicações S.A. & IICT; ROCHA, F. (1996) - *Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal*. Lisboa: Protecção da Produção Agrícola, Direcção-Geral da Protecção das Culturas.

2 Agradecemos a ajuda e as informações prestadas por Pedro Moraes, da UNESP.

Único retrato conhecido de
DOMINGOS CALDAS BARBOSA
Publicado pelo Poeta na edição *princeps* da *Viola de Lereno*
Lisboa, 1798

Domingos Caldas Barbosa, sua vida e sua obra

Luiza Sawaya
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

O único retrato conhecido de Domingos Caldas Barbosa, que precede este texto, apresenta um distinto senhor muito composto, trajado como mandava o figurino do século XVIII. Vestia um jaquetão com gola bem talhada e punhos dobrados, cuja abotoação do casaco fazia eco, na face oposta, à fieira de botões ali dispostos. A peruca era de rigor e, na mão direita, segurava uma pluma indicativa de seu *métier* de escritor. Era gordote, dedos rechonchudos, lábios grossos, olhar firme e direto, uma feliz realização do desenhista que representou o lado circunspecto do poeta. Caldas, entretanto, não poderia deixar de resgistar o seu lado humorístico versado em trocadilhos. Numa singela redondilha, inserida abaixo do seu retrato, lê-se a senha para o conhecer verdadeiramente:

> Do extinto Lereno o rosto
> Se divisa em morta cor,
> Mas a sua alma em seus escritos,
> Se conhece inda melhor[1].

Pesquisas recentes têm definido com mais clareza o poeta e músico Domingos Caldas Barbosa. Dele restaram vagas lembranças, embora seja voz corrente que era mulato, poeta sem muito valor, tocava viola e cantava modinhas, que estudou em Coimbra e pouco mais. Sua obra mais conhecida ainda é a *Viola de Lereno* (*VL*

1 Quadra colocada sob o retrato de Caldas Barbosa na *edição princeps* da *Viola de Lereno* (1798).

1798), repositório das redondilhas que improvisava ao tomar da viola e criar suas modinhas e lundus, como afirmou o poeta Francisco Bingre, fundador da Academia de Belas Letras. Numa carta, ele relata o que ocorria nas tradicionais reuniões dessa agremiação, as *Quartas-feiras de Lereno.* Eram realizadas no apartamento do Caldas, no palácio do Conde de Pombeiro, «onde depois de um belo almoço se tocavam alguns instrumentos de curiosos *e improvisava o Caldas cantando*»[2]. Foi esta a imagem de referência que ficou de Domingos Caldas Barbosa: improvisador de versos, cantador de modinhas e lundus, sendo por isso figura muito requisitada por sua arte e por seu carisma. Faltava completar a imagem do homem digno, educado e culto, qualidades que sobrepujavam a sua origem na Colónia e o facto de ser mulato, convivendo com naturalidade entre gente simples ou da alta aristocracia. Suas cantigas, de fácil assimilação, eram repetidas por todos os que as ouviam, chegando mesmo a serem recolhidas no nordeste brasileiro por Sílvio Romero[3], já apropriadas pelos cantadores analfabetos que lhes ignoravam o autor.

No decorrer das pesquisas verificou-se que Caldas Barbosa, além de modinheiro, oferecia uma outra vertente da sua personalidade, aquela do poeta erudito que os estudiosos referiam como autor de pequena monta sem lhe ter dedicado tempo de estudo mais aprofundado. Neste contexto, destaca-se o seu *Almanak das Musas* (*AM* 1793-1794), publicação que congrega a sua obra horaciana[4], juntamente com a dos poetas contemporâneos, configurando o mais relevante *corpus* poético do século XVIII em Portugal. Como bem apontou o próprio Caldas, somente o conhecimento da sua produção poética permitirá considerá-lo merecedor de crédito e, portanto, finalmente vir a figurar com destaque na História da Literatura.

---

2 Cf. ANASTÁCIO 2000, I: X-XI; Grifo da autora. Sobre a questão de ser Caldas Barbosa o criador dos versos e das melodias de suas modinhas e lundus, veja-se TINHORÃO 2004: 67.

3 Ver ROMERO 1980: 478.

4 Sobre a obra erudita completa de Caldas Barbosa no *Almanak das Musas*, ver SAWAYA 2015. Dessa edição foram extraídos os versos que aqui foram transcritos.

O julgamento de Caldas foi estabelecido sobre premissas invertidas, isto é, considerando muitas vezes a *Viola de Lereno* como obra arcádica e o *Almanak das Musas*, como verso popular. Na verdade, houve «dois» Caldas Barbosa, um horaciano e outro improvisador de versos populares, aspeto a ser levado em conta para um julgamento crítico imparcial.

Até recentemente, estudar Caldas Barbosa, o Lereno Selinuntino da Academia de Belas Letras, significava reunir referências esparsas a seu respeito, nem sempre apoiadas em documentação original, devido à ausência de pesquisas mais abrangentes sobre o Poeta. A data do seu nascimento[5], ainda não comprovada, oscila entre 1738 e 1740, mas o próprio Caldas Barbosa, no seu poema autobiográfico *A doença*[6], confirma ter nascido no Rio de Janeiro. Seu pai chamava-se António de Caldas Barbosa e a sua mãe, Antónia de Jesus. Vinham de Angola, onde ele era funcionário de D. João V. Ela, «preta forra», talvez sua escrava, provavelmente logo alforriada, deu à luz ao chegar. A mãe deve ter sido separada do filho, talvez para não agravar a sua situação de mestiço numa sociedade preconceituosa. Se dela alguma lembrança ficou, reflete-se nas queixas do Poeta registadas em versos sobre seu triste nascimento, reeditados por Luiza Sawaya em 2015 de onde foram extraídos.

> Negras noturnas aves agoiraram
> Este funesto, malfadado dia;
> Dia em qu'a triste idade principia
> De um triste, qu'as Desgraças bafejaram:
>
> *AM* I, 1: 10

5 Sobre o nascimento de Caldas, ver no *Almanak das Musas* os sonetos: «Negras noturnas aves agoiraram» e «Neste Dia fatal, infausto Dia». Ver também na *Viola de Lereno* «Lereno Melancólico».

6 BARBOSA 1777.

Neste Dia fatal, infausto Dia,
Nasceu ao mundo mais um desgraçado;
E bem, que pelas Musas embalado,
Só para Melponeme é que nascia;
AM I, 1: 68

Logo ao dia de eu nascer
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.
VL: 135

A sua infância transcorreu no Rio de Janeiro que, no final do século XVIII, era uma autêntica vila colonial, por onde circulava uma grande população de mestiços, envolvidos num ambiente de festas e diversões, onde a música não faltava, sobretudo as modinhas e os lundus ao som da viola.

O pai do menino logo lhe reconheceu «viveza e penetração não vulgares, que lhe auguravam bons resultados dos estudos». Matriculou-o no Colégio dos Jesuítas, onde «começou Caldas a desenvolver os seus talentos, ombreando com os melhores estudantes» (BARBOSA 1842: 2), tendo cumprido o programa do chamado curso de Letras Humanas ou Humanidades Latinas. Os fundamentos recebidos dos jesuítas constituíram a base da formação literária clássica de Caldas Barbosa, facto que explica o tipo de alusões culturais patentes nos versos do *Almanak das Musas*.

Aos dezanove anos, recém-formado, Lereno vê-se envolvido indiretamente no confronto entre Portugal e Espanha em consequência dos problemas relativos à definição de fronteiras na região da Colónia do Sacramento. Como o regulamento do Colégio dos Jesuítas implicava a possibilidade de seus alunos serem alistados no serviço militar, Caldas foi convocado e partiu como soldado juntamente com as tropas portuguesas para o sul, entre 1761 e 1762. Desfaz-se, portanto, a ideia anteriormente veiculada de que Caldas Barbosa tenha sido punido nessa missão por ter escrito versos desabonadores ao Governador, o Conde de Bobadela. Destes dois anos, resta-nos

o seu poema «Zabumba»[7], que relata as aventuras dos soldados em terras do Prata.

Amor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir e zombar:
Tan, tan, tan, tan, tan Zabumba
Bela vida Militar;
Defender o rei e a Pátria
E depois rir, e folgar.

Toca Marte à Generala,
Vai as Armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar:
Tan, tan, tan, tan, etc.

Vai passando o Regimento
E as meninas a acenar:
Vão as armas perfiladas,
Mal se pode a furto olhar:
Tan, tan, tan, tan, etc.

Formado no Colégio dos Jesuítas, Domingos Caldas Barbosa estava apto a matricular-se na Universidade de Coimbra e, tão logo regressou à casa paterna, recém-chegado de Sacramento, seu pai, sempre atento e dedicado, o despachou para Portugal a fim de prosseguir os seus estudos naquela prestigiada instituição de ensino.

De acordo com Teófilo Braga, Caldas Barbosa chega a Lisboa em 1763, dirigindo-se imediatamente à Universidade, onde terá ido com pretensões aos cursos da Faculdade de Leis. Pesquisas recentes nos arquivos dessa universidade elucidaram, entretanto, esta passagem da vida de Caldas que, embora matriculado em 1763,

7 Ver poema completo em BARBOSA 1980: 66.

não teria frequentado nenhum dos cursos para os quais se inscrevera, assim como não se formara na Universidade de Coimbra[8].

O motivo desta expectativa frustrada encontra-se no inesperado golpe do destino que alterou profundamente a vida de Caldas Barbosa: a morte repentina do seu pai em 1764. Privado da fonte de rendimento para o seu sustento, Caldas Barbosa foi obrigado a procurar maneira de sobreviver, valendo-se das suas qualidades para entreter plateias com seu dom de improvisar versos, cantando modinhas e lundus. Graças a inúmeros depoimentos autobiográficos em diversos dos seus poemas, sobretudo em *A doença*, e de depoimentos contemporâneos como os do Embaixador Bombelles[9], sabe-se que o Poeta exercia um inegável domínio do seu público.

Ele próprio relata sua passagem pelas cidades de Barcelos e Viana da Foz do Lima (hoje Viana do Castelo), onde o seu talento de improvisador e intérprete de modinhas e de lundus lhe garantiam o sustento. Por volta de 1765, a sorte lhe sorriu ao ser ouvido por dois dos irmãos Vasconcelos que viriam a desempenhar o papel fundamental de protetores do Poeta pelo resto da sua vida. Tratava-se de José Luís e Luís de Vasconcelos e Sousa, respetivamente, futuros Conde de Pombeiro e Conde de Figueiró. Eram ambos desembargadores da Relação na cidade do Porto, e conheceram Caldas num provável momento de lazer da sua vida profissional na região do Entre Douro e Minho. Estabeleceu-se nesse contato uma apreciação genuína dos dois irmãos pelo poeta brasileiro que perdurou até à morte de Caldas.

Abandonado à própria sorte, o poeta retomou a dura luta pela sua sobrevivência que recrudesceu ao regressar a Lisboa, onde teve que suportar penosamente o contexto socioeconómico que atravessava a capital da metrópole. Apenas dez anos após o terramoto de 1755, Lisboa despendia um grande esforço para a sua reconstrução, dando prioridade apenas às necessidades básicas da população.

---

8 Ver informações sobre Caldas Barbosa e a Universidade de Coimbra em TINHORÃO 2004: 41.
9 Cf. Dissertação de Mestrado da autora: SAWAYA 2011.

Lereno voltou a Coimbra, mas não à Universidade, sempre participando de certames poéticos em que demonstrava ser imbatível na arte de improvisar. Decorridos doze anos desde seu primeiro encontro com os Vasconcelos, regressou definitivamente para Lisboa, onde acabou por ser acolhido pelos dois irmãos.

Estes fidalgos pertenciam tradicionalmente aos Grandes de Portugal, com origens vinculadas à fundação do Reino no século XII. Caldas instalou-se em casa de D. António Vasconcelos e Sousa, Conde da Calheta, primogénito dos irmãos Vasconcelos e Sousa e, em gratidão pelo acolhimento, dedicou-lhe, além de um soneto[10] para celebrar o seu aniversário, o poema de circunstância *Epitalâmio*[11]. Depois do casamento do Conde de Pombeiro[12] com D. Maria Rita de Castelo Branco[13], em 1783, Caldas foi acolhido pelo casal no seu Palácio da Bemposta[14] (hoje ocupado pela Embaixada da Itália). Nessa casa, como se da família fosse, viveu até à sua morte, sendo-lhe cedidos aposentos próprios[15], o que lhe permitiu participar de todos os acontecimentos familiares. A sua amizade, o seu reconhecimento e a sua gratidão profunda aos condes de Pombeiro vêm amplamente documentados nos seus poemas, patentes no *Almanak das Musas*, vários deles dedicados aos membros da Família. Dadas as suas qualidades de pessoa educada, parece não ter havido solução de continuidade no comportamento de Caldas Barbosa que passava da vida de nômade para a de cortesão.

Protegido por um nobre de tão alta estirpe, Caldas viu assim abrirem-se as portas da alta aristocracia. A sua presença entre a sociedade da época era frequente e muito solicitada, não apenas pela sua distinção natural, demonstrando ser pessoa de fino trato, mas,

10 Ver soneto «No dia em que teus dias começaram» em SAWAYA 2011: 80.
11 Ver edição do poema em BARBOSA 1980.
12 Entre outros títulos, era Fidalgo da Casa Real e Desembargador da Relação e Casa do Porto e dos agravos da Casa da Suplicação durante o reinado de D. Maria I.
13 Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, Marquesa de Belas, Condessa de Pombeiro e dama de honor de D. Maria I.
14 Situado no Largo Conde de Pombeiro n.º 6, Lisboa.
15 Situados na Calçada do Conde de Pombeiro n.º 24, Lisboa.

sobretudo, por suas qualidades de improvisador e intérprete, tornando-se figura indispensável em qualquer reunião social. Inúmeros testemunhos atestam o sucesso de Lereno, destacando-se entre eles o Marquês Marc-Marie Bombelles[16]. No seu diário, Bombelles apontou diversos momentos de convívio próximo com Caldas Barbosa, oferecendo uma confirmação contemporânea da presença do Poeta nas altas esferas da sociedade lisboeta[17]. Foi provavelmente nesse contexto que os fidalgos que frequentava o levaram à presença do Rei D. José, antes deste ser acometido pelo derrame que o afastou da governação até a sua morte.

Movido pelo entusiasmo, Caldas Barbosa compôs um soneto dedicado «A El Rey N. Senhor» (SAWAYA 2011: 370), depositado na Biblioteca da Ajuda. Esse encontro poderia vir a concretizar a esperança de Caldas de receber das mãos do Monarca o benefício que tanto almejava para sua independência financeira. As suas expectativas, no entanto, logo se desvaneceram, uma vez que D. José veio a falecer pouco tempo depois, em 1777. Demonstrando ser homem de brio, contudo, não desistiu de lutar por esse estipêndio, renovando com insistência, nos seus versos, os pedidos de apoio aos seus intentos junto a D. Mariana de Assis Mascarenhas e ao Frei Inácio de São Caetano[18]. Finalmente, mediante Alvará de 11 de julho de 1787, D. Maria I concedeu a Domingos Caldas Barbosa o tão almejado Benefício Simples que o libertava financeiramente. Assinalando a mudança de condição perante os seus protetores, Caldas assina, como «O Beneficiado Domingos Caldas Barbosa», os versos que faz com a ajuda dos poetas amigos[19].

Uma outra assinatura de Caldas Barbosa, suscitou inúmeras hipóteses, gerando a dúvida sobre a veracidade do título, para o qual não se encontrava uma prova de facto. Trata-se da sua chancela mais

---

16 Ver também VARHANGEN 1850: 455.

17 Cf. BOMBELLES 1979.

18 Ver os poemas «Eis-me a vossos pés prostrado», dedicado ao Confessor da Rainha D. Maria I e «Já que te chega a ventura», oferecido à D. Mariana de Assis Mascarenhas, mulher do Conde da Calheta, em SAWAYA 2015: 181 e 18.

19 Ver o poema «Estes vates, os sonoros vates», em SAWAYA 2015: 230.

relevante, «Lereno Selinuntino, da Arcádia de Roma», título adquirido em 1772[20], apenas nove anos após ter chegado a Lisboa. Assina o soneto de abertura do *Almanak das Musas* «Versos, que Amor, e que a Razão ditara»[21], publicado em 1793. Durante toda a sua vida, embora fosse homem de caráter reto e bom amigo, sofreu todo tipo de preconceito sem nunca alardear as qualidades que possuía, como a de pertencer à Arcádia de Roma, um privilégio de poucos.

Paralelamente à participação nos eventos sociais, Caldas Barbosa desenvolveu intensa atividade literária, a julgar pelas datas de publicação dos seus diversos trabalhos. Desde a sua chegada a Portugal em 1763, até 1790, data da fundação da Academia de Belas Letras (também conhecida como Nova Arcádia), Caldas Barbosa marcou presença no mundo editorial com várias publicações. A sua participação efetiva nessa Academia, sobretudo, constitui um momento fulcral de sua existência, pois foi ele o principal vetor dos acontecimentos relativos a essa instituição. Toda as semanas, nas chamadas *Quartas-feiras de Lereno,* Caldas Barbosa costumava receber os árcades da Academia de Belas Letras nos seus aposentos do Palácio da Bemposta, propiciando-lhes um encontro entre amigos e colegas ao redor de farta mesa de almoço, ao qual se seguiam declamações de poemas pelos pastores e improvisações de Lereno, acompanhadas à viola. À Academia de Belas Letras pertenceram muitos poetas de renome do final do século XVIII, mas a sua história acabou por ficar mais conhecida pela verdadeira guerra civil entre os seus sócios – tendo Bocage no epicentro – do que pelos serviços prestados às letras. Muitos destes poetas só foram apreciados através da publicação do *Almanak das Musas,* em 1793.

A Academia de Belas Letras foi palco de uma insurreição causada pelas vaidades dos seus integrantes, cujos incidentes desagradáveis transformaram-se em sérios desentendimentos, tendo como

20 Cf. o volume VI de *Gli Arcadi dal 1690 al 1800. Onomasticon* (VICCHI 1977, VI: 159 e 292).

21 Cf. o volume VI de *Gli Arcadi dal 1690 al 1800. Onomasticon* (VICCHI 1977, VI: 159 e 292).

ápice o soneto «Preside o neto da rainha Ginga», considerado de autoria de Bocage, mas na verdade da autoria de Belchior Curvo Semedo, o Belmiro Transtagano[22]. Os insultos ao Conde de Pombeiro nele contidos causaram o encerramento das *Quartas-feiras de Lereno*, cujas sessões foram transferidas por Pina Manique, o Intendente de Polícia, para o Castelo de São Jorge. Findava o período mais produtivo da Academia de Belas Letras em que Caldas Barbosa desempenhara uma liderança centrada, quiçá, nos seus conhecimentos e no seu encanto pessoal ao abrigo de um dos Grandes de Portugal, o Conde de Pombeiro. À sua volta reuniu intelectuais que permaneceram esquecidos durante pelo menos cerca de dois séculos, embora tenham sido presença relevante na história e nas letras luso-brasileiras.

Caldas, entretanto, mantinha-se sempre ativo. Em outubro de 1792, um Aviso Régio informava os portugueses da feliz notícia de que estava a caminho o esperado herdeiro do Príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina. Iniciaram-se febris preparativos, à testa dos quais estava o Intendente de Polícia Pina Manique que incluiu no programa dos festejos da Capital a inauguração de um vasto e moderno teatro[23]. Tratava-se do Teatro de São Carlos, dedicado à Princesa do Brasil, mulher de D. João, e inaugurado em 1793.

Para essa efeméride Caldas Barbosa foi parceiro do maestro e compositor António Leal Moreira, escrevendo o libreto da farsa dramática *A saloia namorada ou O remédio é casar*, a primeira ópera em língua portuguesa que se apresentou no recém inaugurado teatro de Lisboa[24]. Em 1794, dos mesmos parceiros Leal Moreira e Caldas Barbosa, subiu ao palco do Teatro São Carlos *A vingança da cigana,* ópera em dois atos, em que o Poeta «retrata com rara vivacidade e

22 Como demonstrou José Feliciano de Castilho (CASTILHO 1827: 32)
23 Ver CRUZ 1992: 9-10.
24 O libreto integral impresso está depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. Da parte musical restaram apenas duas pequenas árias manuscritas, tendo-se considerado perdida a partitura completa que, entretanto, foi recentemente localizada na *Library of Congress* nos Estados Unidos, catalogada sob o título *Azeitonas Novas*, extraído do primeiro verso da farsa: «Quem merca azeitonas novas!»

colorido a Lisboa da época através das suas personagens e de uma pertinente crítica social» (CRUZ 1983: 14). Lereno empresta ao libreto o seu espírito jocoso e a sua verve espontânea, garantindo-lhe o sucesso[25].

Nessa época, vivia-se em Lisboa num meio saturado de ópera italiana que influenciava até mesmo a música de origem popular cantada em «duetos de vozes em terças ou sextas, propiciando vocalizações de estilo polifónico-contrapontista» (TINHORÃO 1997: 132) numa verdadeira simbiose de estilos. Nesse ambiente integrou-se Caldas Barbosa, tendo inaugurado um novo estilo de interpretação que primava pela espontaneidade e pela atitude sem cerimónia trazidas do Brasil, causando no seu público um forte impacto pelo caráter inesperado das suas atuações. Os contemporâneos não demoraram a se manifestar, desprezando essa novidade de dirigir-se diretamente ao público, cantando modinhas e lundus com lânguidos versos de amor. Foi o caso, entre outros, do Dr. António Ribeiro dos Santos que acusava Lereno de seduzir «com venenosos filtros a fantasia dos moços e o coração das Damas», impondo «esta praga [que] é hoje geral depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus rimances, e de versejar para mulheres» (*apud* TINHORÃO 2004: 70-71). Foram estes os dois aspetos que revolucionaram o ambiente modinheiro em Portugal: o teor dos versos de Caldas e o seu jeito brasileiro de os cantar[26].

A partir de 1792, teve início em Lisboa a publicação quinzenal do primeiro periódico musical editado no país – o *Jornal de Modinhas*[27] –, que dava à estampa modinhas, *canzoncinas* ou modas italianas e lundus. Entre seus compositores figuram alguns ex-

25 Ambas as óperas foram escritas no mais puro estilo setecentista em voga, exigindo para sua execução músicos e cantores de excelente formação.

26 TINHORÃO 2014: 89.

27 O *Jornal de Modinhas* de autoria de Pedro Anselmo Marchal e de Francisco Domingos Milcent iniciou a sua publicação em 1792 e foi dando início à primeira edição de música em Portugal. A sua edição fac-similada foi publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal em 1996. Constituem um importante trabalho para o estudo da modinha e do lundu em Portugal, as canções ligadas às composições de Caldas Barbosa.

poentes da música como Marcos Portugal, António Leal Moreira, António da Silva Leite, José Maurício, José do Rego, todos de formação erudita. Entre suas modinhas há algumas com texto poético de Domingos Caldas Barbosa, patentes na *Viola de Lereno*[28].

Os anos de vida de Caldas Barbosa em Portugal foram coroados por grandes realizações: era membro da Academia de Roma, participou ativamente na Academia de Belas Letras, publicou o *Almanak das Musas* e esteve patente no *Jornal de Modinhas* com algumas das suas redondilhas musicadas por compositores eruditos. Foi parceiro de um músico da estatura de Leal Moreira com duas produções importantes, entre elas a estreia da primeira ópera em português no maior e mais moderno teatro nacional. Em 1793, portanto, o Poeta ocupava lugar de grande destaque literário na vida cultural do país, sendo reconhecido como *persona grata* por toda a sociedade portuguesa.

A par desse sucesso institucional, considerem-se essas três décadas em que repetidamente deliciou todo tipo de plateias, das classes mais humildes passando pela estudantada de Coimbra e culminando nas constantes apresentações para a nobreza e para a alta aristocracia de Portugal, com a modinha e o lundu da sua juventude, produtos da cantiga popular de raízes mestiças, cantada e dançada por toda a gente. Lereno criava verso e melodia como o fazem ainda os repentistas brasileiros, a exemplo das «desgarradas» em Portugal até hoje[29]. As redondilhas das suas modinhas e lundus foram publicadas na *Viola de Lereno* (1798), sua obra mais conhecida e divulgada.

---

28 As modinhas de Caldas Barbosa publicadas na *Viola de Lereno* e patentes no *Jornal de Modinhas* têm melodias de compositores eruditos portugueses. De Marcos Portugal são *Você trata Amor em brinco* (ano I, n.º 7)*, Se dos males que eu padeço* (ano I, n.º 13), *Raivas gostosas* (ano I, n.º 18) e *A doce união do Amor* (ano II, n.º 2). De António da Silva Rego, *Ora, adeus, Senhora Ulina* (ano I, n.º 8).

29 Sobre a questão de ser Caldas o criador dos versos e das melodias de suas modinhas e lundus, veja-se a página 67 de *Domingos Caldas Barbosa, o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800),* de José Ramos Tinhorão.

Domingos Caldas Barbosa concretizou o seu objetivo de garantir a sobrevivência das suas obras através do prelo: publicou em vida toda a sua produção literária pois teria tido consciência dessa situação pouco favorável à sobrevivência das obras poéticas ao longo dos tempos. De olhos postos no futuro incerto, já no soneto de abertura do *Almanak das Musas*, expressa essas preocupações, destacando o prelo como garantia da imortalidade de uma obra. Entretanto, o *Almanak das Musas* nunca foi reeditado, tal como nunca o foram muitas outras obras dos sócios da Academia de Belas Letras.

Lereno pertence ao grupo de autores[30] que, nascidos no Brasil em meados do século XVIII, estiveram ativos, quer em Portugal, quer no Brasil, tendo sido, entre os seus contemporâneos, o que provavelmente auferiu maior êxito em vida. Entretanto, nenhuma das Histórias da Literatura dos países aos quais pertenceu, por nascimento ou por atividade profissional, o menciona com destaque proporcional ao do seu sucesso. As suas obras estão vinculadas respetivamente ao Brasil e a Portugal: a *Viola de Lereno* evidencia o espírito brasileiro, enquanto o *Almanak das Musas*, de gosto clássico, o português. Sua obra, todavia, não tem pátria literária no sentido em que, na sua totalidade, não pertence a nenhum dos países a que se vincula. O *Almanak das Musas*, praticamente desconhecido no Brasil, não pôde garantir a inserção de Caldas Barbosa na literatura brasileira; por outro lado, o preconceito impediu o reconhecimento do poeta no âmbito da literatura portuguesa. Sem a chancela oficial de uma História da Literatura, restou o esquecimento da sua obra apátrida.

O *Almanak das Musas* e a *Viola de Lereno* constituem os dois pilares nos quais se assenta o valor poético de Domingos Caldas Barbosa, concretizando marcadamente a dualidade literária do poeta: a erudita e a popular. Sempre assim dividido, resumiu o que

30 Outros poetas pertencentes à mesma situação: José Basílio da Gama (1741-1795), José de Alvarenga a (1744-1793), Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814).

pretendeu da vida em três versos que servem de epígrafe para cada uma das quatro partes em que está composto o *Almanak das Musas*:

> Nem sempre hão de ocupar sérios cuidados
> Da nossa vida os dias pressurosos
> Hajam também prazeres misturados[31].

Resta-nos, a partir da obra de Lereno, redescobrir o seu valor, trazendo-o de volta à luz para a justa apreciação das suas qualidades como homem e como poeta. Cumpridos pouco mais de duzentos anos desde a sua morte, entretanto, é curioso notar que, em todo esse longo percurso, a figura de Caldas Barbosa parece «ressuscitar» aqui e ali, geralmente em esparsas referências às suas redondilhas populares da *Viola de Lereno*, considerada obra de interesse, mas nunca suficiente para lhe outorgar um estatuto de maior valor. O ser mulato o desmerecia; as suas demais obras eram desconhecidas; o seu sucesso póstumo de modinheiro, apenas testemunhado por versos sem melodia, não explicava a sua sobrevivência. Intuía-se que, envoltas em penumbra, tivessem ficado as justificativas da força deste Poeta, fora do alcance do olhar dos investigadores.

Em verdade, o desconhecimento de praticamente metade da obra de Caldas talvez esteja na raiz do seu retrato apenas esboçado. Para além da *Viola de Lereno* há suas primeiras produções poéticas, que têm sido superficialmente comentadas e, por isso, pouco valorizadas. À margem está o *Almanak das Musas,* desconsiderado desde a sua única publicação em 1793-1794, por se tratar, segundo opinião generalizada, de obra poética menor. Também à margem estão os seus dois libretos para óperas e alguns poemas, até há pouco, inéditos.

Em 1799, perfazendo uma vida plena de sucessos e já próximo dos seus sessenta anos, Lereno dedica-se a exaltar a encantadora Quinta de Belas, propriedade dos Condes de Pombeiro. Terá cedido a um pedido do Conde? Desejaria o Poeta apenas preencher suas

31 Esta epígrafe está impressa na página anterior à de rosto nas quatro partes do *Almanak das Musas*. Ver BARBOSA, 1793.

horas de lazer a passear tranquilo, revivendo os faustosos dias daquela que, por mais de um século, havia sido considerada o Parnaso em terras portuguesas? O cenário natural em que se encontrava o Paço Senhorial e a Quinta de Belas, somado às diversas intervenções dos Condes de Pombeiro, consagraram o seu grande prestígio. Qualquer que tenha sido a razão que induzira Lereno a escrever esta sua última obra e seu único texto em prosa, de sua pena nasceu a *Descrição da grandiosa Quinta dos Senhores de Belas*[32], dedicada a D. Maria Rita, Marquesa de Belas, em que uma vez mais demonstra a sua gratidão aos seus protetores, os Condes de Pombeiro.

Conduzidos pelos passos de Lereno, somos levados a sentir o seu intenso prazer a caminhar pelas ruas daquela quinta paradisíaca, circundando pequenos lagos, atravessando pontes e abrindo cancelos. Nesses recantos estiveram Viriato, amaram-se D. Pedro e D. Inês, ali foram acolhidos D. Manuel e sua mãe D. Brites, oferecendo ainda sua sombra refrescante a D. Maria I que ia repousar na propriedade de D. Maria Rita, sua dama de honor. Lereno nos faz admirar a antiga Estrada Real, enquanto aponta a serra ao longe. Somos capazes de ouvir com ele a torrente dos rios que atravessam a quinta e escutar o borbulhar das fontes e cascatas, adornadas por esculturas assinadas por grandes artistas. Passando pelo Palácio Senhorial, percorremos juntos a longa rua ladeada por majestosas árvores, ainda hoje frondosas, já vendo ao fundo o obelisco mandado erigir pelos Condes de Pombeiro em homenagem à visita do Príncipe D. João e de D. Carlota Joaquina. Com os sentidos aguçados, Lereno parece embriagar-nos com o perfume das miríades de flores e fruir o sabor das frutas apetitosas ao som do canto dos pássaros. E que memórias teria tido ao admirar a majestosa Tuinantiba[33], árvore

---

32 Cf. BARBOSA 1799.

33 Na impossibilidade de encontrar o nome botânico desta árvore, recorreu-se à língua Tupi: *Tuim* é o nome de um pequeno periquito; *Nam* ou *nã* é o mesmo que pequeno bando que voa, grasnando como se reproduzissem o som de um maracá. *Tiba* significa «muito», uma das formas de plural em Tupi. Esta árvore, portanto, seria o lugar onde pequenos bandos de tuins costumariam se alojar, isto é, um g*rande número de pequenos bandos de tuins*. Devo estas informações ao estimado amigo Hardy Guedes Alcoforado que mais uma vez gentilmente ofereceu-me os seus conhecimentos sobre as línguas indígenas do Brasil e a quem sou muito grata.

das matas do Rio de Janeiro de sua infância! Neste último passeio, Lereno saciava o espírito de belas e saudosas lembranças como que a fechar o círculo de sua existência, dizendo adeus à sua longa vida.

No dia 9 de novembro de 1800, morreu o sexagenário Domingos Caldas Barbosa. Varnhagen relata que o Poeta veio a falecer «de uma rápida enfermidade que apenas lhe permitiu prover-se dos sacramentos. Depois de ser depositado seu corpo numa capela que têm os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palácio da Bemposta, foi enterrado na igreja paroquial dos Anjos» (VARNHAGEN 1850: 455).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Domingos Caldas (1777) – *A doença.* Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.

BARBOSA, Domingos Caldas (1777) – *Nas felicíssimas núpcias do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor António de Vasconcelos, Conde da Calheta, com a Exclelentíssima Senhora D. Mariana de Assis Mascarenhas: Epitalâmio*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica.

BARBOSA, Domingos Caldas (1793-1794) – *Almanak das Musas, oferecido ao Génio Português,* vol. I, parte 1 [1793]. Lisboa: Oficina de Felipe José de França; vol. I, parte 2 [1793]. Lisboa: Oficina de António Gomes; vol. II, parte 3 [1793]. Lisboa: Oficina de José António da Silva; vol. II, parte 4 [1794]. Lisboa: Oficina de José António da Silva.

BARBOSA, Domingos Caldas (1980) – *Viola de Lereno* (introd., ed. e anot. Suetônio Soares Valença). Rio de Janeiro: Civilição Brasileira [1.º ed. 1798].

BARBOSA, Januário da Cunha (1842) – *Parnaso brasileiro, ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já*

impressas (org. José Américo Miranda), IV. Rio de Janeiro: Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

BOMBELLES, Marc-Marie (1979) – *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal* (1786-1788), publicado com a autorização do Conde Georg Clam-Martinic. (introd. e anot. Roger Kann). Paris: Presses Universitaires de France.

BINGRE, Francisco Joaquim (2000) –*A obra completa de Francisco Joaquim Bingre.* (ed. Vanda Anastácio), vol. I. Lisboa: Colibri.

CASTILHO, José Feliciano de (1867) – *M. M. Du Bocage*, tomo 2. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier.

COELHO, Jacinto do Prado (dir.) (1983) – *Dicionário de literatura*, 5 vols. Porto: Figueirinhas.

CRUZ, Manuel Ivo (1992) – *O Teatro Nacional de S. Carlos.* Porto: Lello & Irmãos.

FERRO, Maria Inês (1997) – *Queluz, o palácio e os jardins*. Londres: Scala Books.

MARCHAL, Pedro Anselmo e Francisco Domingos Milcent (1996) – *Jornal de Modinhas* (introd. Maria João Durães Albuquerque), edição facsimilada. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

MORAIS, Manuel (2003) – *Música escolhida da* Viola de Lereno. Lisboa: ESTAR-editora, Lda.

RODRIGUES, Rui; *et al.* (2012) – «Cena mitológica do julgamento do Rei Midas: história e origem do painel brutesco em baixo relevo do Paço senhorial de Belas», *Revista Tritão* (*on line*) , n.º 1 (dezembro): 2-20.

ROMERO, Sílvio (1980) – *História da literatura brasileira*, vol. I. Brasília: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura.

SAWAYA, Luiza (2011) – *Para além da* Viola de Lereno. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL disponível em: http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5442

SAWAYA, Luiza (2015) – *Domingos Caldas Barbosa, herdeiro de Horácio*. Lisboa: Esfera do Caos.

SILVA, Antônio de Moraes (1890) – *Dicionário da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Empresa Literária Fluminense de A. A. da Silva Lobo.

TINHORÃO, José Ramos (1997) – *As origens da canção urbana.* São Paulo: Editora 34.

TINHORÃO, José Ramos (2004) – *Domingos Caldas Barbosa, o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*. São Paulo: Editora 34.

TINHORÃO, José Ramos (2016) – *Rei do Congo. A mentira histórica que virou folclore.* São Paulo: Editora 34.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (1850) – «Domingos Caldas Barboza». *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, vol. XIV. Rio de Janeiro: IHGB.

VICCHI, Anna Maria Giorgetti (1977) – *Gli Arcadi dal 1690 al 1800. Onomasticon*. Roma: Arcadia-Academia Letteraria Italiana.

O Palácio do Senhor da Serra ou dos Marqueses de Belas:
história, arte e patrimónios[1]

Vítor Serrão
Instituto de História da Arte
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. Um *portentoso* conjunto monumental

Quando o poeta Domingos Caldas Barbosa (1739-1800) escreve a sua detalhadíssima *Descrição da grandiosa quinta dos Senhores de Belas*[2], em 1799, fazendo acompanhar o escrito laudatório por um corpo de notícias sobre os melhoramentos introduzidos pelos seus proprietários de então, os Condes de Pombeiro, o Palácio do Senhor da Serra (ou dos Marqueses de Belas) contava-se, com os seus amplos jardins e a sua extensa quinta, entre as preciosidades histórico-artísticas do Reino. É este autor que lhe chama «obra portentosa», fixado na qualidade da sua arquitectura medieval de influxo realengo, na magnificência dos recheios de arte que ainda se conservavam nos salões, no esplendor dos jardins, bosques e fontes,

---

1 O Autor manifesta a sua gratidão, pelas informações recebidas e debates frutuosos, ao Dr. Rui Albuquerque Mendes (FLUL), ao Prof. Doutor José Custódio Vieira da Silva (FCSH), ao Dr. José Meco (FRESS), ao Dr. José Cardim Ribeiro (Câmara Municipal de Sintra), ao Arq. Joaquim Rodrigues dos Santos e à Mestre Sofia Braga (ARTIS-IHA-FLUL), ao Dr. Rui Oliveira, à Doutora Ana Paulo Rebelo Correia, e ao Arq. Rui Rodrigues, bem como ao senhor Arquitecto José Vitorino, pelas facilidades no acesso ao Paço e Quinta de Belas, de que é proprietário, e à Mestre Luiza Sawaya, pelas úteis reflexões conjuntas sobre o texto de Caldas Barbosa. A todos o nosso reconhecimento.

2 As citações deste texto foram extraídas da reedição que aqui se publica. Não podendo ser referidas como as demais, essas citações são assinaladas apenas com a primeira palavra do título da obra a que pertencem: *Descrição*, seguido da página.

e na envolvência paisagística, tudo a revelar o peso de vários séculos de vivência e as memórias de tantos acontecimentos relevantes.

Caldas Barbosa percebeu bem a singularidade do sítio, destacando, por isso, os testemunhos do «antigo, e respeitável Edifício», caso da «Varanda Gótica, que adorna o seu prospeto, e nos atesta a sua veneranda Antiguidade», referindo também, num juízo bem característico dos conhecimentos da sua época, «o tempo desta Arquitetura, e Escultura [pois] Belém, e a Batalha nos mostram obras da mesma escola» (*Descrição*: 17), e não deixando, ainda, de elogiar com detalhe o estuque com a cena mitológica do *Julgamento e Castigo de Midas* que ornava a fachada (e hoje sobrevive em miserável ruína), entre outras magnificências construtivas e decorativas que lhe mereceram juízo descritivo. Como demonstrou Luiza Sawaya, o escritor luso-brasileiro não era um mero «cantador de modas e encantador de plateias» (SAWAYA 2015: contracapa), tal como o viu certa crítica do tempo; na realidade, foi autor de uma obra literária erudita, inovadora na transição do Arcadismo para o Romantismo, tendo estado na origem da Academia das Belas Letras, envolvido em querelas instigadas por Bocage, chegando a sofrer apertada vigilância de Pina Manique[3]…

A descrição da Quinta de Belas destaca, antes de mais, a sensível batuta mecenática dos Condes de Pombeiro D. José Vasconcelos e Sousa (1740-1812) e sua mulher D. Maria Rita de Castelo-Branco (1769-1822). O título havia sido criado em 1662, em pleno reinado de D. Afonso VI, a favor de D. Pedro de Castelo-Branco da Cunha, 1.º visconde de Castelo Branco, e a estirpe esforçara-se em firmar a sua presença na quinta através de uma marca artística de qualidade. Foram estes titulares os responsáveis por uma das mais profundas e qualificadas intervenções que a casa recebeu, em sequência de anteriores campanhas da responsabilidade de outros ilustres promotores, quase sempre com bons artistas envolvidos, o que tornava a nobre Quinta, nesse final de século XVIII em que escreve, uma das mais

3 Cf. SAWAYA 2015.

aprazíveis do Reino. Por alguma razão, e apesar da sua avançada ruína, o paço senhorial mereceu ser classificado, em 1943, como Imóvel de Interesse Público (IIP)[4].

Como diz ainda o poeta Caldas Barbosa, «a História e a Poesia acharam sempre ali assuntos heróicos e célebres com que ocupar e distinguir os seus mais esmerados Alunos» (*Descrição*: 11). De facto, quer o corpo imponente da torre senhorial e dos seus corpos adjacentes, de remota origem trecentista, com seus salões aristocráticos com adequados recheios artísticos, quer a capela gótico-manuelina e as demais obras do tempo de D. Brites, neta de D. João I e senhora de Belas, quer as campanhas renascentistas do tempo dos Atouguia, designadamente no pátio e no varandim, quer as adições do século XVII ao tempo de senhorio dos Castelo Branco, quer ainda a imponência barroca dos jardins e bosques com a governação dos Pombeiro, sem esquecer a presença, no perímetro da quinta, da Capela do Senhor da Serra, uma ermida que foi grande pólo devocional e serviu de palco a concorridas festas nos últimos domingos do mês de Agosto, e do grandioso Obelisco que rememorava uma estada da família real (D. João VI e D. Carlota Joaquina) em 1795, da autoria do escultor Joaquim de Barros Laborão – tudo isto formou um conjunto riquíssimo, diversificado mas coerente, do património histórico-artístico nacional.

No tempo em que Caldas Barbosa escreveu, a histórica quinta era governada por um culto titular da Casa de Pombeiro, afeiçoado aos seus pergaminhos e ao ideário naturalista no quadro de uma *Nova Arcádia*, movimento literário de que era um dos mentores e protectores[5]. Tal explica as inovações introduzidas tanto nos salões,

---

4 Decreto n.º 32.973, *Diário do Governo*, 1.ª Série n.º 175, de 18-08-1943. A classificação abrangeu o palácio, a capela abobadada, duas fontes decorativas, o obelisco dedicado a D. João VI e a capela do Senhor da Serra.

5 A Nova Arcádia ou Academia de Belas Letras tinha a sua sede no Palácio do Conde de Pombeiro, nomeadamente, no apartamento por ele cedido a Caldas Barbosa. Lá sempre se reuniam os árcades nas chamadas «Quartas-feiras de Lereno» para um lauto almoço seguido de declamações de poesias, bem como modinhas e lundus improvisadas ao som da viola do Poeta.

com opulentas pinturas murais, como no parque, valorizado pela presença de uma pérola seiscentista italiana, a *Fonte de Neptuno*, da autoria de Bernini, oriunda das ruínas do palácio do Conde da Ericeira a seguir ao terramoto de 1755, como ainda no perímetro do jardim, com as suas «ruínas fingidas» concebidas por Cyrillo Volkmar Machado – obras essas tão elogiadas pela pena de Caldas Barbosa. De tudo nos fala o escritor, sem esquecer a memória histórica que se respirava na propriedade e que mais enaltecia as suas qualidades plurais.

Sendo ela, então, um lugar de festas aristocráticas e de debates académicos, abrigando personalidades e artistas de fora (como o Infante D. Manuel e o seu pintor italiano Carlo Antonio Leoni), a Quinta não deixa de ser, ao mesmo tempo, palco de uma das mais concorridas devoções populares: o culto do Senhor da Serra, que levava milhares de peregrinos à capela tardo-barroca desse titular, com o seu escadório e a sua Via Sacra adjacente. Todavia, o culto declinou à medida que o século XIX avança e, a exemplo de outras devoções populares, foi fenecendo inexoravelmente[6]. A romaria ao Senhor da Serra tendeu a desaparecer com o ambiente anticlerical que se seguiu à implantação da República em 1910, mantendo-se, porém, como residual. Durante os séculos XVIII e XIX, porém, constituiu um dos pergaminhos da Quinta – por alguma razão chamada do Senhor da Serra –, reforçando a sua marca prestigiante.

Com a venda da propriedade pelos Condes de Pombeiro (Marqueses de Belas) no pleno século XIX, abriu-se uma fase de decadência, em que a degradação inevitavelmente se instalou e a estagnação foi norma vigente. São introduzidas alterações intestinas, por força das novas utilizações que visam, agora, mais uma rentabilização agrícola (aliás falhada) e menos a defesa das memórias secularmente acumuladas, o que explica o crescente depauperamento de

6 Existem fotografias no Arquivo Municipal de Lisboa que atestam fases ainda de certo fulgor da romaria ao Senhor da Serra, documentando-se (no caso das de 1907) os romeiros no terreno da Quinta, em amenos convívio, em *pic-nic* ou passeando de barco no ribeiro que corre no seu perímetro.

estruturas e recheios. Nos anos 40 do século passado, o arquitecto Raul Lino tentará ainda, sem sucesso, imprimir às remanescências um programa de requalificação, mas a degradação acentuou-se, novas ameaças imobiliárias surgiram, o equipamento artístico da Capela foi saqueado e desapareceu, e as não acauteladas explosões de uma pedreira em terreno adjacente mutilaram o Obelisco neoclássico da autoria de Barros Laborão[7].

Só no declinar do século, com as obras de reabilitação promovidas pelo actual proprietário, Arquitecto José Vitorino, foi possível salvaguardar o acervo palacial e travar a sua perda. O projecto elaborado por si, juntamente com o arquitecto João Rito, permitiu que fosse possível cumprir um plano de recuperação do Paço realengo e da sua envolvente, o qual foi seguido com critério conservativo e recurso a uma base histórico-arqueológica que conferisse solidez às intervenções. Assim, foi possível preservar a autenticidade das velhas estruturas, melhor percebidas pelo facto de terem sido postos a descoberto vestígios ocultos, entaipados pela sucessão de campanhas, as quais trouxeram uma renovada percepção crítica que possibilitou ter-se um olhar evolutivo sobre o Paço dos senhores de Belas[8].

2. As grandes campanhas artísticas: as fases tardo-medievais

As valências do conjunto monumental não se restringem às campanhas tardo-setecentistas dos Pombeiro, descritas por Caldas Barbosa. O Paço de Belas é uma miríade de referências histórico-

---

7 Cf. RIBEIRO e SERRÃO 1985. Na altura, a Assembleia Municipal de Sintra chegou a discutir, como solução para travar a acelerada ruína do Paço e das suas adjacências, a expropriação da Quinta.

8 As obras levadas a cabo pelo actual proprietário da Quinta de Belas, arquitecto José Vitorino, mesmo tendo incluído novas construções (como picadeiros para a escola de equitação, campos de ténis, espaços para festas particulares), daí decorrendo algumas soluções discutíveis, não deixaram de travar a desagregação que parecia irremediável e de devolver ao conjunto solarengo parte do seu espírito primevo. Sobre o assunto, cf., por exemplo, RODRIGUES 2011.

-artísticas acumuladas ao sabor das circunstâncias múltiplas da sua governação.

A estrutura medieval, agora melhor reconhecível na sua sucessão de campanhas dos séculos XIV, XV e XVI no decurso da última intervenção de salvaguarda e reutilização, mostra a importância de um espaço de iniciativa régia, com a sua torre a atestar o orgulho de classe dos seus detentores. Esta é, na sua estrutura, um dos elementos mais antigos, remanescentes da primeira campanha trecentista. Fruto justamente das campanhas que se seguiram em Quatrocentos, desde a campanha do infante D. João, filho de D. João I, às de D. Brites, neta do mesmo rei, e de D. Fernando, duque de Beja, e que transformaram substancialmente o paço de Belas, este bem pode ser considerado um óptimo testemunho da construção áulica de directriz realenga do nosso século XV. No parecer do historiador de arte José Custódio Vieira da Silva[9], o grande especialista da construção senhorial portuguesa da Idade Média, trata-se de um dos melhores testemunhos dessa tipologia nacional de casas nobres apalaçadas, com duplo piso na parte residencial e com suas serventias funcionais e suas características morfológicas, definindo um conjunto de tipologias muito próprias e bem articuladas entre si.

Por outro lado, o estudo das estruturas residenciais ligadas aos Castelo Branco, condes de Pombeiro, permite definir melhor o gosto e as tipologias seguidas no Paço de Belas, de certa forma afins, como demonstrou Teresa Rossas da Ponte, ao primitivo paço desta família, sito em Pirescouxe (Loures), a casa quatrocentista de D. Nuno Vasques de Castelo Branco. Ambos os paços atestam uma morfologia palacial com ligações à corte e com sucessão articulada de campanhas que, época a época, se sucedem com estilemas naturalmente diversos mas sem, todavia, dispensarem mimetismos e linhas de continuidade identitária, como bem se verifica no caso de Belas:

9 Ver SILVA 1995.

> à semelhança de outras grandes casas nobres, este paço foi ocupado, reformado e reabilitado ao longo de séculos pelos seus diferentes proprietários e famílias. O resultado é um edifício replecto de elementos de diferentes épocas que convivem e que deixam antever o passado glorioso desta residência (PONTE 2013: 7).

O historial da propriedade, ao que se pode apurar, remonta ao século XIV e a Gonçalo Anes Robertes, o Franco, 4.º alcaide de Atouguia, que em 1318 detinha a posse da quinta, ainda que se trate de informação de veracidade incerta. Outro dos primeiros proprietários terá sido o cavaleiro Gonçalo Anes Correia. Em 1334, o solar pertencia a Diogo Lopes Pacheco (1304-1385), mas o facto de ter sido implicado no assassinato de Inês de Castro levou a que D. Pedro I (1320-1367) expropriasse a quinta, a qual passou para a casa real, que nela deve ter realizado obras. A torre altaneira já estava então construída. Pode ser tributável, ainda que dubitativamente, ao tempo de Lopo Fernandes Pacheco (1280-1349), fidalgo da corte de D. Afonso IV e seu chanceler, que foi pai de Diogo Lopes Pacheco e que jaz em formoso túmulo com jacente na Sé de Lisboa[10]. Esta torre, que domina a ala norte do Paço será ainda, com toda a certeza, originária dessa campanha do século XIV, como se tornou claro após a última intervenção, tendo nela sido descobertos, entaipados nos seus panos murários, os vãos de janelas ogivais, situados a uma altura que devia corresponder ao piso nobre, dentro daquilo que era comum suceder na nossa arquitectura senhorial trecentista, e que permite imaginar como se distribuiria a zona residencial nessa fase de vivência do paço de Belas[11].

Com o reinado de D. Fernando, em fase de grandes perturbações políticas, o Paço e sua Quinta serão devolvidos aos Lopes Pacheco, sendo dessa fase de ocupação, segundo se crê, uma série de obras de ampliação bem visíveis ao olhar atento dos visitantes. Tal é o caso de uma das salas abobadadas com cruzamento de ogivas

10 Cf. FERNANDES 2001: 45.
11 Ver BARROCA 1997: 71.

que se admira no corpo mais antigo, adossado à torre. Todavia, o apoio destes senhores de Belas ao partido de Castela levou a que a propriedade fosse de novo expropriada com D. João I, em 1398, e se passasse a nova fase de ocupação, com introdução de novas opções e gostos decorativos, sobre a qual pouco ainda se sabe[12]. O Mestre de Avis viria a oferecer a quinta ao seu conselheiro Gonçalo Peres, mas voltaria a tomar posse dela em 1412, tendo o paço e demais propriedade ficado desde então sob tutela da Casa de Avis. Coube ao primeiro monarca da Dinastia de Avis o esforço reconstrutivo de remodelação do paço de Belas, não fosse ele um frequentador do mesmo, dentro do seu investimento reformador nos paços régios (de que Sintra constituiu, como se sabe, o melhor exemplo).

O Paço de Belas integra então o que pode ser designado pela rede joanina de paços rurais, com identidades tipológicas entre si. Segundo opina o já citado historiador de arte José Custódio Vieira da Silva, o Paço de Belas terá tido como mentor directo da remodelação o infante D. João[13], em obras situáveis entre 1424, data da doação que o monarca seu pai lhe fizera, e 1442, ano da sua morte. Entre outros testemunhos dessa campanha gótica, Teresa Cristina Rossas da Silva considera que os vãos de portas ogivais que remanescem em Belas correspondem a outros existentes em obras de paços quatrocentistas, como em Leiria e Ourém, o Paço do Infante em Tomar, assim como a tipologia dos arcos corresponde aos do Claustro da Lavagem do Convento de Cristo ou aos dos Edifícios dos Estaus, também em Tomar, entre outros elementos estilisticamente cotejáveis[14].

Após a morte do condestável infante D. João, em 1442, Belas passou para a tutela da casa Viseu-Beja e para a posse da Infanta D. Isabel, sua filha, até à data do seu faustoso casamento, em 1447, com D. João, rei de Castela e Leão. Nessa ocasião, e no sentido de que a propriedade continuasse na linhagem dos seus anteriores

12 Ver STOOP 1986: 212.
13 Ver SILVA 1995: 32.
14 Ver PONTE 2013: 67.

senhores – e a fazer parte integrante do seu património imobiliário –, o rei D. Afonso V comprou a quinta a sua prima D. Isabel, doando-a ao seu irmão D. Fernando, aquando do casamento deste com D. Beatriz (ou Brites), irmã de D. Isabel e neta de D. João I. Deste modo, continuou a ser um espaço realengo: o património da casa dos infantes D. Fernando e D. Beatriz, duques de Beja (e, posteriormente, duques de Viseu), pais do futuro rei D. Manuel, permaneceu incólume, senão mesmo reforçado[15]...

As grandes obras que o corpo senhorial recebeu no final do século xv deveram-se à acção mecenática de D. Brites, como se disse; ela foi uma das figuras mais influentes da época, sendo mulher, dadas as suas relações de sangue com os detentores do poder (era neta de D. João I, sobrinha de D. Duarte, cunhada de D. Afonso V, foi mãe da rainha D. Leonor e de D. Manuel I, que sucedeu a seu cunhado e primo D. João II, sendo ainda tia materna de Isabel a Católica, filha de sua irmã D. Isabel), e a sua influência política é atestada na sua participação no tratado de Alcáçovas, em 1479.

Todavia, ainda que não existam referências documentais precisas sobre tal mecenato. Mesmo assim e, à revelia de quem defende a impossibilidade de ele ter existido, face às muitas ocupações que à época prendiam D. Brites (em Nossa Senhora da Conceição de Beja, por exemplo), não é inverosímil pensar-se no papel de responsabilidade da infanta D. Brites nas obras tardo-quatrocentistas de Belas. Temos em vista, por exemplo, obras do Paço de Belas como a construção da formosa capela gótico-manuelina, que data por certo do seu tempo de governação da casa, sob égide da estirpe Viseu-Beja.

O facto de, entre o século xiv e o início da era de Quinhentos, o Paço de Belas ter albergado reis e infantes da corte – pertenceu por breve trecho a D. Pedro I, esteve algum tempo nas mãos de D. João I, aqui viveram o infante D. João, filho de D. João I, D. Isabel, o infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V, e sua mulher a Infanta D. Brites, filha do infante D. João –, justifica a qualidade das obras

---

15 Cf. COSTA 2011: 43-47 e 143; e GOMES 2009: 53.

da fase gótico-manuelina. Esta conjuntura, por certo, impôs obras vultosas e condignas, que explicam a nobreza das traças e a finura de execução pétrea que a capela palatina os corpos residenciais sobreviventes deixam transparecer, nos perfis dos arcos e fenestras, na delicadeza de recorte de molduras e capitéis e na elaborada tecnologia que tais campanhas revelam.

3. As campanhas artísticas da fase proto-renascentista

Já no século XVI, a casa solarenga passa por herança, em 1505, para o fidalgo da casa real D. Rodrigo Afonso de Atouguia, que lhe introduz novos melhoramentos, desta vez o vasto e cenográfico pátio murado, com o seu «caminho de guarda» protegido por balaustrada, onde avulta, no ângulo nascente, um pavilhão clássico com sua cúpula de gomos, ornada com o brasão dos Atouguia Correia, e a «porta de recebimento», de acesso principal, com a sua tipologia renascentista, presente também nos elementos de lavor da balaustrada[16]. O Paço afeiçoa-se à linguagem clássica *ao romano* ou, como então se dizia, *all'antico*, com testemunhos que atestam uma intervenção arquitectónica consequente.

Trata-se de nova fase prestigiante do Paço e Quinta de Belas, sobre a qual ainda sabemos pouco em termos de vivências e eventos, mas a que o prestígio da vida literária no Paço Real da próxima vila de Sintra, e as tertúlias de *literati* e humanistas em focos como o dos Castro na Penha Verde, não deviam ser alheios[17]. Seguindo de novo o que nos diz assertivamente Teresa Cristina Rossas da Silva a este propósito,

> o muro principal do paço, onde se encontrava a porta de acesso ao interior do mesmo, colocou-se, numa clara armação retórica, a pedra de armas da família em três locais: no mirante, na balaustrada que encima

---

16 Cf. AZEVEDO 1969: 117.
17 Ver DESWARTE-ROSA 1992.

> o muro e no canto esquerdo, onde uma bica, suportada por uma coluna, jorrava água para um dos tanques. Aliás, pela própria instalação do tanque, o senhor de Belas mostrava o seu poder trazendo à vila a água que era conduzida até junto do paço e brotava sob o escudo dos Atouguia Correia, um recurso já usado, por exemplo, por D. Afonso, conde de Ourém, no chafariz que mandou erguer na vila de Ourém (PONTE 2013: 76-77).

Numa das alas palatinas recuperadas na última intervenção, a serventia para o interior do primeiro piso, através de porta de arco abatido, revelou a inscrição *Nec Minor Est Virtus Quam Querere Parta Tueri,* frase do Publius Ovidius Nasão (43 a.C.-18 d.C.) que significa, em livre tradução do texto latino de Ovídio, «Não é menor o mérito de manter o que se tem do que ganhá-lo». Trata-se, segundo se depreende, de uma referência à doação do paço real aos seus proprietários de então, os Atouguia Correia, responsáveis também por estas campanhas de remodelação intestina, sob influxos de um gosto renascentista. Estes senhores tomavam posse do edifício, não por direito, mas por doação régia, sendo por esse facto justificado o largo investimento construtivo que levaram a cabo.

Em suma: vários foram os detentores da Quinta e do Paço durante os sete séculos da sua existência, como se vê, ainda que conectados com um esforço de preservação da unicidade patrimonial desses bens na esfera do poder central… Tal facto gerou uma natural e complexa sobreposição de estilos, ao sabor das funcionalidades pretendidas e da sequência de obras motivadas pelas novas utilizações, ainda que mantendo quase sempre um fio de continuidade que foi orgulhosamente preservado.

4. As campanhas do tempo dos Correia na primeira metade do século XVII

No início de Seiscentos, já no contexto da Monarquia Dual filipina, o Paço sofreu importantes obras de remodelação, que correram em 1614 por encomenda dos seus senhores de então, os nobres

Correia, e por responsabilidade de um jovem arquitecto da corte, Luís de Frias[18]. Tratou-se de uma campanha ainda insuficientemente analisada, mas que teve grande importância, por corresponder ao esforço de modernização do Paço à luz dos valores de decorosa austeridade que, com a Contra-Reforma, foram vigentes na construção áulica portuguesa em torno do conceito de *estilo chão*.

A vila de Belas fora então agraciada com a visita do próprio Filipe II de Portugal, III de Espanha que, em 17 de Setembro de 1619, estadeou no Paço com numerosa comitiva, sendo senhor de Belas António Correia da Silva, filho varão de Francisco Correia de Menezes. O monarca espanhol, de caminho para Sintra, desejava admirar o sistema de Águas Livres que buscava fornecer água à capital portuguesa. Segundo nos diz João Baptista Lavanha, o cronista da *Joyeuse Entrée* de Filipe, «de alli foi à Bellas Villa de Antonio Correa da Silva, onde tem huma boa casa & jardins: nella comeo sua Majestade & Altezas & passarão a dormir a Sintra» (LAVANHA 1621: 73). Segundo Manuel Severim de Faria, os senhores de Belas ofereceram à comitiva régia um opulento banquete[19]. Imaginamos que terá sido um momento alto para os senhores de Belas, aquele em que receberam na sua vila o poderoso monarca espanhol, segundo titular da Monarquia Dual, que nunca pisara antes terra portuguesa…

O título do senhorio de Belas passara no final de Quinhentos para Francisco Correia de Menezes, bisneto de Rodrigo Afonso de Atouguia, considerado legítimo herdeiro de seu primo Manuel Correia, depois de ter contestado judicialmente o testamento, que legava o Paço e demais bens à sua única filha D. Ana Silva. Vencido o processo judicial, Francisco Correia de Menezes tomou posse do senhorio de Belas, mantendo-se em sua linhagem até meados do século XVII, quando os Castelo Branco retomam o domínio da propriedade. Foram estes Correia a custear a campanha e melhoramentos em causa.

---

18 O contrato com o mestre pedreiro responsável pela empreitada encontra-se exarado em livro tabeliónico no cartório notarial de Belas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ainda carecente de transcrição integral (SERRÃO 2002: 220).

19 Cf. PONTE 2013: 99 e, também, MEGIANI 2011: 223.

Assim, sob a tutela deste senhorio dos Correia, no dealbar do século XVII, registou-se a vasta intervenção arquitectónica de ampliação e melhoramento do velho paço, entregue ao risco e direcção do arquitecto régio Luís de Frias, a quem coube desenhar a empreitada[20]. Essas obras, descritas em contrato de obrigação lançado num dos livros de protocolos notariais de Belas, incluíram novas adjacências residenciais e o tratamento despojado dos panos murários, dentro do severo *estilo chão* dominante. Este arquitecto seguia, naturalmente, um gosto afeiçoado ao tradicional sabor clássico, próprio das morfologias do Maneirismo arquitectónico nacional, ao qual se vinha adequar um sentir vernacular das formas, volumes e proporções, comum aliás à construção coetânea gizada pelos seus colegas Tinocos e Coutos e pelos seus familiares Frias[21].

Luís de Frias Pereira (c. 1590-1642) era filho do arquitecto Teodósio de Frias (fal. 1634) e, por conseguinte, neto do grande arquitecto Nicolau de Frias (1540-1610), sendo também sobrinho do pintor régio Domingos Vieira Serrão (c. 1570-1632), casado com sua tia Madalena de Frias[22]. Tinha o apelido Pereira, como patronímico da sua avó materna. Nasceu por volta de 1590, e em 1610, sendo moço de câmara de El-Rei, foi nomeado para uma das «vagas para aprender arquitectura», assumindo de seguida o lugar de arquitecto da corte «que vagou pella promoção de theodosio de frias» (Sousa Viterbo 1922: 95-96). Recebia de ordenado anual 50.000 rs, bem superior ao que tinha sido corrente pagar-se até então aos detentores desse cargo. Foi nomeado em 1634 arquitecto dos Paços Reais de Lisboa, substituindo seu pai Teodósio, e foi também responsável das obras do Arcebispado de Lisboa e das obras da Cidade, estando ainda ligado ao magno projecto das Águas Livres para abastecimento de Lisboa, que se arrastava desde os tempos de seu avô

20 Ver SERRÃO 1984-88: 55-103.

21 Sobre este ambiente construtivo, característico de grande parte do século XVII nacional, cf. KUBLER 1967 e COELHO 2014.

22 Sobre Luís de Frias, cf. FRIAS 1889; SOUSA VITERBO 1899, I: 380-381; RUÃO 2006: 235-239; SERRÃO 1984-88: 37 e 42 e 2002: 220; GOMES 2001: 399-400; PENTEADO 1998: 141-143; MENDES 2018.

(e que continuaria incumprido, até ao tempo de D. João V). Na sua habilitação a Familiar do Santo Ofício, em 1637, diz-se que «elle servira muitos annos de architecto dos cadafalsos, que se fizeram nesta cidade» (Sousa Viterbo 1922: 95-96). Superintendeu, ainda, nos projectos de ajardinamento do Paço Real de Alcântara, entre outras tarefas oficiais inerentes ao seu cargo.

Além da sua intervenção no Paço de Belas, traçou em 1626 a primeira igreja do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, no Sítio, dirigindo tais obras até 1635, mas a grande renovação do templo, no século XVIII, mal deixa ver o que subsiste do projecto primevo de Luís de Frias. Também debuxou, em 1628, a obra do Convento agostiniano de São Teotónio de Viana da Foz do Lima, do mesmo modo adulterado e desaparecido, e o Convento de Nossa Senhora da Rosa, casa da ordem dos paulistas da Serra d'Ossa, na Caparica, entre outras obras públicas e privadas de que foi responsável. O conhecimento da autoria da traça de renovação do convento paulista da Caparica (casa fundada em 1410 como refúgio de ermitães pobres) deve-se às pesquisas de Rui Mesquita Mendes; infelizmente, trata-se de mais uma casa conventual destroçada durante o século XIX e da qual pouco ou nada resta. Este probo investigador observou que Luís de Frias teve relações privilegiadas com o Desembargador do Paço João de Frias Salazar, como atesta uma nota no *Index dos Tabeliães de Lisboa* datada de 30 de Junho de 1635: a Câmara de Lisboa, em atenção aos serviços que fizera enquanto visitador, deu licença àquele fidalgo para «fazer carneiro e sepulturas em S. António pera sy e Successores e a aproba a obra com o Architecto delrey Luiz de Frias Pereira» (Biblioteca Nacional 1931: 77-78). Ainda sabemos que, em escritura de 26 de Agosto de 1635, o Dr. João de Frias Salazar fundou uma Ermida do Santo Crucifixo na sua Quinta sita na vila do Cartaxo, a qual apresenta características arquitectónicas despojadas, afins às de Luís de Frias.

Como diz Rui Manuel Mesquita Mendes, no ensaio inédito *Luís de Frias Pereira (+1641): contributos para uma biografia histórica e artística,*

a análise estilística de outros arquitectos maneiristas contemporâneos de Frias, como Baltasar Álvares e Mateus do Couto, ou mesmo Pedro Nunes Tinoco, parece indiciar soluções arquitectónicas e decorativas distintas das aplicadas por Luís de Frias, por isso pensamos que uma análise cuidada das obras assinadas e atribuídas a Luís de Frias, poderá clarificar os pontos de contacto e rotura que distinguiram a sua obra das dos outros arquitectos activos em Portugal no período filipino.

Acrescentamos que, por maioria de razões, a campanha que Luís de Frias realizou no Paço de Belas poderá também ser, por essa via, melhor esclarecida. O arquitecto faleceu em 1641, sucedendo-lhe no cargo de arquitecto régio seu filho Teodósio de Frias Pereira que morre em 1665, sem obra que se lhe conheça[23].

Voltando ao historial evolutivo do Paço de Belas, a gestão dos Correia como senhores de Belas foi breve, pois o filho de António Correia da Silva, chamado Francisco Correia, tendo doado os bens a sua filha, que viria a falecer sem descendência, o que conduziu à posse da varonia dos Castelo Branco, ramo legitimado no direito sucessório pelos laços de casamento que se mantinha, desde há muito, unindo ambas as casas Correia-Castelo Branco.

5. A campanha artística dos Castelo Branco: o *stucco* do *Julgamento de Midas* e os seus significados iconológicos

Com a passagem da quinta das mãos dos Correia para as dos Castelo Branco, novos senhores do Paço de Belas, nos anos dramáticos vividos por Portugal no terceiro quartel do século XVII, com as

23 Informa-nos ainda o senhor Dr. Rui Mendes que o arquitecto, casado com Francisca da Matta, filha de Gaspar Rodrigues da Mata e Maria da Fonseca, naturais de Leiria, teve um único filho e seu sucessor no cargo, Luís de Frias. Este era natural da cidade Leiria, segundo se lê no assento do seu segundo casamento, celebrado na Igreja de Nossa Senhora do Monte de Caparica em 18 de Dezembro de 1617, com Antónia da Cruz, filha de Jorge Fernandes o Calvo, do Turcifal, morador em Caparica, e Filipa Delgada, natural de São Sebastião da Mouraria (assento inédito recolhido nos registos paroquiais desta freguesia).

guerras da Restauração, novas obras se realizaram para beneficiar o paço e afirmar o poder dos novos proprietários.

Este, D. António de Castelo Branco da Cunha Correia Menezes, 2.º Conde de Pombeiro da Beira, 9.º Morgado e 14.º Senhor da Casa de Belas, 8.º Alcaide-Mor de Vila Franca de Xira, Alcaide--Mor de Vila de Rei e Capitão da Guarda Real dos Arqueiros de D. Pedro II, utilizará parte dos seus fortes réditos para transformar o Paço e Quinta do Senhor da Serra numa quinta de recreio, abrindo um capítulo prestigiante que terá o seu corolário com a gestão dos Pombeiro, no declinar de Setecentos[24]. Como diz Teresa Rossas da Ponte em tese recente,

> com o senhorio dos Castelo Branco, Belas tinha também um paço de fundação medieval pelo que, a partir da segunda metade do século XVII, os Castelo Branco, entretanto elevados a condes de Pombeiro, passaram a administrar também o senhorio de Belas e a possuir, entre o seu vasto património, dois paços medievais nas imediações de Lisboa, dois exemplos com diferentes histórias e com diferentes soluções arquitetónicas: o Paço de Belas, antigo paço real, associado às amenas paisagens agradáveis de Sintra, e o Paço de Pirescouxe, com a sua dupla característica de habitação e de defesa, para além da sua posição estratégica em relação ao rio Tejo. A seu tempo, a família optou por manter apenas uma destas residências, pelo que o Paço de Belas passou a receber as atenções destes senhores, possivelmente pela sua localização nas imediações de Sintra, caracterizada pelo seu agradável clima. Mas talvez também pelo facto de o Paço de Belas ter sido propriedade de reis e infantes, entre os séculos XIV e XVI, o que imprimia uma importância a esta residência que nenhuma outra que os condes de Pombeiro possuíam, ou viriam a construir, poderia alguma vez alcançar (PONTE 2013: 10).

Por certo desta fase de governo dos Castelo Branco data o grande baixo-relevo em *stucco* pintado, alusivo ao *Julgamento e Castigo de Midas* (também designado *Disputa Musical entre Apolo e Mársias*), com rica barra de frutos a envolver a cena, que se encontra na parede

24 Cf. RODRIGUES *et al.* 2012.

acima do tanque do murete de entrada principal[25]. Caldas Barbosa descreve-o com minúcia, em 1799, elogiando-lhe o estilo e o acerto do programa iconográfico. Depois de encomiar como «primoroso o grande Painel do Castigo de Midas, quando admitiu ao horrendo Marsias a disputar primazias com o suavissimo Apolo», refere-se aos

> dous Génios, que sustentam a tarja das Armas de Castelos Brancos [e] que estão vendo ali sobre a janela rasgada por baixo desta mesma Varanda. Naquele meio relevo, é admirável a graça com que são contornados aqueles dous Corpos dos Génios e a energia com que arregaçam as pontas da Cortina que pende da boca do Leão do Timbre (*Descrição*: 17).

Tudo se encontra em estado deplorável e com perdas significativas, sendo todavia notório que o artista utilizou com fidelidade uma gravura maneirista de Hendrick Goltzius (1558-1617) para compor o seu baixo-relevo. Segundo Ana Paula Rebelo Correia, esta mesma gravura de Goltzius foi utilizada, também, num painel de azulejos do Palácio dos Marqueses de Fronteira[26].

A desagregação física do painel *Julgamento do Rei Midas* acentuou-se em poucos anos, não tanto por actos pontuais de iconoclastia que sofresse, mas pelo geral abandono a que a obra foi votada, facto agravado pelas fragilidades próprias da sua estrutura material. E facto, o grande painel foi executado em argamassa traçada de cal e areia como suporte à estrutura e relevo, ou seja, uma técnica muito frágil (tal como consta e é escrito no relatório de intervenção entretanto elaborado[27]). A sua base, em massa bastarda com traço

---

25 Sobre este painel, cf. STOOP 1986: 214; RIBEIRO *et al.* 2009; RODRIGUES *et al.* 2012.

26 CORREIA 2005: 141.

27 Cf. RIBEIRO *et al.* 2009 e RODRIGUES *et al.* 2012: «A argamassa foi moldada, na área de figuração, sobre um reboco prévio aplicado directamente no aparelho de pedra da muralha e na volumetria das figuras mais proeminentes, estruturadas pela simples técnica do encasque, com a inserção consolidante de fragmentos de cerâmica. Quanto ao emolduramento, este foi conseguido a partir da aplicação de um molde, permitindo assim obter um trabalho cenográfico estilizado, também ao gosto maneirista, bastante pormenorizado e de óptimo acabamento» (RODRIGUES *et al.* 2012: 17).

de areia de granulometria variável e cal aérea hidratada, acrescido pela humidade própria do fontenário em cujo espaldar se encosta, condicionou a salvaguarda da peça, que era policromada e devia ter, na sua origem, um forte impacto cenográfico a quem chegava de fora à propriedade dos senhores de Belas! Quase tudo desapareceu, incluindo-se no rasto das muitas destruições sem remissão que a propriedade foi sofrendo...

O grande painel do *Julgamento de Midas* em *stucco* pintado, com sua graciosa barra de elementos naturalistas, obriga forçosamente a recorrer a antigas fotografias para se poder imaginar o que seria a primeva composição, inspirada na citada gravura maneirista de Goltzius… A razão para a escolha do tema não foi aleatória, já que parece enquadrar-se bem, segundo certa interpretação iconológica, na afirmação do poder senhorial dos Pombeiro. Para além da mensagem da lenda clássica, o painel encerra um outro conteúdo alegórico: por um lado, de exaltação da beleza e da riqueza da Quinta senhorial; por outro, a disputa familiar pela posse do título do Senhorio de Belas. A sua localização no exterior da cerca do Paço Senhorial atesta-nos que essa mensagem era dirigida também aos habitantes da Vila de Belas, em atitude desafiadora face aos membros do Concelho Senhorial e aos Oficiais do Poder local[28].

A proposta iconológica parece ter toda a consistência, assim como a opção estética, bem dentro do gosto decorativo, tardo-maneirista, de que se revestem muitas das campanhas ornamentais integradas na arquitectura civil do tempo da Restauração.

Na época em que este baixo-relevo foi concebido, viveu no Paço de Belas o grande escritor D. Francisco Manuel de Melo, tendo aí ultimado a *Epanáfora amorosa terceira*, que descreve o achado da Ilha da Madeira em 1420, e os *Relógios falantes*, um dos *Apólogos dialogais* insertos no célebre *Hospital de letras* (1654-1657). A sólida cultura humanística e o domínio das fontes clássicas de Melo,

---

28 Ver RODRIGUES *et al.* 2012: 12-17.

tão relacionado por laços de amizade com os Castelo Branco, pode levar a considerar que tivesse tido responsabilidade na escolha do tema do baixo-relevo destinado a decorar a nobre fachada palatina[29]. Ao tempo, a Quinta de Belas podia considerar-se um *Parnaso das artes e das letras*, sendo nesse contexto que se entende melhor o temário representado no baixo-relevo, que marca também a fusão da Casa de Belas com a Casa de Pombeiro, por meados do século XVII.

6. As grandes campanhas dos Pombeiro durante o século XVIII

Aproveitando as novas condições de estabilidade do reino, durante o reinado de D. João V, os Condes de Pombeiro, senhores de Belas, melhoraram o paço e a quinta, tendo sido feitas beneficiações no palácio e dado atenção ao facto de a propriedade ser lugar de crescente veneração em torno do Senhor da Serra. Assim, por sua instância, vão ser construídas a Via Sacra, em 1735, e a Capela do Senhor da Serra, em 1745, esta última, com a sua escadaria, com o fito de acolher condignamente as populares romarias, que tornaram a Quinta um centro de peregrinação. Situada a meia encosta do cômoro[30] verdejante, com acesso por uma escadaria envolta por «passos» processionais, numa visão cenográfica cortada por veios e água em pequenas cascatas de fantasia, a Capela barroca oferecia uma visão esplêndida, que se veio a perder pelo abandono sem remissão a que foi sujeita.

As paredes desta capela foram decoradas integralmente com um valioso revestimento de azulejaria azul e branca, cobrindo desde o pavimento às sancas, chegando a atingir 32 azulejos de altura nas partes mais elevadas, com trechos da *Via Crucis* e da *Paixão de Cristo*, envoltos por gordas cartelas barrocas. Esta campanha foi atribuída à oficina do pintor de azulejos Valentim de Almeida, por

29 Opinião defendida por RODRIGUES *et al.* 2012.
30 Pequena elevação de terreno.

comparação estilística com os da sacristia da Sé do Porto, que estão bem identificados, autoria essa hoje confirmada face aos novos conhecimentos que existem sobre esse artista[31]. À entrada da capela, viam-se os painéis do *Lava-pés* e do *Cenáculo* assinalando-se, ainda, duas portas fingidas em azulejos de manganês – «na totalidade haverá cerca de 8000 azulejos, ou seja, o equivalente a 160 m^2 de superfície azulejada», concluía Santos Simões o seu registo – mas tudo desapareceu em poucos anos, fruto do vandalismo... Quanto ao retábulo marmóreo, era animado ao centro com a representação escultórica do *Calvário,* em terracota policromada (outra peça de erudito lavor, ligada por alguns autores à oficina do próprio escultor Joaquim Machado de Castro)[32]. Era, pois, um espaço barroco de excelência, tratado com cuidados explícitos pelos seus donatários e, por isso, alvo de obras que envolveram os melhores artistas de Lisboa nos respectivos géneros no declinar da época do *Magnífico* e no início do reinado de D. José, neste caso o azulejo, o entalhe de mármore, a *entarsia* e a terracota policromada. O Eng.º Santos Simões, que visitou a capela nos anos 70 para o seu *corpus* da azulejaria portuguesa, encontrou-a já então «sem vida, e condenada ao esquecimento» (SIMÕES 1979: 319). Assim, apesar dos continuados avisos, tudo se veio lamentavelmente a perder com o criminoso roubo que vandalizou a capela, tirando partido da situação de abandono a que fora votada e sonegando-lhe obras artísticas que dificilmente poderão ser um dia recuperadas e devolvidas[33]…

31 Cf. SIMÕES, 1979: 319. Em visita ao templo com José Meco e José Cardim Ribeiro, ainda antes do roubo, o primeiro dos citados especialistas confirmou o acerto a atribuição do Eng.º Santos Simões.

32 Sobre o 'laboratório' oficinal do grande escultor, cf. FARIA 2012: 103-117.

33 O roubo ocorreu no final dos anos 80 do século passado. O autor deste texto ainda admirou, com José Meco, José Cardim Ribeiro e José Alfredo da Costa Azevedo, a capela com a sua decoração de azulejos, antes do furto e ulterior vandalização que sofreu. João Miguel dos Santos Simões dá-nos ainda testemunho das temáticas dos azulejos historiados e da sua importância artística.

Nos anos felizes de governação dos Condes de Pombeiro, em que o culto o Senhor da Serra estava no auge e em que a vivência literária no Paço era famosa, viveu amiúde nos espaços palatinos o Infante D. Manuel de Bragança (1697-1766), de seu nome completo Manuel José Francisco António Caetano Estêvão Bartolomeu de Bragança, sétimo filho de D. Pedro II e de D. Maria Sofia de Neuburgo e, por conseguinte, irmão de D. João V. Este senhor, que teve o título de Conde de Ourém e foi viageiro nas cortes europeias, tendo chegado a ser candidato ao trono da Sardenha e da Córsega, passou largas temporadas, a partir de 1734, em Belas, palácio onde se finou a 3 de Agosto de 1766. Aí estabeleceu uma espécie de «corte na aldeia», fiel aos pergaminhos arcádicos da Quinta, e entregue ao convívio desse mundo de artes e letras. Pelas pesquisas recentes de Paulo Figueira[34] sabemos que teve ao seu serviço o pintor e arquitecto italiano Carlo Antonio Leoni que, por certo, lá realizou obras de decoração, designadamente na modalidade de retratista, em que era considerado exímio.

Num dos poemas[35] de Caldas Barbosa, consta uma explícita referência artística que adquire, neste contexto, a sua validade:

> Para aqui, meu Albano, qu'eu careço
> Do pincel delicado, e finas cores,
> De que te serves quando o esmero d'arte
> Mostras nas tuas naturais pinturas,
> Mas talvez do rascunho tirar possas
> Coisa qu'a melhor forma reduzida
> C'os toques magistrais, que dar costumas,
> Do augusto original mais digna seja.
> *Almanak das Musas* IV: 146

34 Cf. FIGUEIRA 2014: 55-72.

35 Como refere Luiza Sawaya trata-se da segunda estrofe do poema «Festas na Real Quinta de Queluz, descritas em uma carta de Lereno Selinuntino», que constitui um dos poucos exemplos de verso branco utilizado por Caldas Barbosa, como ele próprio indica no verso 2 do mesmo poema: «Desato os Versos das prisões da Rima».

Este elogio à arte da Pintura e às suas capacidades persuasivas mostra-nos Caldas Barbosa a glosar o célebre conceito da «pintura poética» de Horácio, a *ut pictura poesis,* enfatizando a relação íntima entre a Poesia e a Pintura. Ignora-se se este trecho poético é um comentário derivado da mera retórica academizante que se respirava nas *Arcádias* aristocráticas, ou se alude concretamente à ambiência cultural e artística do Paço de Belas, que tão bem conhecia – se não, mesmo, à presença de bons pintores cortesãos nesse palácio, como eram, sem dúvida, o italiano Leoni, e o Cyrillo... Seja como for, ao elogiar a arte clássica e citar a propósito o nome de Albani[36], um pintor seiscentista bolonhês da «escola» de Guino Reni que era famosíssimo ao tempo nas colecções europeias, encontramo-nos perante uma referência literária explícita e que não deve ser passada em claro, pois enaltece o interesse do poeta por esta ampla relação inter-artística de que o clima aristocrático do *Parnaso de Belas* era um digno mentor e um arcádico estímulo[37].

Nos opulentos jardins do Paço, reformados por volta de 1770 e enriquecidos com espécimes botânicos e arbóreos que farão as delícias descritivas de Caldas Barbosa, também se destacava – tendo estado aí até meados do século passado – uma grande fonte barroca decorada ao centro com a escultura de Neptuno, obra da autoria do celebérrimo escultor Gianlorenzo Bernini! Já lá não se encontra, de há muito, pois passou para os jardins do Palácio Nacional de Queluz. A história deste fontenário está hoje devidamente esclarecida: foi encomendado pelo 3.º conde da Ericeira, através do Embai-

---

36 Embora seja hoje um nome relativamente secundarizado pela História da Arte, Francesco Albani (Bolonha, 1578-1660) foi considerado um áspide do classicismo, uma espécie e «novo Rafael», muito elogiado por Giovanpietro Bellori e, como tal, apreciadíssimo pelo mercado das artes do século XVIII (e XIX), e com presença muito disputada nas melhores colecções. Portugal não fugia à regra. A. Raczynsky refere-se a Albani e à sua influência na obra do nosso Vieira Lusitano (RACZYNSKY 1846: 285 e 383). Infelizmente, pouco se sabe, por falta de inventários, sobre o que existia na pinacoteca do Paço de Belas que podemos imaginar, todavia, fosse bem nutrida de quadros de grandes nomes da pintura europeia.

37 Agradece-se a Luiza Sawaya a oportunidade de discutir e interpretar, em contexto, este trecho poético de Caldas Barbosa.

xador de Portugal em Roma, D. Luís de Sousa, entre 1675 e 1680, ao próprio Bernini, com destino ao jardim do seu palácio lisboeta. A documentação entretanto descoberta, e que atesta as circunstâncias próprias da encomenda, precisa-nos, porém, que o genial escultor apenas se ocupou da peça central, deixando o acabamento do grosso da empreitada ao seu discípulo Ercole Ferrata – facto que, aliás, não desmerece do resultado final, pois se trata de peça de altíssima categoria escultórica[38].

O fontenário, considerado o mais belo de quantos existem em Portugal por um autor do fim do século XVII, não era da Quinta de Belas. Assim o diz António Rodrigues da Costa, que escreve em 1694, descrevendo a embaixada do Conde de Vila Maior (depois do Alegrete) ao Príncipe Filipe Willelmo, Conde Palatino do Rhim. Ao registar a chegada a Lisboa da Princesa D. Maria Sofia, futura esposa de D. Pedro II, elogia encomiasticamente a fonte que viu no jardim do Conde de Ericeira, «ultima fabrica do insigne Estatuario Romano o cavalhier Bernine». Segundo Júlio de Castilho, a fonte em causa destinava-se efectivamente ao jardim do Conde da Ericeira na sua sumptuosa casa na Anunciada, em Lisboa[39]. Passou mais tarde para o Paço de Belas, provavelmente a seguir ao terramoto de 1755, por aquisição dos Pombeiro, sendo certo que lá estava em 1847, quando o Conde Raczynski visitou a Quinta de Belas e descreve a peça, mantendo a tradicional atribuição a Bernini, que a História da Arte veio a verificar, com base estilística e documental, ser absolutamente verdadeira.

Conforme o arquitecto Raul Lino averiguou, a monumental fonte (que foi entretanto dada como desaparecida, pois jazeu desmontada durante muitos anos) chegou felizmente aos nossos dias: encontra-se desde Março de 1945 colocada num espaço dos jardins do Palácio de Queluz, tendo sido então identificada por Raul Lino[40].

38 Cf. DELAFORCE *et al.* 1998: 804-811.
39 Cf. CASTILHO 1954: 247 e 421.
40 Ver LINO 1957: 14-21

Com a venda da propriedade pelos Marqueses de Belas ao senhor Júlio Martins, houve diligências por parte do Eng.º Duarte Pacheco para adquirir a peça e a colocar defronte do monumento a D. Maria I em Queluz, mas essa compra gorou-se, tendo o novo proprietário da quinta feito doação graciosa da fonte ao Estado. Desde então, passou a integrar, ainda que desmontada, o jardim de Queluz, só tendo sido remontada anos mais tarde. Lino destaca na peça a «virtuosidade do cinzel que anima toda a superfície trabalhada» (LINO 1957: 16), referindo a qualidade de figura o Neptuno e dos quatro tritões e, nas tarjas que estes seguram, a presença dos escudos de armas dos Meneses, Condes da Ericeira, encomendantes da monumental peça.

Mais nos diz Raul Lino que no Museu da Cidade existe um quadro da autoria de Condeixa, datado de 1896, que representa «uma cena de merendas na festa do Senhor da Serra, em Belas» (LINO 1957: 21), onde se reconhece a presença da fonte de Bernini, com o seu resguardo sobre o qual os festeiros se sentavam.

Se o fontenário saído da oficina do grande escultor seiscentista romano não pode ser uma encomenda assacável aos Pombeiro – que dele só tomaram posse após 1755, quando a peça chegou a Belas oriunda das ruínas do palacete do Conde da Ericeira –, já o monumental Obelisco comemorativo da visita dos regentes D. João e D. Carlota Joaquina, em 1795, pertence à sua responsabilidade de mecenas. Trata-se de obra da autoria de Joaquim Barros Laborão, um dos melhores discípulos de Joaquim Machado de Castro, e inscreve-se formal e estilisticamente no espírito neoclássico a que pertence, por exemplo, o quase coevo arco do palácio de Seteais. Seguindo ao pormenor a descrição dos jardins feita em 1799 pelo poeta Caldas Barbosa, sentimos bem os novos gostos que imperavam neste final de Setecentos, já de sinal neoclássico, numa ardência naturalista e arcádica a que os senhores de Belas não ficavam por certo indiferentes[41].

Nesta altura, o opulento jardim palatino, bem caracterizado por Ana Cristina Leite, ganha sinuosidades inusitadas e cenografias

41 Cf. CARITA e CARDOSO 1987: 236.

caprichosas com as obras de engrandecimento sofridas pela Quinta e que, segundo as descrições, integravam alamedas, bancos, alegretes, árvores de grande porte pontuando rotundas, latadas, caramanchões, fontes e sítios de fresco, incluindo também o recurso a trabalhos de *stucco* com figurações relevadas de iconografia alegórico-mitológica[42]. De tudo isto nos fala detidamente o poeta Calas Barbosa, em testemunho de um tempo de prestígio inexoravelmente perdido.

Outra das relevantes campanhas artísticas foi a que assumiu no final de Setecentos, a mando dos Condes de Pombeiro D. José Vasconcelos e Sousa (1740-1812) e sua mulher D. Maria Rita de Castelo-Branco (1769-1822), o pintor, arquitecto e escritor Cyrillo Volkmar Machado (1748-1823), que projectou para a Quinta de Belas um conjunto de decorações picturais e de carácter paisagístico, onde impera já um certo espírito pré-romântico, designadamente na gruta artificial com cascata e falsa ruína que se encontra no perímetro dos antigos jardins[43], mas que as vicissitudes do tempo, as fases de abandono e a insensibilidade das pessoas quase fizeram desaparecer.

A devoção popular e os surtos peregrinatórios à Capela do Senhor da Serra mantiveram viva, apesar de tudo, a importância da Quinta nas fases de abandono em Oitocentos, mas como as festas foram perdendo a sua vitalidade também a capela foi caindo em ruína acelerada, bem como os jardins aristocráticos, que perderam irremediavelmente as suas valências. Como se disse, com as pilhagens descontroladas dos anos 80 do século passado, ainda se perdeu o altar barroco de mármore da capela e o notável revestimento de azulejos, sendo hoje uma mera estrutura arruinada onde mal perpassam as referências a um passado de opulência e significação hierofânica… Num cimo de cabeço contíguo ao perímetro da Quinta, outro lugar de referência era e continua a ser o dólmen do Senhor da Serra, ou Pedra dos Mouros, relevante testemunho funerário da fase neolítica, cujo espólio arqueológico, escavado em 1880, era esplendoroso pelas referências à cultura almeriense e ao megalitismo alen-

42 Ver LEITE 1995: 217 e 225.
43 Cf. SANTOS 2016: 61-62.

tejano. Era muito estimado pelos peregrinos durante as romarias ao Senhor da Serra e lugar de rituais efemérides. Também se encontra em estado de ruína e falta de cuidados preventivos.

É certo que as vicissitudes por que o conjunto palatino de Belas foi passando, entre épocas de apogeu e de declínio, com várias fases de abandono, de descaracterizações e de rapina dos seus acervos, alternando tempos de sucessos e misérias, ajudaram a depauperar as riquezas que, à data do poema de Caldas Barbosa, eram ainda definidas como «portentosas». A ruína de alguns corpos, as intervenções mal acauteladas, as reutilizações indevidas, a subtracção de acervos e as fases de pilhagem de bens contam-se entre os cancros que inevitavelmente delapidaram o paço quatrocentista e lhe retiraram parte substantiva do seu perfil histórico.

Apesar de tudo, o esforço desenvolvido pelo actual proprietário, Arquitecto José Vitorino, no sentido da sua preservação, acompanhado pelos trabalhos de investigação histórica mais recentes, permitiram travar a ruína que parecia inapelável e devolver ao conjunto monumental da Quinta uma parte importante da sua arcana opulência. Houve um fio memorial que, de certa forma, foi reencontrado e nos permite olhar para o velho Paço, na sua sucessão de campanhas, com uma coerência que por certo existia, mas que não era explícita ao olhar do visitante.

7. A campanha de Cyrillo Volkmar Machado no final de Setecentos

Já se referiu atrás, entre as obras vultosas devidas ao mecenato dos Pombeiro e que mereceram o encómio poético de Caldas Barbosa, seu exacto contemporâneo, destaca-se a cascata e a «ruína fingida» concebida pelo pintor, arquitecto e tratadista Cyrillo Volkmar Machado (1748-1823) nos jardins da Quinta de Belas[44]. Aliás, fez outros trabalhos relevantes para o mesmo senhor, como as

44 Cf. BRAGA 2017.

pinturas a fresco de um dos salões palatinos, mas neste caso a obra desapareceu, não sendo já de Cyrillo as torpes *Alegorias às Estações do Ano,* de princípio do século XIX, que decoram um dos salões do Paço.

A figura de Cyrillo Volkmar começa a merecer da parte da historiografia da arte portuguesa uma atenção que, até anos recentes, se restringia à sua faceta de escritor (autor de uma famosa obra, a *Coleção de memórias*, de 1823, que dele fazem uma espécie de tardio 'Vasari português'). Também se valorizava o seu papel de refundador da Irmandade de São Lucas, a corporação dos pintores de Lisboa, e de dinamizador da primeira Academia de Desenho em Lisboa, sendo a sua faceta de artista, porém, bastante menosprezada. Essa perspectiva começa a ser inflectida graças a novas pesquisas conducentes a uma apreciação melhor contextualizada da sua obra, que revelam um pintor culto, sensível, com sólida formação e dotado de estilemas pessoais muito característicos e de modo algum inferiores no quadro geral da produção artística desse «tempo de Sequeiras» que é a viragem do século XVIII para o XIX[45].

Como diz o panegirista Caldas Barbosa, «ele delineou estas célebres obras; e a Razão, e a Natureza terão nelas que fazer admirar aos Vindouros a veracidade de quanto ele assim delineara» (*Descrição*: 44). Madrastas foram para a intervenção de Cyrillo em Belas, porém, a razão e a natureza: como refere a historiadora de arte Sofia Braga, só sobreviveu até aos nossos dias uma parte das intervenções de Cyrillo, a «ruína fingida», com a gruta artificial e a cascata, que veio valorizar o jardim conferindo-lhe um inusitado sabor pré-romântico. Os frescos alegóricos pintados num dos salões desapareceram. Poder-se-á afirmar, diz também Sofia Braga, que

> foi devido à ida dos Condes de Pombeiro para o Brasil em 1808, em consequência das invasões francesas, que se iniciou o ciclo de desmantelamento deste conjunto cyrilliano. O próprio Conde de Pombeiro D. José de Vasconcelos e Sousa morre no Rio de Janeiro, não voltando a Portugal (BRAGA 2017: s/p).

45 Ver BRAGA 2017: s/p.

Apenas nos chegou, da campanha cyrilliana, uma parte das «falsas ruínas», tão elogiadas na *Descrição* de Caldas Barbosa pelo arrojo da sua cenografia, com a escultura alegórica de uma divindade fluvial, recostada a um Delfim destinado a «despejar sem cessar a torrente de água» (*Descrição*: 44) sobre a arcada da gruta fingida, esta encimada por uma «casa engraçada» decorada com fantasiosos embrechados, hoje quase invisíveis. É o próprio Cyrillo quem descreve a sua intervenção, na sua memória da obra proposta à apreciação do Conde de Pombeiro, nos seguintes termos:

> O Arco que deve servir de base ao que leva em cima de si a figura da cascata, pode ser atracado com uma pequena cunha atravessada do pegão, que olha p.ª o amphiteatro até o outro pegão que fica dentro do lago, voltado p.ª a nogueira (*apud* BRAGA 2017: s/p).

Infelizmente, quase tudo foi descaracterizado pela longa fase de abandono, rapina e iconoclastia a que, como se disse, a propriedade esteve sujeita com a venda a particulares, em pleno século XIX. Em 1862, Inácio Vilhena de Barbosa ainda descreve a cascata delineada por Cyrillo, já então em franca desagregação:

> avultam mais duas obras d'arte n'esta parte plana da quinta, uma curiosa pela sua forma singular, outra pelo nome ilustre de seu auctor. A primeira é uma cascata, que ora vemos descuidada dos homens e maltratada do tempo, mas que ainda assim é original e grandiosa, deixando ajuizar da sua beleza de outrora. (*apud* BRAGA 2017: s/p.)

Pelos mesmos anos, em 1873, como se lê no *Portugal antigo e moderno*, Pinho Leal regista «n'esta quinta uma magestosa cascata, mas bastante despresada» (*apud* BRAGA 2017: s/p.).

Em 1870, trabalhou na propriedade o engenheiro de origem italiana Higino Gagliardi, chamado por D. António de Castelo-Branco, 3.º Marquês de Belas e descendentes da vergôntea familiar Pombeiro-Belas, com a finalidade de adequar a histórica quinta a novas funções rentabilizáveis, transformando-a numa espécie de «estabelecimento industrial e agrícola de primeira ordem». Muito do

que fora idealizado pelo espírito culto de D. José de Vasconcelos e Sousa desaparecia assim, inapelavelmente, face a novos interesses de exploração agrícola e rentabilização económica fomentados pelo 3.º Marquês de Belas, que vinham alterar a envolvência paisagística, destruindo os recantos de lazer, os lugares de fresco, o idílio da ribeira navegável, os sítios de recreio e, sobretudo, a qualidade ímpar do património botânico da propriedade. Destruiram-se, por exemplo, o bosque de Acácias, Pinhos d'Alepo, Ciprestes, Ulmeiros, Freixos, Faias e Silvas. Abateu-se um bosque com uma infinidade de árvores que embelezavam a rua grande que ligava a cascata ao obelisco, para dar lugar a uma plantação de eucaliptos, e perdeu-se irremediavelmente o espírito de lugar tão exaltado no poema de Caldas Barbosa. O próprio sistema hidráulico da quinta pereceu face a uma rede de pontes e pequenos aquedutos que, entretanto, se ergueram.

Trata-se de uma negligência gravosa e imperdoável, dada a importância do projecto cyrilliano. Como diz Sofia Braga a respeito de Cyrillo e desta sua obra no jardim de Belas, à sua da sua vertente pré-romântica,

> o desvelar da sua obra remete para uma versatilidade ímpar, fruto das confluências artísticas que absorveu durante o seu percurso pessoal: o conhecimento e admiração pelos modelos do classicismo italianizante apreendido nas suas viagens, e um pré-romantismo britânico oriundo dos seus amplos contactos, que conjuga coerentemente com as suas próprias raízes portuguesas. E é com base nesta amálgama de influências que o artista sedimenta a sua própria plasticidade, claramente constatável na recente descoberta de mais uma obra cyrilliana: uma gruta artificial com uma falsa ruína – muito provavelmente a primeira de que há notícia em Portugal –, tendo permanecido inédita e totalmente desconhecida do nosso panorama cultural. Este conjunto revela ser um elemento de arquitectura paisagista bastante original, já enunciadora de um espírito pré-romântico (BRAGA 2017: s/p.).

Era este o gosto oficial, entre um discreto alinhamento com o neoclassicismo e a liberdade possível para ardências pré-românticas, que se destaca no projecto da cascata cyrilliana. Por certo deu que

falar e gerou deslumbramento por parte de uma elite aristocrática na qual se destacavam o príncipe-regente D. João (1767-1826) e D. Carlota Joaquina (1775-1830), e que é tão bem caracterizada no poema de Caldas Barbosa. No então belíssimo jardim da Quinta conjugaram-se influências derivadas do jardim clássico italiano, muito apreciado em Portugal, e do jardim dito «à inglesa», como lembra Carl Israel Ruders: «O jardim de Belas, pelos seus bosques cheios de sombras, pelos seus pavilhões erguidos em sítios obscuros, pelos seus solitários bancos de relva e assentos de cortiça, desperta em nós uma suave melancolia» (Braga 2017: s/p.).

Cyrillo conheceu de perto João Carlos de Bragança (1719-1806), 2.º Duque de Lafões, outro dos frequentadores do *Parnaso de Belas*, tendo executado em 1791 para o seu palácio, na zona do Beato em Lisboa, um dos seus mais importantes ciclos de pintura alegórica. Esta figura ilustre da elite lisboeta, o 2.º Duque de Lafões, era um anglófilo que tinha inclusive mandado fazer no seu jardim uma gruta fingida, similar à que se localiza no parque de Stourhead. Crê-se que Cyrillo, na sua concepção pré-romântica *avant la lettre* para o jardim da Quinta de Belas, tivesse tomado inspiração, e algum modo, nessa inovação existente no palacete Lafões. Malogradamente, da imponente obra cenográfica de Cyrillo, tão encomiasticamente escrita por Caldas Barbosa como «obra portentosa», remanesce apenas uma parte reduzida e já descaracterizada, como aliás já foi referido. Na actualidade, apenas sobrevivem, em abandono, a gruta artificial e parte da falsa ruína.

8. O Paço Real, do apogeu à ruína

A partida dos Condes de Pombeiro para o Brasil, em 1808 (lá morrerá D. José de Vasconcelos e Sousa, sem nunca mais regressar a Belas), em consequência das invasões francesas, abriu campo ao lento mas inexorável abandono, que desmantelou recheios intestinos do paço e as frondosidades botânicas dos jardins.

Procedeu-se, entretanto, à venda da propriedade, que perde neste processo muitas das suas valências históricas e artísticas que não foram devidamente acauteladas na transacção. Muitos dos recheios dos salões já teriam saído aquando da partida dos Condes de Pombeiro para o Rio de Janeiro e o resto dispersou-se. Em 1862, Inácio Vilhena Barbosa refere o abandono do paço e alude aos jardins nobres, não esquecendo, ainda, a cascata de Cyrillo, estando tudo já bastante desprezado:

> avultam mais duas obras d'arte n'esta parte plana da quinta, uma curiosa pela sua forma singular, outra pelo nome ilustre de seu auctor. A primeira é uma cascata, que ora vemos descuidada dos homens e maltratada do tempo, mas que ainda assim é original e grandiosa, deixando ajuizar da sua beleza de outrora (BRAGA 2017: s/p).

O título nobiliárquico de Marqueses de Belas fora criado por D. Maria I em 1 de Dezembro de 1801, em favor de D. Maria Rita de Castelo Branco Correia da Cunha (1769-1822), 6.ª condessa de Pombeiro, 12.ª senhora de Belas e 14.ª administradora do Morgado de Castelo Branco, e que foi a mecenas do poeta Caldas Barbosa. A criação do título, ao invés de prestigiar uma vergôntea com seculares pergaminhos históricos, coincide afinal com a sua inexorável decadência. A D. Maria Rita sucedeu como 2.º Marquês D. António Maria de Castelo Branco Correia a Cunha Vasconcelos e Sousa (1842-1891), 9.º conde de Pombeiro, em virtude de seu pai, D. José Inácio Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, 8.º conde de Pombeiro, ser partidário de D. Miguel, não lhe tendo sido, por isso, renovado o título de Marquês de Belas. Ainda foi titular José Inácio de castelo Branco Correia da Cunha Vasconcelos e Sousa (1878-1965)[46].

Tendo falhado o citado projecto de Hygino Gagliardi para reabilitação dos espaços da quinta em termos de rentabilização agrícola,

46 Com a implantação a República e o fim o sistema nobiliárquico, foi pretendente ao título de Marquês de Belas José Antônio de Castelo Branco de Macedo Soares, bisneto do último titular.

a propriedade é hipotecada em 1878 pelo Marquês de Belas à Companhia de Crédito Agrícola e será adquirida em hasta pública pelo capitalista José Borges de Almeida. São tempos de ruína e desprezo pelo secular património da Quinta de Belas. Em 1942, existiu um projecto para construir em espaços dos outrora opulentos jardins um silo, com galinheiros e pocilgas, que não teve aval da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e por isso se gorou. Era urgente pôr cobro aos desmandos e travar a ruína sem freios, o que levou a DGEMN a iniciar em 1943 um processo de salvaguarda que culmina com a sua classificação como Imóvel de Interesse Público.

Em 1944, o Palácio e a Quinta de Belas passam por compra para mãos do industrial Júlio Martins, proprietário da Sociedade Agrícola e Abastecedora Sagrial, sendo desta nova tutela o convite feito ao arquitecto Raul Lino (1880-1974) para adaptar, para efeitos de aí se instalar uma Estalagem, o conjunto de edifícios devolutos situados à entrada da propriedade. O projecto gorou-se. Lino intervirá também no velho Paço real, num trabalho por certo parcelar, e inglório, por falta de vontade e de meios que assegurassem continuidade, mas essa vistoria técnica permitiu elaborar diagnósticos sobre o periclitante estado e conservação das estruturas.

O tempo que decorre entre 1808 e o final do século passado foi de profunda decadência do histórico Paço de Belas, que viveu a sua fase de maior declínio. A incúria geral, aliada à falta de meios das tutelas e à insensibilidade dos proprietários, contribuiu para agravar um cenário desolador que, infelizmente, se manteve até anos recentes. A descaracterização do conjunto acentuou-se ainda mais em 1994 – como se tal pudesse ser possível! – com a construção do viaduto da Circular Regional Exterior de Lisboa (CREL), que contribuiu para agravar a ruína do jardim (e do Obelisco), e que interfere visualmente, de modo assaz negativo, com a escala harmoniosa dos espaços de jardim. O funcionamento de uma pedreira em terreno adjacente contribuiu também, com as suas descargas, para mutilar parte do património edificado, de que é triste exemplo o Obelisco neoclássico de Barros Laborão...

9. Do abandono à ressurreição possível, uma história de misérias e sucessos

O actual proprietário da Quinta de Belas, senhor arquitecto José Vitorino, associou-se a outro arquitecto, João Rito, para promover um plano de recuperação do Paço Real de Belas e da sua envolvente natural. Esse projecto foi parcialmente cumprido no que toca à zona residencial. Se em alguns dos terrenos da Quinta foram construídos picadeiros para efeitos de apoio a uma escola de equitação, bem como campos de ténis e outros equipamentos de serviço, o espaço interior do Paço sofreu cuidadosas obras de conservação e restauro, com acompanhamento histórico-arqueológico, o que permitiu travar a ruína acelerada e estudar também, em termos artísticos, a sucessão de campanhas construtivas que o corpo senhorial sofreu desde o século XIV até ao nosso tempo.

Em 2010, no âmbito do projecto *Recuperação de estruturas hidráulicas, muros e pavimentos em jardins,* coordenado pela EEA Grants, sob orientação da Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos, a mata do Senhor da Serra e o espaço do antigo jardim do Paço foram finalmente intervencionados. Impõe-se, porém, que essa intervenção prossiga, e que nela se integrem os vários elementos que estão ainda, infelizmente, muito desprezados e ao abandono, como sejam a cascata e a 'falsa ruína' da autoria de Cyrillo, os oratórios da Via Sacra barroca e o escadório de acesso à Capela do Senhor da Serra, entre outros elementos testemunhais de um frutuoso passado histórico que urge reabilitar e dar a conhecer. No momento em que o poema de Caldas Barbosa conhece edição comentada e estudo botânico especializado, é importante que estas linhas e acção prioritária se cumpram.

Em jeito de epílogo, e como indicações com futuro, é imperioso que um plano de salvaguarda com acento pluridisciplinar possa ser implementado na quinta, revalorizando as suas unidades patrimoniais e destacando mais e melhor as componentes histórico-artísticas.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Carlos de (1969) – *Solares portugueses.* Lisboa: Livros Horizonte.

AZEVEDO, Carlos de; FERRÃO, Julieta; GUSMÃO, Adriano de (1963) – *Monumentos e edifícios notáveis do Distrito de Lisboa,* vol. III. Sintra, Oeiras, Cascais. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

AZEVEDO, José Alfredo da Costa (1982) – *Velharias de Sintra*, vol. IV. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

BARBOSA, Domingos Caldas (1799) – *Descrição da grandiosa quinta dos Senhores de Belas e notícia do seu melhoramento, oferecida à Ilustrissima e Excelentissima Senhora D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, Condeça de Pombeiro, e Senhora de Bellas por seu humilde servo e beneficiado Domingos Caldas Barbosa, capelão da relação.* Lisboa: Tipografia Régia Silviana.

BARBOSA, Inácio (1862) – «Quinta dos Senhores de Belas». *Arquivo pittoresco. Semanário ilustrado*, n.º V: 290.

BARROCA, Mário Jorge (1997) – «Torres, Casas-Torres ou Casas--Fortes. A concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)», *Revista de História das Ideias,* vol. 19. Coimbra: Instituto de História e Teorias das Ideias-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 39-103.

BARROCA, Mário Jorge (2003) – «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)». *Portugália: revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,* vol. XXIV. Porto: FLUP: 95-112.

BIBLIOTECA NACIONAL (1931) – *Index das notas dos vários tabeliães de Lisboa* [...]. Tomo I.

BRAGA, Sofia (2017) – «The artificial cascade of Cyrillo Volkmar Machado in the farm of Belas: challenges for his preservation» in *Preserving cultural heritage: your way or my way?* (coord. Joaquim Rodrigues dos Santos). Lisboa: Caleidoscópio [no prelo].

CARITA, Hélder; CARDOSO, Homem (1987) – *Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: o da originalidade e desaires desta arte.* Lisboa: edição dos Autores.

CASA, João Carlos V. Almeida (2008) – *Os senhores da casa de Belas. História e património local.* Amadora: [ensaio inédito, disponível em cópia pelo autor].

CASTILHO, Júlio de (1954) – *Lisboa antiga. O Bairro Alto*. 3.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

COELHO, Teresa Campos (2014) – *Os Nunes Tinoco: uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVI e XVII*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas [por publicar].

CORREIA, Ana Paula Rebelo (2005) – *Histoires en azulejos: miroir et mémoire de la gravure européenne. Azulejos baroques à thème mythologique dans l'architecture civile de Lisbonne. Iconographie et sources d'inspiration.* Dissertação de Doutoramento. Louvain: Université Catholique de Louvain-Faculté de Philosophie et Lettres-Département d'Archéologie et d'Histoire de l'Art.

COSTA, João Paulo de Oliveira e (2011) – *D. Manuel I: 1469-1521: um príncipe do Renascimento.* Lisboa: Temas e Debates.

DELAFORCE, Angela; *et al.* (1998) – «A fountain by Gianlorenzo Bernini and Ercole Ferrata in Portugal». *The Burlington Magazine.* Vol. 140, n.º 1149: 804-811.

DESWARTE-ROSA, Sylvie (1992) – *Ideias e imagens em Portugal na época dos Descobrimentos. Francisco de Holanda e a teoria da arte.* Lisboa: Difel.

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (1985) – «Património histórico, artístico e natural ameaçado de destruição da Freguesia de Belas, concelho de Sintra». *Sistema de informação. Património Arquitectónico* (*SIPA*) http://www.monumentos.pt/Site/ APP_PagesUser/SIPA Archives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2--96d9994cc361eaf1&nipa= IPA.00006102.

FARIA, Miguel Figueira de (2008) – *Machado de Castro (1731-1822).* Lisboa: Livros Horizonte.

FARIA, Miguel Figueira de (2012) – «A epopeia da escultura de Machado de Castro», in catálogo da exposição *O virtuoso criador: Joaquim Machado de Castro 1731-1822.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 103-117.

FERNANDES, Carla Varela (2001) – *Memórias de pedra. A escultura tumular medieval da Sé de Lisboa.* Lisboa: IPPAR.

FIGUEIRA, Paulo (2014) – «Carlos António Leoni – o pintor do infante D. Manuel», *Brotéria: Cristianismo e cultura.* Vol. 178, n.º 1: 55-72.

FRIAS, Visconde de Sanches (1998) – «Os architectos Frias», *Revista Archeológica*. Vol. 3: 45-53.

GAGLIARDI, Hygino (1872) – *Breves idéas acerca da hygiene e da agricultura em Portugal.* Lisboa: Tipografia Portuguesa.

GOMES, Paulo Varela (2001) – *Arquitectura, religião e política em Portugal no século XVII. A planta centralizada.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GOMES, Saul António (2009) – *D. Afonso V: o Africano.* Lisboa: Temas e Debates.

KUBLER, George (1967) – *The antiquity of the art of painting by Felix da Costa.* London and New Haven*:* Harmondsworth.

LAVANHA, João Baptista (1621) – *Viagem da Católica Real Magestade del Rey D. Filipe II N. S. do Reyno de Portugal [...]*. Madrid: Thomas Unuti.

LEAL, Augusto Pinho (1873) – *Portugal antigo e moderno. Diccionario geographico, estatistico, chrographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal,* vol. I. Lisboa: Matos Moreira & Companhia.

LEAL, Mendes (1866) – «D. João Carlos, duque de Lafões». *Arquivo pitoresco. Semanário ilustrado,* n.º IX. Lisboa: 146.

LEITE, Ana Cristina (1995) – «Alegorias do mundo: a arte dos jardins», in *História da arte portuguesa* (dir. Paulo Pereira). Lisboa: Temas & Debates/Círculo de Leitores: 206-231.

LINO, Raul (1957) – «Uma obra de arte esquecida». *Belas-Arte*s, 2.ª série, n.º 10: 14-21.

MAGALHÃES, Fátima, coord. (1998) – *Roteiro do património medieval da Região de Lisboa e Vale do Tejo.* Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo.

MEGIANI, Ana Paula (2011) – «Entre comidas públicas e merendas íntimas: alimentação, cerimonial e etiqueta de mesa no tempo dos Filipes», in *A mesa dos reis em Portugal* (coord. Ana Isabel Buescu e David Felismino). Lisboa: Círculo de Leitores / Temas e Debates.

MENDES, Rui Manuel Mesquita (2018) – «Luís de Frias Pereira (+1641): contributos para uma biografia histórica e artística». *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*, n.º 5. Lisboa [aguardando publicação].

NOÉ, Paula, VALE, Teresa Leonor do, GOMES, Carlos (1990-1995) – «Paço Real / Palácio da Quinta do Marquês / Palácio da Quinta do Senhor da Serra» in *Sistema de informação Património arquitectónico* (*SIPA*). http://monumentos.pt. N.º IPA: 00006102.

PENTEADO, Pedro (1998) – *Peregrinos da memória. Contribuição para a história do santuário de Nossa Senhora da Nazaré.* Lisboa: CEHR. [republicação da tese de mestrado *Nossa Senhora da Nazaré. Contribuição para a história de um santuário português (1600-1785*), apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa].

PONTE, Teresa Cristina Rossas da (2013) – *Estruturas residenciais dos Condes de Pombeiro: o Paço de Belas.* Tese de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural. Coimbra: Universidade de Coimbra.

RACZYNSKY, A. (1846) – *Les arts en Portugal.* Paris: Jules Renouard et C.ª.

RIBEIRO, José Cardim; SERRÃO, Vítor (1985), «A quinta e palácio do Senhor da Serra em Belas», *Jornal de Sintra* de 12 de abril.

RIBEIRO, Nelson Porto, *et al* (2009) – *Recuperação estrutural de um alto-relevo em argamassa de cal e areia.* Rio de Janeiro: Ópera Prima – Arquitectura e Restauro, Lda.

RODRIGUES, Rui (2011) – *Las quintas como sistema de estructuración del territorio de Portugal. El caso de la Quinta do Senhor da Serra. Análisis arquitectónico y territorial.* Tese de Doutoramento. Sevilha: Universidade de Sevilha-Escuela Técnica Superior de Arquitectura.

RODRIGUES, Rui; CASA, João; OLIVEIRA, Rui (2012) – «Cena mitológica do julgamento do Rei Midas: história e origem do painel brutesco em baixo relevo do Paço senhorial de Belas», *Revista Tritão* (*on line*), n.º 1 (dezembro): 2-20.

RUÃO, Carlos (2006) – *'O Eupalinos moderno'. Teoria e prática da arquitectura religiosa em Portugal (1550-1640).* Tese de doutoramento, Coimbra, Universidade de Coimbra.

RUDERS, Carl (2002) – *Viagem em Portugal, 1798-1802.* Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos (2016) – «As falsas ruínas do Romantismo em Portugal». *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*, n.º 4. Lisboa: 58-67.

SAWAYA, Luiza (2015) – *Domingos Caldas Barbosa: herdeiro de Horácio. Poemas no Almanak das Musas: estudo crítico.* Lisboa: Esfera do Caos.

SERRÃO, Vítor (1984-88) – «Documentos dos protocolos notariais de Lisboa referentes a artes e a artistas portugueses (1563-1650)». *Boletim Cultural da Assembéia Distrital de Lisboa*, III série, n.º 90. Lisboa: 55-103.

SERRÃO, Vítor (2002) – *O Renascimento e o Maneirismo.* Lisboa: Editorial Presença.

SILVA, Ana Raquel; Rui MATALOTO (2000) – *Intervenção arqueológica no Castelo de Periscoxe – Relatório.* Loures: Câmara Municipal de Loures.

SILVA, José Custódio Vieira da (1995) – *Paços medievais portugueses*. Lisboa: IPPAR.

SIMÕES, João Miguel dos Santos (1979) – *Azulejaria em Portugal no Século XVIII.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [2.ª ed., revista, 2010].

SOUSA VITERBO, Francisco Marques de (1899-1922) – *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses,* vol. I-III. Lisboa: Imprensa Nacional.

STOOP, Anne de (1986) – *Quintas e palácios nos arredores de Lisboa*, fotografias de Maurício Abreu. Porto: Livraria Civilização.

Anexo Fotográfico

Fachada do Paço dos Senhores de Belas, com guarita gomeada de tradição renascentista e leão sobre coluna.

Antiga porta de entrada do Paço Senhorial de Belas com a mesma guarita gomeada vista do pátio interno.

Pátio palatino, com a estrutura gótica e as adições renascentistas.

Vestígios intestinos de campanhas construtivas e reutilizações de espaços, detetados na intervenção de conservação e restauro no pátio interno.

Torre senhorial gótica, atestando várias fases construtivas e outros espaços palacianos.

Atual grande sala restaurada com vestígios de distintas campanhas.

Entrada para a Capela.

Escudo esquartelado com as Flores-de-lis das armas dos Atouguia.

Obelisco neoclássico, da autoria de J. Barros Laborão, comemorativo de uma visita real - - 1795.

Pormenor da figura mutilada do anjo, que adorna o obelisco.

Cascata com gruta artificial, projeto da autoria de Cyrillo Volkmar Machado, final do século XVIII.

Painel de *stucco* seiscentista com cena do julgamento do rei Midas, muito arruinado.

Gravura de Hendrick Goltzius, fonte de inspiração do painel de *stucco*.

Alameda dos Plátanos.

Fontenário da autoria de Ercole Ferrata, discípulo e colaborador de Bernini, que esteve no jardim do Paço de Belas, atualmente no Palácio Nacional de Queluz.

I

Descrição da Quinta de Belas

Domingos Caldas Barbosa